SET

CINEM

EDITORA AZUL

56330001 - Ed. 49 - Ano V - Nº 7 - Cr$950,00

FILME B
O LIXO DIVERTIDO

COMÉDIAS EM HOLLYWOOD
A DIFÍCIL ARTE DE FAZER RIR

MADONNA!
NA CAMA, EM CANNES, EM CARTAZ, EM TODO LUGAR!

VIDEOLANÇAMENTOS

BANG! BANG!
O CHARME DO WESTERN

E MAIS 40 LANÇAMENTOS

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO
À venda na Zona Franca de Manaus

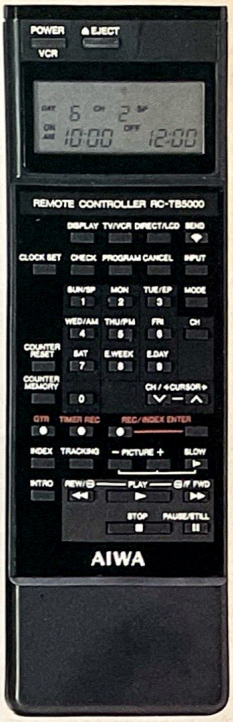
Digital Audio & Video
AIWA®
2-11, Ikenohata 1 - chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

AMAZONAS - MANAUS — CEP: 69003 GETULIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) RUA MUNDURUCUS, 114 FONE (092) 223.2633
DISTRITO FEDERAL — BRASÍLIA — CEP: 70730 VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA SCRN 704/5 BLOCO H LOJA 9 FONE (061) 274.9085
PARA — BELEM — CEP: 66030 VIDEO CHECK SISTEMAS ELETR. LTDA. TRAVESSA 14 DE ABRIL, 1674 - FONE: (091) 229.2761
PARANÁ — LONDRINA — CEP: 86015 ELETRONICA HIGHTEC S/C LTDA. RUA GOIÁS, 1515. FONE (0432) 231813
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22600 VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. RUA OLEGARIO MACIEL, 460 - LOJA E - BARRA - FONE (021) 399-1171
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22280 VIDEOMATIC COML. ELETR. LTDA. R. GAL. POLIDORO, 177 LJ. D BOTAFOGO FONE (021) 295-3849
SÃO PAULO — SÃO PAULO — CEP: 04528 ELETRÔNICA PAL'M (TECNOVIDEO) R. DO SUMIDOURO, 305 — PINHEIROS FONE (011) 813.6300

iferença Digital

ogia em Videocassete da AIWA

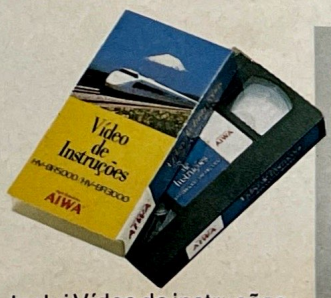


HV-BR5000 VHS
M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS
M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática



Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil

TAKES

LOIRA NADA
É HOMEM COM H

El niño terrible do cinema espanhol, **Pedro Almodóvar**, 42 anos, está agora batendo recordes de público também nas livrarias de Madrid. Seu primeiro livro, *Patty Diphusa e Outros Textos*, está prestes a adquirir o selo de best-seller. O autor considera seus escritos "um adeus nostálgico aos luxuriosos anos 80, já que os 90 serão absolutamente tediosos, estigmatizados pela fidelidade e o bom senso". Na primeira parte do livro, ele conta as aventuras noturnas de uma "heroína saudável e totalmente promíscua", a *photo-strip-porno-star*, Patty Diphusa. O livro contém ainda artigos de Almodóvar publicados em jornais e o ensaio: "Conselhos para Quem se Tornar um Diretor Internacionalmente Famoso". Seu novo filme, *Tacones Lejanos*, vem aí, e traz o pobre Miguel Bosé travestido que é uma beleza.

Miguel Bosé e seu *look* travestido no filme *Tacones Lejanos*

- Jim Abrahams, um dos criadores de *Apertem os Cintos*, está preparando *Hot Shots! An Important Movie*, uma sátira a *Top Gun* e ao maior espetáculo exibido no primeiro semestre: a Guerra no Golfo.

- Sandrine Bonnaire e Bruno Ganz estão juntos em *Praga*. Direção de Ian Sellar, com locações na capital tcheca.

- Jerry Lewis está no Alasca para filmar com o diretor premiado Emir Kusturica. Com eles: Nicolas Cage, Faye Dunaway e Johnny Depp.

Stills

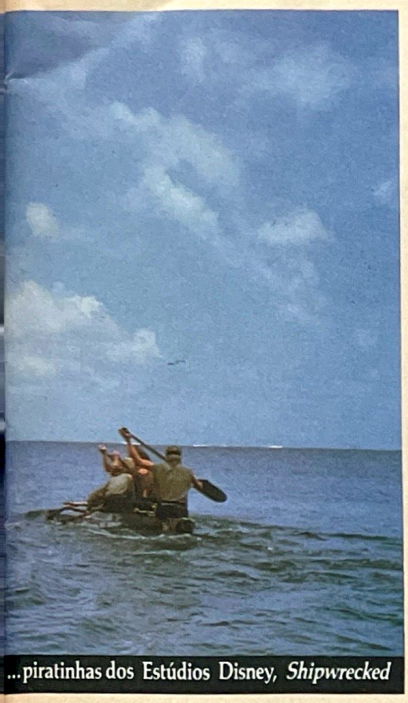
O barquinho vai, a tardinha cai na nova história de...

VÍDEO I
DANÇA COM COSTNER

A Orion, a produtora de *Dança com Lobos*, não mede esforços quando se trata do astro-prodígio Kevin Costner. A empresa está planejando fazer o lançamento em vídeo em duas versões. Juntamente com a versão de três horas — a mesma exibida nos cinemas —, ela colocará no mercado americano o que eles chamam de "director's cut", que reduz o épico indianista a 52 minutos. Segundo o semanário *Variety*, essa versão vai incluir uma entrevista com o diretor-ator e o "making of" de *Dança com Lobos*. Outra novidade: um livro que narra as histórias da produção também pode fazer parte do pacote. Espera-se que a Abril Vídeo, a empresa que distribuirá o vídeo por aqui, faça pelo menos metade dessas promoções.

Costner e os índios na frente da câmera: *Dança com Lobos* em nova versão

Warner



...piratinhas dos Estúdios Disney, *Shipwrecked*

AVENTURA

DE GAIATO NO NAVIO

Ainda existe uma produtora chamada Walt Disney, especializada em filmes infantis (depois de criada a rentável Touchstone, era de se pensar que eles tivessem esquecido a linha "pom-pom"). Pois é, eles estão aí com *Shipwrecked*, dirigido pelo norueguês Nils Gaup. O filme é uma aventura de piratas que se passa em 1849. Um garoto, do alto de seus 14 anos, é forçado a trabalhar num navio para pagar as contas da família. Ele acaba numa ilha deserta, onde descobre uma caverna atulhada com o tesouro pirata. Gabriel Byrne, de *Ajuste Final*, é o nome mais conhecido do elenco.

Columbia

Turturro e Farina em *Men of Respect*: traição e morte na disputa dos gangsters

GÂNGSTER

RAPAZ DE RESPEITO

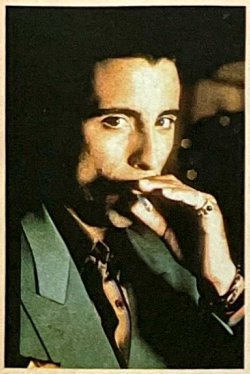
John Turturro é assim. Entre um filme e outro dos irmãos Coen (fez *Ajuste Final* em 1990 e ganhou em Cannes, este ano, como melhor ator por *Barton Fink*, também dos dois cineastas), ele arrumou mais um papel de gângster. *Men of Respect* é uma atualização do texto de *Macbeth*, e, apesar do título lembrar muito *Os Bons Companheiros*, não traz Robert De Niro nem é dirigido por Martin Scorsese. Essa história sobre o submundo de Manhattan é dirigida por William Reilly e tem ainda, no elenco, Rod Steiger, Peter Boyle e Dennis Farina.

- Robert Altman volta ao estilo *Nashville*. Vai realizar *L.A. Short Cuts*. A cidade é outra, mas afirma-se que o "espírito" é o mesmo.

- Confirmado: o cantor Phil Collins vai mesmo integrar o elenco de *Hook*, a versão de *Peter Pan* de Spielberg. Já se sabia que Dustin Hoffman, Robin Williams e Julia Roberts estavam escalados.

"Eu acho que Coppola nem sabia quem eu era."

Andy Garcia, comentando sua indicação pela Paramount para o papel de Vincent em *O Poderoso Chefão III*



Paramount

TESTE

CARA DE UM, FUÇA DE QUEM?

É quase infinito o número de atores e atrizes que representaram personalidades da história, cantores ou mesmo estrelas de cinema. Dez deles estão aqui. Relacione o ator ao seu personagem corrrespondente. Respostas ao lado.

a4: Gérard Depardieu será Cristóvão Colombo em 1992; b2: Jessica Lange é Frances Farmer, em *Frances*; c6: Gary Oldman representou Sid Vicious em *Sid & Nancy*, *O Amor Mata*; d5: John Goodman deverá ser *Fred Flintstone*; e1: Faye Dunaway assumiu sua porção Joan Crawford em *Mamãezinha Querida*; f8: Carla Camuratti vivenu a *Eternamente Pagu*; g 7: Ben Kingsley se fez de *Ghandi*; h3: Leon Cakoff apareceu de Getúlio Vargas em *O País dos Tenentes*.

Columbia

Barbra de olho no futebolista Nolte, em *Prince of Tides*: e os trinados?

ROMANCE

DE BICO CALADO

Barbra Streisand, 49 anos, volta às câmeras para dirigir *The Prince of Tides*. Com lançamento programado para este semestre nos Estados Unidos, a cantora-atriz-produtora-diretora aparece como uma psiquiatra, cuja paciente está à beira do suicídio. A verdade é a seguinte: a doutora está, de fato, de olho no irmão da suicida, o professor e técnico de futebol Nick Nolte. A base do romance "são as novas descobertas que eles fazem sobre eles mesmos". Embora a cantora tenha uma legião de fãs no Brasil, espera-se que ela poupe parte da audiência na hora que soltar seus trinados nas cenas de amor ou de rebeldia. Ah, sim! Não há nenhum indício de que o filme seja um musical. Será que Barbra conteve seus ímpetos de rouxinol primaveril?

CINEMA NACIONAL

A SANTINHA DO CENTRO-OESTE

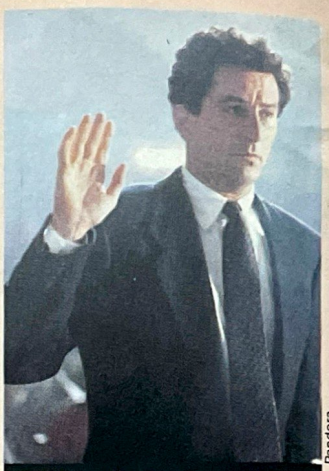
Milagreira, profetisa, curandeira, guerreira, líder popular, Santa Dica (não confundir com bom conselho), comandou um movimento messiânico nos anos 20 e 30 em Goiás. Esquecida pela historiografia oficial, Santa Dica tornou-se heroína no filme de Carlos del Pino, *República dos Anjos*, que, no segundo semestre, deverá estar nas telas do país. Rodado quase todo em Goiás, onde viveu a "santa", nas cidades históricas de Pirenópolis e Vila Boa, o filme conta a saga de Benedita Cypriano Gomes, nascida em 1906 e morta em 1970. Santa Dica, **Denise Milfort**, participou das revoluções de 30 e 32, comandou tropas e fez milagres, virando o mito do Centro-Oeste. Contracenando com Denise, **Marcelo Picchi**, no papel do jornalista Mário Mendes, politiqueiro que se casa com Dica. Tânia Alves, Gilson Moura, Edney Giovenazzi, Malu Moraes e Marilena Chiarelli estão também no elenco, ao lado de 3 700 figurantes. O cantor Fagner, autor da música-tema do filme, faz sua estréia no cinema no papel do poeta Jorge de Lima. *República dos Anjos* teve sua montagem interrompida em março de 1990 (Plano Collor), para ser reiniciada só em abril de 1991, com o apoio da TV Espanhola.

Helena Salem

Denise Milfort, a Santa Dica, e Marcelo Picchi, em *República dos Anjos*

VÍDEO II

AGORA, NO CINEMA



Pandora

De Niro: culpado pelo macarthismo

Os grandes estúdios e distribuidoras de cinema criaram suas distribuidoras de fitas de vídeo coligadas e ocuparam rapidamente o mercado. No Brasil, a coisa foi inversa. Há seis anos no mercado de vídeo, a Look passa agora a distribuir com a Pandora Filmes também fitas de cinema. Seu primeiro pacote é quente. Para este ano, as surpresas são: *Guilty By Suspicion*, com Robert De Niro como um diretor de cinema dos anos 50 perseguido pelo macarthismo; o premiado no 19.º Festival de Cinema de Horror de Avoriaz: *Tales from the Darkside* (melhor filme); *Rhapsody in August*, de Akira Kurosawa, com Richard Gere; *A Voz da Lua*, de Federico Fellini; *The Legend of the Holy Drinker*, com Hutger Hauer (melhor filme no festival de Veneza); *O Pequeno Diabo*, com Roberto Benigni (leia Em Cartaz); *Two Evil Eyes*, dos mestres do horror Dario Argento e George Romero. Com esse número de novidades, o cinéfilo vai poder se refestelar nesse 2.º semestre de 1991. E, o que é melhor, ele pode escolher: em casa ou nos cinemas.

Nesta revista
você vai ver a grande
contribuição
da Philips
para o cinema.
Veja na página 09.

Vídeo evolução vezes três.

SUPER 4-HEAD J38BR

VHS
PAL-M

Quantas vezes é possível melhorar um videocassete?
A Panasonic apresenta um vídeo três vezes melhor: Panasonic J38BR.

1. Chassi monobloco de alumínio fundido. Protege os componentes vitais por muito mais tempo.
2. Uma nova e simples maneira de copiar fitas em NTSC, através de sua câmera de vídeo VHS, quando diretamente conectada no seu J38BR.

3. Novo Sistema Super 4 Cabeças. Permite movimentos suaves e imagens sempre nítidas, mesmo em slow motion.

Some tudo isso à avançada tecnologia Panasonic, assuma o Controle Remoto Digital Scanner - LCD exclusivo, e aumente muitas vezes o seu prazer de assistir vídeo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

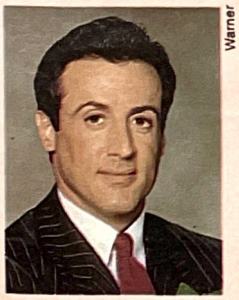
ERÓTICOS

ESPECIAL DE SET NAS BANCAS

Depois de 1000 VÍDEOS, está chegando às bancas mais uma edição especial indispensável para os freqüentadores das locadoras. SET VÍDEO ESPECIAL ERÓTICOS reúne o que há de mais bonito em matéria de sensualidade. Conheça as deusas do pornô, da pré-histórica Marilyn Chambers à gatíssima dos anos 90, Tori Welles. SET ESPECIAL traz ainda uma seleção com 100 títulos disponíveis em vídeo. São 100 opções eróticas, entre pornôs e filmes de arte. Não perca seu exemplar e saiba um pouco mais sobre o gênero de fitas que já representa mais de 20% do movimento de locação no Brasil.

Fotos Sexxxy

Pornodeusas: Tori Welles e Diedre Holland

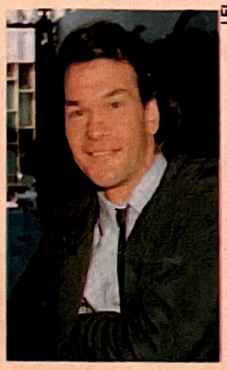


Warner

- Sylvester Stallone fazendo alarde com uma comédia que quer dar para Ivan Reitman (*Irmãos Gêmeos*) dirigir: *Stop or My Mom Will Shot!* (literalmente: *Pare, Senão Minha Mãe Atira!*).

- Sessenta milhões de dólares é o que Mel Gibson vai receber por quatro novas produções da Warner: ele insiste em *Máquina Mortífera 3*, de Richard Donner, que também vai dirigi-lo em *The Rest of Daniel. Renegades* será um western. A quarta ainda não foi divulgada.

- Kim Basinger pegou o lugar de Madonna em *Boxing Helena*, o primeiro filme de Jennifer Lynch, a filha do "semideus" David Lynch.



LFI

***"Eu não teria alma para fazer* Hamlet. *Mas adoraria fazer* Calígula."**

Patrick Swayze

MILHÕES DE CARLITOS

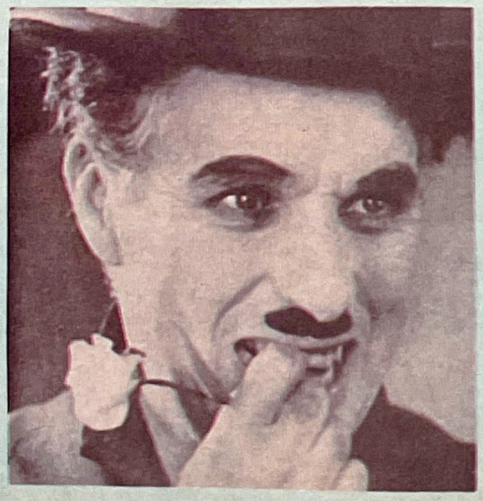
por Luiz Nazário

Pode-se ainda amar Carlitos? De tal maneira o personagem criado por Charles Chaplin tornou-se o símbolo mais atraente do mercado da imagem que se pode dizer que há, atualmente, uma inflação de Vagabundos. Estampada em camisetas, reproduzida em cartazes, recriada para anúncios e *out-doors*, revivida por comediantes de televisão, a imagem de Carlitos foi desenraizada, combinada e retorcida até se tornar uma referência obrigatória da mídia a um nebuloso sentimento de conciliação.

Esta imagem sobrecarregada encontra justificação na mistura que Chaplin faz, em seus filmes, de situações hilariantes e dramáticas, na integração do choro ao riso e do riso ao choro, como na última cena de *Luzes da Cidade*. É este aspecto de morna integração de opostos, que existe na dramaturgia chapliniana — o mendigo *bon vivant*, o ditador barbeiro, o subversivo ingênuo, o estrangulador simpático, a vítima demolidora —, que os propagandistas reivindicam na reprodução serial de sua imagem.

Na opção pelo meio-termo, Chaplin criou uma figura que pode ser recuperada por todas as tendências políticas, símbolo querido da paz e do amor. Esta massificação de Carlitos contaminou seus filmes. Agora, vai-se a eles com uma expectativa de alegria inocente e engajada, para encontrar uma confirmação da mensagem, uma amostra benfazeja de retórica humanista.

Já não se pode mais assistir aos filmes de Chaplin sem esquecer os milhões de Carlitos que a propaganda comercial e política fez proliferar no mundo. No entanto, a única maneira de neutralizar este Carlitos simbólico é voltar a ver o Carlitos verdadeiro, aquele que, alheio a tudo, serviu de bode "entusiasmatório" aos manipuladores de sua imagem. Mas, então, nossa admiração pelo gênio de Chaplin será novamente revertida em propaganda... Para escapar deste círculo vicioso é preciso mudar nossa percepção: ver Carlitos com os olhos de quem já sabe que uma imagem é apenas uma imagem e que para lutar contra os engenhos de morte e os moinhos de vento existem outros símbolos.



Chaplin no final de *Luzes da Cidade*: paz e amor

MODELO VR 6491

VÍDEO PHILIPS 4 CABEÇAS.

PARA AS GRANDES ATRAÇÕES DO CINEMA CONTINUAREM SENDO GRANDES ATRAÇÕES NA SUA CASA.

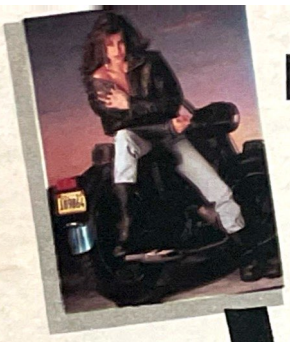
Você vai assistir uma comédia para ter uma horinha de descanso e tudo se transforma numa hora de pesadelo, com a imagem do vídeo deixando você de cabelo em pé. Está na hora de acabar com esse drama.

Vídeo Philips 4 cabeças. PAL-M/NTSC automático. Controle remoto com 53 funções. Fácil de operar. Calendário, principais funções e instruções de programação na tela. Imagem e som perfeitos. Agora, sim, a expressão "cinema em casa" alcançou seu verdadeiro significado.

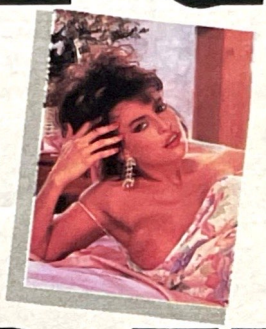
PHILIPS.
AS GRANDES ATRAÇÕES DA TV.

PHILIPS

PHILIPS



TUDO O QUE VOCÊ QUERIA SABER SOBRE VÍDEOS ERÓTICOS MAS TINHA VERGONHA DE PERGUNTAR.



A Revista Set selecionou para você os 100 melhores vídeos eróticos e organizou uma edição especial que vai dar todas as respostas às perguntas que você sempre quis fazer e nem sempre ficava à vontade para perguntar. A edição inclui matérias especiais sobre o assunto, como "Deusas do Pornô" e "As Paródias".

VÍDEO ESPECIAL

eróticos

ESPECIAL DE

SET CINEMA & VÍDEO

BREVE NAS BANCAS

EDITORA AZUL

PROGRAMA

Foto de capa: Sygma

Na capa: Madonna em *Na Cama com Madonna*

O diretor polonês Roman Polanski, presidente do júri do último Festival de Cannes, aproveitou o ensejo para causar sensação. Apregoou por todos os lados as virtudes do cinema comercial, aquele que é divertido para a platéia. A euforia mercadológica do cineasta deu comichão em muita gente, que tratou de estigmatizá-lo como fosse ele o vendilhão do templo dos criadores. Quanta conversa...

Sob os holofotes, o presidente do júri conseguiu que o Festival de Cannes versão 91 premiasse o equilíbrio entre duas facções. De um lado, os defensores de um cinema voltado para o lucro, o que faz o gosto da massa, das multidões que giram as roletas e alugam ou compram fitas de vídeo. De outro, aqueles que se batiam pela cabeça, ou seja, o cérebro primeiro, o prazer depois. Para estes, o cinema, como toda a arte, é antes uma forma de conhecimento e de invenção de mundo, donde não há como conciliá-lo com o senso comum e, portanto, com a voracidade consumista do povão multilíngüe. Cannes queria juntar indústria e vanguarda, assim como o filme vencedor dos irmãos Coen, *Barton Fink*.

Esta pendenga tipo Hollywood *versus* "Cahiers du Cinéma", a revista mais "cabeça" que se faz na França, é mais antiga do que imagina Polanski. Espelha-se no conflito eterno entre cultura popular e cultura erudita, entre latim vulgar e latim clássico, e não será a SET que vai gastar mais latim ainda em cima disso. O fato é que se não for popular (não precisa ser vulgar), o cinema não é economicamente viável e, de um jeito ou de outro, sem *Na Cama com Madonna* não há *Europa* (do holandês Lars von Trier) que se sustente. Em contrapartida, sem as invenções da linguagem feitas por caras como Eisenstein e Wenders, como é que o cinema popular faria para promover suas interessantes variações sobre o mesmo tema? Finalmente, sem o conflito entre os dois, o que é que Polanski poderia fazer da vida para chamar mais atenção?

Art Films

WEA

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 VIDEOLANÇAMENTOS
Sob o Domínio do Colt
18 OUTROS LANÇAMENTOS
30 MATÉRIA DE CAPA
A Donna do Mundo
36 ESPECIAL
A Difícil Arte de Fazer Rir
40 EM FILMAGEM
The Butcher's Wife
42 HISTÓRIA
Filmes B
46 FESTIVAL DE CANNES
48 EM CARTAZ
54 MITO
Kim Novak
56 LIVROS
57 TRILHAS
58 EQUIPAMENTOS
Saúde de Máquina
60 CARTAS
62 FILMOGRAFIAS
65 FILMOTECA
66 NOSTALGIA

AGORA ELE JÁ TEM LICENÇA PARA DIRIGIR.

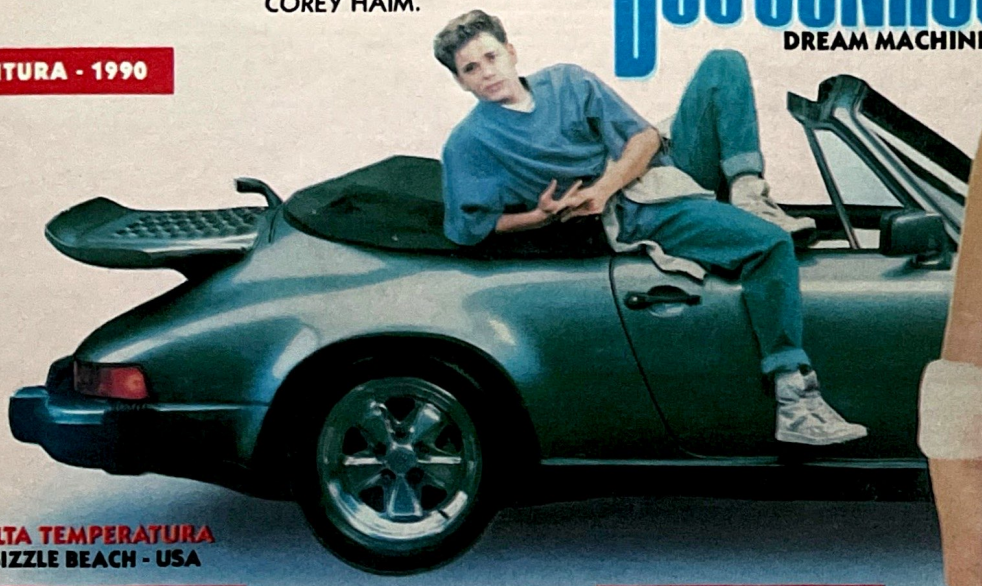
COREY HAIM em

Um carro perfeito. Uma garota perfeita,
Um assassinato "quase" ... perfeito.
Estes são os elementos que figuram nesta aventura
com este novo e sensacional astro do cinema,
COREY HAIM.

AVENTURA - 1990

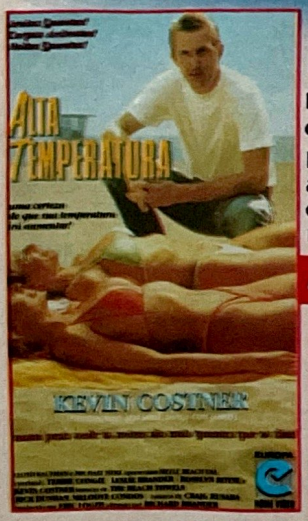
A MAQUINA DOS SONHOS

DREAM MACHINE



EM JULHO NAS LOCADORAS.
E NA COMPRA DE 2 FITAS,
VOCÊ GANHA UMA CAMISETA
PROMOCIONAL

ALTA TEMPERATURA
SIZZLE BEACH - USA



KEVIN COSTNER

Esta é uma grande parada
de pessoas que procuram
prazer e só tem um caminho,
as praias: onde o oceano
encontra a areia e os
rapazes encontram as garotas.

AVENTURA - 1976

A VINGANÇA DE SHAOLIN
STRANGER FROM SHAOLIN

Um filme no melhor estilo do
Kung-Fu e Artes Marciais.

Com WONG HANG SAU e
THOMSON KAO KAN

AVENTURA - 1989

LOUCO POR ACASO
WISHFUL THINKING

Um escritor que outrora esteve
com todo sucesso, agora amarga
a frustação do fracasso, porém, um dia
um homenzinho gentil e simpático,
lhe oferece um papel para ele "escrever
seus desejos", assim...

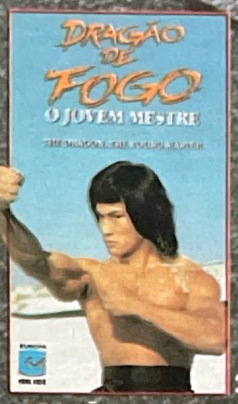
com MURRAY LANGSTON,
MICHELLE JOHNSON e BILLY BARTY

COMÉDIA - 1990

E VOCÊ TEM PERMISSÃO DE LOCAR MAIS!

THE BLACK PANTHER
Baseado na História Verdadeira sobre o mais Perigoso assassino Britânico
com DONALD SUMMER, ANDREW BURT

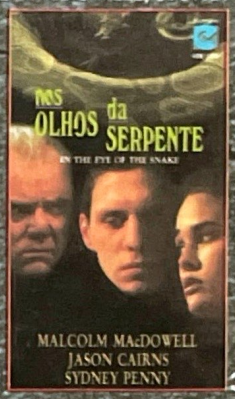
1



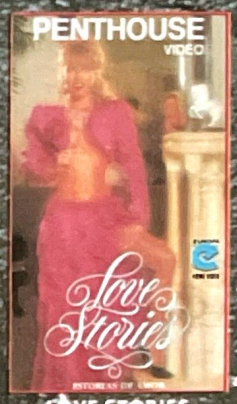
2

DRAGÃO DE FOGO
Um Teste Infernal para o Dragão Louco por Vingança.

NOS OLHOS DA SERPENTE
Dois Amantes Aprisionados por um Homem mais Venenoso que uma Serpente
MALCOLM McDOWELL, SYDNEY PENNY



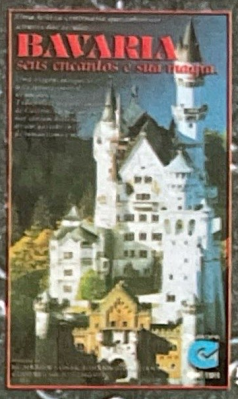
3



4

LOVE STORIES
Das Provocantes Páginas de PENTHOUSE direto para a Intimidade de seu Próprio Lar.

BAVÁRIA SEUS ENCANTOS SUA MAGIA
com músicas de RICHARD WAGNER, JOHANN SEBASTIAN BACH



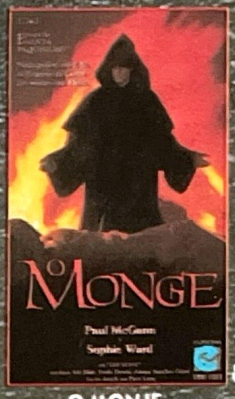
5

6

O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA
dirigido pelo consagrado diretor de POLTERGEIST, TOBE HOOPER.

PENTHOUSE
com MADONNA TODA NUA, CALÍGULA AS FILMAGENS e AS LINDAS GAROTAS

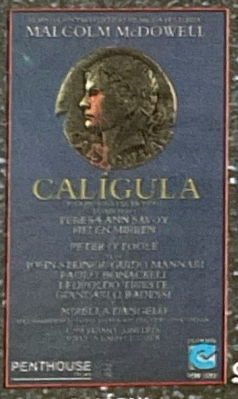
7



8

O MONJE
com PAUL McGANN e SOPHIE WARD

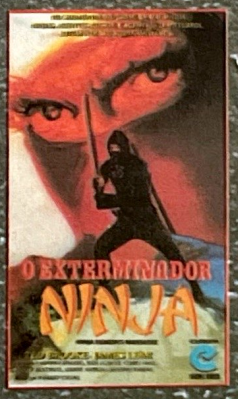
E não se esqueça !
CYNTHIA ROTHROCK
a tricampeã Mundial de Karatê.
Vem aí !!!



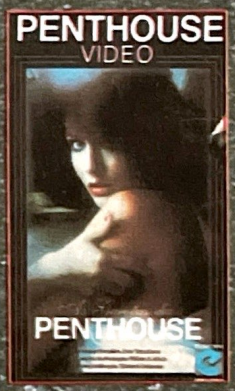
9

CALÍGULA
com MALCOLM McDOWELL, PETTER O'TOOLE e JOHN GIELGUD.

O EXTERMINADOR NINJA
com TED BROOK e JAMES LEAR



10



11

AS GAROTAS DA PENTHOUSE
uma seleção das mais lindas e incríveis garotas.

® & M 262-1046

EUROPA HOME VIDEO

EUROPA HOME VIDEO
Rua Américo Samarone, 150 - Ipiranga - 04284
São Paulo SP - Telefax: (011) 273-1997
Telefones: (011) 272-2733 - 273-7795

E isso pode ser tudo seu.

Basta preencher o cupon ao lado, juntar um cheque nominal no valor de sua compra e enviar para: EUROPA VIDEO LTDA.
RUA AMERICO SAMARONE, 150 - IPIRANGA - CEP 04284
SÃO PAULO SP.
Assim que nos recebermos seu pedido imediatamente lhe enviaremos seus filmes.

PREÇO ESPECIAL
CADA FITA Cr$ 12.420,00

- OFERTA POR TEMPO LIMITADO.
- FRETE POR CONTA DO COMPRADOR.
- PARA COMPRAS DE DUAS (2) OU MAIS FITAS, O FRETE É GRATUITO.

Sim, desejo receber _____ fita(s) conforme abaixo anotado, no valor de Cr$ _____ ,00. Para tanto, em anexo estou enviando cheque nº _____ do Banco _____ agência _____

SET.49

Nome _____

Endereço _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC _____ Telefone _____ Data _____

Assinatura _____

SEU PEDIDO

COD.	QTD.	VALOR	COD.	QTD.	VALOR
1		Cr$	7		Cr$
2		Cr$	8		Cr$
3		Cr$	9		Cr$
4		Cr$	10		Cr$
5		Cr$	11		Cr$
6		Cr$			

VALOR TOTAL _____

SOB O DOMÍNIO DO COLT

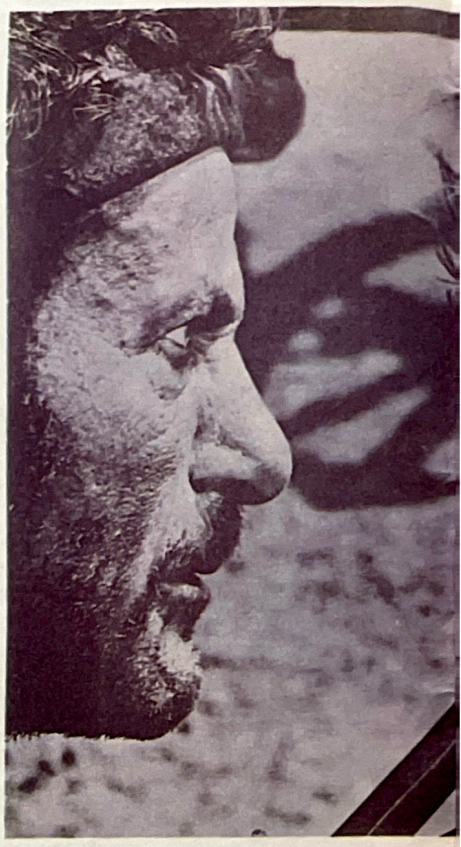
O Western é um gênero cinematográfico popular e perene, de leis imutáveis, repleto de obras-primas e ícones

"Surge no filme o herói do far-west. Aparece no momento oportuno, como se uma força qualquer o guiasse. Vem quase sempre de longe, de outras aventuras provavelmente iguais à que se vai dar (...). É o herói a quem nada pode vencer. É o bem que exibe todas as suas riquezas. É Parsifal que deixa transparecer toda a sua força e a sua pureza."

Quantas vezes já não foi vista a imagem acima tão bem descrita num texto da revista *O Fã*, de 1929? Aquele que é tido como o mais popular e perene dos gêneros cinematográficos tem as suas leis imutáveis: o universo orgulhoso e macho do Colt 45, da Winchester, das flechas flamejantes, gunfighters, diligências, corrida do ouro, guerra civil etc. Conflitos territoriais e morais que afunilam no metafísico e batem entre o bem e o mal. Bangue-bangues da estatura de *No Tempo das Diligências* (*Stagecoach*, 1939) e *Paixão dos Fortes* (*My Darling Clementine*, 1946), ambos do mestre John Ford, captam o espírito americano no instante de sua formação. Eis a magia do gênero: contada primeiro em verso e prosa, a saga cavalheiresca dos colonizadores do *wild west* parece nascida sob medida para virar filme.

O que John Wayne, Henry Fonda, Tyrone Power, Gary Cooper e Marlon Brando *(A Face Oculta)* encarnaram com suas pistolas, o que obras como *Rio Bravo* (1959), *Matar ou Morrer* (1952), *Vera Cruz* (1953) e tantas outras exibiram foi muito mais do que um gênero. Foi um reino mítico, impreciso e reluzente de homens superiores. (E a Terra "onde os homens se encontram" sempre foi qualificada de misógina, já que a mulher é quase sempre o elemento que impede a errância e a aventura!) Edwin S. Porter, funcionário da Cia. Edison e estudioso dos filmes de Meliés, é tido como uma espécie de "pai do western". Seu filme *O Grande Roubo do Trem* já mostrava fugas, duelos e muita ação em 1903. Dessa época até *Dança com Lobos* foi um grande trajeto, que comprova inclusive que Kevin Costner não foi o primeiro mocinho a duvidar (um pouco) da superioridade dos brancos colonizadores se bandeando para o setor pele-vermelha.

Pois, se o western clássico celebra com júbilo e honra a vitória de indivíduos sobre problemas coletivos, muitos são os filmes do gênero que questionam a ideologia predadora dos cowboys. O cético pós-guerra introduziu o western "existencial" e filmes como *O Pequeno Grande Homem* (1970) de Arthur Penn ou levaram às últimas conseqüências a desmistificação. Muito mais do que *Consciências Mortas* (1942) — com



Henry Fonda questionando a prática do linchamento — ou *O Matador* (1950), de Henry King, fizeram. Sam Peckinpah, por sua vez, exacerbou sadicamente a violência do gênero com os maneirismos e câmeras lentas no terrível *Meu Ódio Será Tua Herança* (1969).

A genialidade do *outsider* Nicholas Ray (ao lado do roteirista Philip Yordan) faz em 1954 com o perturbador *Johnny Guitar* algo que já foi apelidado de bangue-bangue dialético-edipiano. O *guitarman* Johnny (Sterling Hayden) e a enérgica e bela Vienna (só podia ter sido Joan Crawford!), dona do *saloon*, que representam o progresso, favoráveis à construção de uma via férrea, confrontam-se com a frustrada Emma (Mercedes McCambridge), que lidera os ho-

Vídeo Arte

Paris Vídeo

Clint Eastwood (sob a mira da pistola, na extrema esquerda) em *Por um Punhado de Dólares* (1964), de Sergio Leone, clássico do *western spaghetti*. No centro, vôo cinerama de *A Conquista do Oeste*. Acima, *Duelo de Titãs*, de John Sturges

mens do lugarejo (todos de negro) e defende a imutabilidade do *way of life* contra os forasteiros.

O ingênuo e asséptico Roy Rogers, com sua caminhonete de portas de madeira e franjinhas na camisa bordada, cantava para espantar os males, enquanto no seriado *Kung Fu* e no filme *Sol Vermelho*, de Terence Young, os mocinhos são orientais que recorrem ao zen e ao taoísmo contra os vilões. Autocontrole e ética *versus* brutalidade e ambição. Nada errado, se pensarmos no paralelo entre os geniais *Sete Homens e um Destino* (1960) de John Sturges e *Os Sete Samurais* (1954) de Kurosawa. Há um ponto em que Oeste e Leste se interpenetram na mesma bravura indômita. Agora, esquisita mesmo foi a jornada do pistoleiro Clint Eastwood, que ascendeu (como diretor) ao Olimpo dos filmes de arte, abandonando as chuteiras (ou melhor, esporas!). Ficou com o prestígio e perdeu "um punhado de dólares a mais". Os italianos, com os exagerados e alucinatórios *westerns spaghetti* de Sergio Leone, criaram um estilo paródico, *fake* e amoral. Mas, western que é western tem um mocinho monossilábico, altruísta e de passado misterioso, que sabe ser rápido no gatilho na hora certa. Como o idolatrado e extra-humano Shane (Alan Ladd) do cult de George Stevens, síntese da liberdade, eterno vaguear e pureza do western.

Antonio Querino Neto.

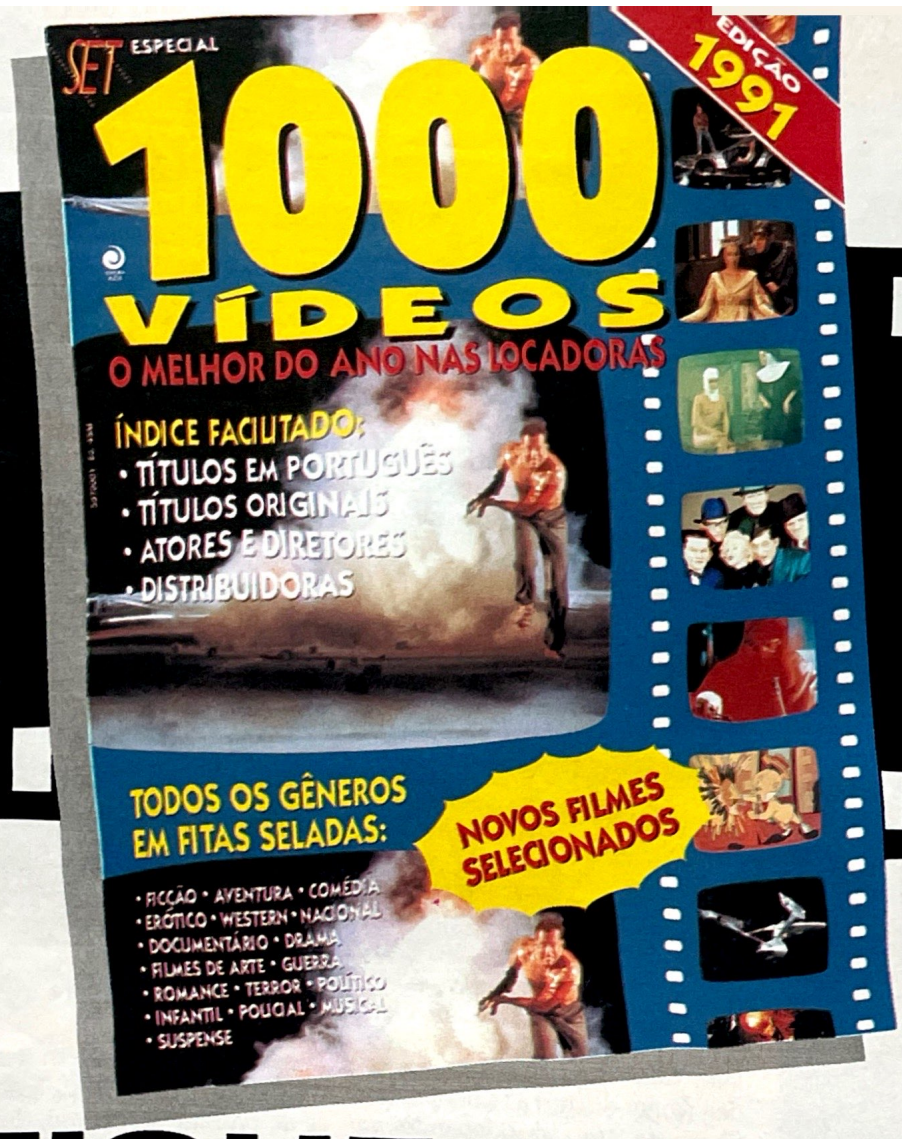
TIROTEIOS MEMORÁVEIS

TRÊS HOMENS EM CONFLITO
(The Good, the Bad and the Ugly, Itália/Espanha, 1966) Direção: Sergio Leone. Com Clint Eastwood, Lee Van Cleef. Warner.
Terceiro e engraçado filme da parceria Leone - Eastwood, mostra um trio de "amigos", que na Guerra Civil, se sacaneiam.

O FILHO DE DJANGO
(The Son of Django, Itália, 1968) Direção: Osvaldo Civirani. Com Guy Madison, Ingrid Schoeller. Sagres.
Exemplar pouco atraente do gênero western pizza (*mezzo* comédia, *mezzo* dramalhão), trazendo a vingança do filho de Django.

A CONQUISTA DO OESTE
(How the West Was Won, EUA, 1962) Direção: John Ford, Henry Hathaway, George Marshall. Com George Peppard, Carroll Baker. Vídeo Arte.
Fita em episódios e espetacular cinerama, que reúne ícones do faroeste, da direção ao elenco.

DUELO DE TITÃS
(Last Train from Gun Hill, EUA, 1959) Direção: John Sturges. Com Kirk Douglas, Antony Quinn. América.
Xerife caça facínora por vingança pessoal. Sturges *(Sete Homens e um Destino)* comprova pontaria para westerns mitológicos.



FIQUE A MIL EM MATÉRIA DE FILMES.

Para você saber o que assistir, saiu a nova edição atualizada do guia 1000 VÍDEOS da revista SET.
Nele você encontra uma seleção dos melhores vídeos de todos os gêneros, com os comentários que você precisa para ficar a mil em matéria de filmes.
Agora você não vai mais alugar gato por lebre: uma aventura não vai acabar em tragédia, nem sua comédia vai virar um terror.
Acabe com o suspense de ver para saber: o guia 1000 VÍDEOS tem as mil melhores chances de não errar.

N A S B A N C A S

EDITORA AZUL

AS PROFISSÕES. ESCOLHA AQUI QUAL É A SUA.

Para auxiliar os estudantes na decisiva escolha profissional, a VIDEOBAN apresenta "As Profissões".

Agora você conta com a melhor orientação de professores universitários e profissionais como Washington Olivetto, Delfim Neto e muitos outros, para escolher certo o seu futuro.

Enfim, o videoguia mais completo das carreiras e cursos de nível superior em todo Brasil.

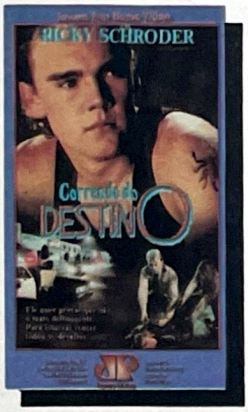
Procure já na sua videolocadora ou adquira com a VIDEOBAN.

VIDEO BAN

DISCOVÍDEO FONOGRÁFICA LTDA.
R. Pinheiros, 20 - 7º andar
05422 - Pinheiros - SP
Tel.: (011) 883-7095/853-8074

Lei & Arte

DRAMA



CORRENDO DO DESTINO ★★
(Across the Tracks, EUA, 1990) Direção: Sandy Tung. Com Rick Schroder, Brad Pitt, Carrie Snodgress. Jovem Pan Home Video.
Schroder, o astro infantil de *O Campeão*, é um órfão que fica um ano no reformatório por andar em má companhia. Ao voltar, encontra a redenção na corrida de automóveis, área em que seu irmão (Pitt) também é bom. Nasce o conflito. O drama é banal, mas a direção feminina lhe confere sensibilidade e verossimilhança *Ch.P.*

A OUTRA ★★★★
(Another Woman, EUA, 1988) Direção: Woody Allen. Com Gena Rowlands, Mia Farrow, Gene Hackman. 20.20 Vision.
Dos filmes de Allen inspirados pelo cinema de Bergman e a dramaturgia de Strindberg, *A Outra* é dos melhores. Através da personagem Marion (Gena Rowlands), cinqüentona, professora de Filosofia, Allen traz aos olhos dos espectadores o impacto existencial da crise de meia-idade. Marion reavalia sua vida por intermédio de sonhos, nos quais reencontra os pais, o primeiro marido e o último caso (Gene Hackman, excelente). Entra numa espécie de "análise por tabela" ao acompanhar, devido a um vazamento de som, as sessões de análise de uma jovem grávida (Mia Farrow) no consultório ao lado de seu escritório. Ao término do filme, Marion revela-se, como sugere o título original, "uma outra mulher". *A Outra*, em seus precisos 80 minutos, é a prova de que Allen, quando quer, sabe falar a sério sem ser maçante. *R.C.*

MEU PÉ ESQUERDO ★★★
(My Left Foot, Inglaterra, 1989) Direção: Jim Sheridan. Com Daniel Day - Lewis, Brenda Fricker, Ray McAnally. 20.20 Vision.
Vencedor de dois prêmios Oscar (Lewis, melhor ator; Brenda Ficker, atriz coadjuvante), *Meu Pé Esquerdo* não é apenas um filme de grandes desempenhos. Partindo da história real de Christy Brown (Lewis), deficiente cuja única parte funcional do corpo é o pé esquerdo, o diretor e roteirista Jim Sheridan mergulha com realismo no drama diário de uma família humilde irlandesa. Seu mérito está em não transformar o filme em mais um desses desprezíveis manifestos de pieguice e compaixão. O artista e escritor Christy Brown, portanto, não luta apenas para vencer as dificuldades impostas pela deficiência física. Sua verdadeira luta, digna de qualquer espírito indômito, é contra a mediocridade alheia. *R.C.*

Fox
Junto com Brenda, Lewis fez de *Meu Pé Esquerdo* um grande filme

O CAMPO DOS SONHOS ★★★
(Field of Dreams, EUA, 1989) Direção: Phil Alden Robinson. Com Kevin Costner, Amy Madigan, James Earl Jones, Ray Liotta, Burt Lancaster. LK-Tel/Columbia.
Em busca de um certo idealismo perdido, *O Campo dos Sonhos* resgata o espírito de Frank Capra através da história de Ray Kinsella (Costner), fazendeiro que, seguindo os conselhos de um ectoplasma, destrói seu milharal para construir um campo de beisebol. Ray e a esposa Annie (Amy Madigan), acompanhados do escritor Terence Mann (James Earl Jones), retomam o caminho das ilusões perdidas dos anos 60. Para eles, o campo dos sonhos pode ser cultivado. Costner afirma-se como o símbolo máximo do bommocismo que chegaria à consagração com o western ecológico *Dança com Lobos*. Grande pedida para quem ainda acredita que o sonho não acabou. *R.C.*

JARDINS DE PEDRA ★★★
(Gardens of Stone, EUA, 1987) Direção: Francis Ford Coppola. Com James Caan, Anjelica Huston, James Earl Jones, D.B. Sweeney, Dean Stockwell, Mary Stuart Masterson. Abril Vídeo.
Onze anos depois da realização de *Apocalipse Now*, Coppola volta seu olhar para a Guerra do Vietnã sob uma outra ótica: o drama dos funerais de soldados, muitos desconhecidos. Os soldados da Guarda de Honra (veteranos da guerra da Coréia), incumbidos de realizar as honrarias dos funerais, são também os professores da Escola de Infantaria, onde treinam os novos recrutas. Entre os veteranos, dois sargentos, Hazard (Caan) e Nelson (Jones), são contra a investida dos EUA no Vietnã, vêem a guerra como um mau julgamento e um grande erro. Um dos novos recrutas, Willow (Sweeney), anseia por ir ao front e os dois sargentos pacifistas, que o adotam como protegido,

Columbia
Campo dos Sonhos, com Costner, é um ótimo programa para quem acredita que o sonho não acabou

tentam de todas as formas dissuadi-lo. Seria uma trama simples se Coppola não mostrasse, com sutileza, a amargura de uma nação que teve de aprender a contar e a identificar friamente seus mortos de guerra, e a enterrar seus filhos com pompa e circunstância.

D.P.

TRACK 29 — PASSATEMPO MORTAL ★★★
(Track 29, EUA, 1988) Direção: Nicolas Roeg. Com Theresa Russell, Gary Oldman, Christopher Lloyd. América.

Track 29, por outro lado, um trio inusitado e magnífico (Theresa Russell, mais Gary Oldman e Christopher Lloyd) leva a bom termo uma fantasia deslavada. Um médico maníaco por trenzinhos de brinquedo, uma esposa desprezada e o espectro do filho que ela não teve (!) protagonizam um triângulo amoroso (?) e um assassinato (?!). Arrisque. *A.A.*

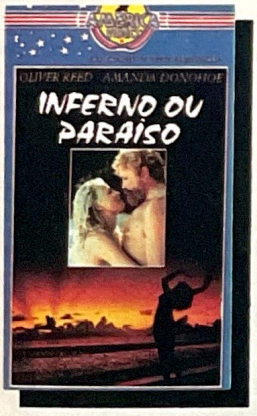
ENCONTRO INESQUECÍVEL ★
(It's Only Make Believe, EUA, 1989) Direção: James Polakof. Com Randy Friskie, Donna Cherry. Jovem Pan Home Video.

Tommy Preston faz sucesso em Las Vegas imitando Elvis Presley. Tudo vai bem até que a namorada o abandona e ele se torna depressivo e constantemente drogado. Entra em decadência precoce e volta a se apresentar em barzinhos. Mas já não agüenta mais ser uma imitação. Como resolver tamanho drama existencial? Tommy decide tomar jeito na vida e ser ele mesmo. Corta as costeletas de caminhoneiro, abaixa o topete e recomeça a carreira cantando suas próprias músicas. Só inesquecível no título, esta baratíssima produção — filmada em vídeo — está mais preocupada em mostrar os números do show *Legends in Concert*, de Las Vegas, que, no filme, só lança artistas imitadores (clones de Buddy Holly e Karen Carpenter, por exemplo), usando, para isso, uma história água-com-açúcar, que já é, por si só, uma imitação da imitação.

E.T.

Abril Vídeo

Mary Stuart chora a morte do marido em *Jardins de Pedra*. Coppola retoma o Vietnã sem melodrama



INFERNO OU PARAÍSO ★★
(Castaway, EUA, 1986) Direção: Nicolas Roeg. Com Oliver Reed, Amanda Donohoe. América.

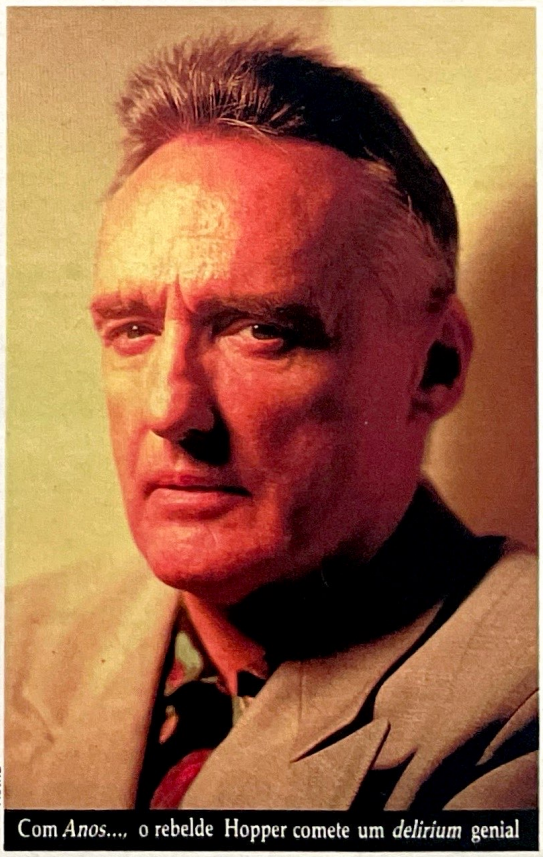
Do espasmo "artístico" que acometeu a produtora Cannon, de Golan e Globus, mais estranho do que contratos com Babenco e Konchalovsky foi o que possibilitou a realização destes filmes de Roeg. Há uma estranha distância entre intenção e gesto — a câmera, a luz, a montagem doidona do ex-fotógrafo Roeg freqüentemente atropelam o drama humano. Isso pode enfatizar as limitações do roteiro, como em *Inferno ou Paraíso*, no qual o velhão Reed vai para uma ilha deserta passar um ano com a beldade Amanda Donohoe e enfrenta a desestruturação de um relacionamento.

ANOS DE REBELDIA ★★★★
(Out of the Blue, Canadá, 1980) Direção: Dennis Hopper. Com Linda Manz, Dennis Hopper, Sharon Farrell. Nacional.

Hey, hey, may, may, rock'n'roll will never die... O último rebelde, Dennis Hopper, em uma de suas bissextas direções, saiu-se com um retrato (tremido) da lenta agonia da geração Woodstock. O ponto de vista é o da *punkette* andrógina CeBe (Linda Manz), uma candidata a baterista, cujo pai (o próprio Hopper) está saindo de seis anos de cadeia, graças a um acidente pavoroso com um ônibus escolar. Mamãe, *junkie*, tem de se decidir entre o marido e seu último namorado.

Entre aforismos punk ("Punk não é sexo", "Discoteca enche") e um culto pan-roqueiro que liga Elvis a Sid Vicious em linha direta, CeBe protagoniza uma espécie de drama grego clássico com tratamento psicodélico. (Não se assuste com o *delirium tremens* que acomete a câmera do meio para o final do filme. Efeito não é defeito.) Genial e genioso.

Alex Antunes


Retna

Com *Anos...*, o rebelde Hopper comete um *delirium* genial

VIDEOLANÇAMENTOS

Art Films

Com otimismo e sem preconceito, *Meu Querido Companheiro* discute a Aids na comunidade gay

DROGA DA MORTE ★
(Death Drug, EUA, 1986) Direção: Oscar Williams. Com Philip Michael Thomas, Vernee Watson, Rosalind Cash, John Poole. Century.
Marido dedicado e músico amador (Thomas) trabalha numa empresa de encanamentos e, nas horas vagas, aprecia música das bandas negras. Consegue uma bolsa num conservatório e vai de vento em popa até que alguém lhe apresenta o "pó dos anjos", uma droga capaz de criar terríveis alucinações, levando a uma irrecuperável degeneração física e desagregação social. A baixa produção e a previsibilidade do roteiro tornam o filme, às vezes, até divertido. A cena em que o músico vê cobras, aranhas e lagartos no supermercado, apesar de sua pretensão dramática, é hilária. É mesmo de matar.
P.M.

MEU QUERIDO COMPANHEIRO ★★★
(Longtime Companion, EUA, 1989) Direção: Norman René. Com Stephen Caffrey, Patrick Cassidy, Bruce Davison. Globo Vídeo.
Um longo plano apresenta a comunidade de homossexuais da praia de Fire Island, na costa leste americana, e os três casais que serão os principais personagens do filme. O fim dessa longa e tranqüila seqüência é a leitura de um artigo do jornal *New York Times*, que pela primeira vez trouxe à baila a Aids. Depois disso, *Meu Querido Companheiro* retrata a recepção da notícia entre a comunidade, o difícil aprendizado de convivência com a doença, as reações de cunho social e as de cada personagem entre os anos de 1981 e 1989. O tom terno, melancólico e emocionante predomina na fita, mas o diretor René lhe dá um final otimista, o que não é pouco. Bruce Davison foi indicado ao Oscar de melhor ator coadjuvante. *F.G*

PRIMEIRO VERÃO DE AMOR ★★
(Haunted Summer, EUA, 1988) Direção: Ivan Passer. Com Philip Anglim, Laura Dern, Alice Krige, Eric Stoltz. América.
O encontro entre o poeta Percy Shelley (Philip Anglim), sua amante Mary (Alice Krige), autora de *Frankenstein*, a irmã desta (Laura Dern) e outro poeta, o Lord Byron (Eric Stoltz), resultou num filme belamente fotografado e de atores aparentemente jovens demais para os papéis. Há experiências com ópio, poesia, a promiscuidade e crueldade de Byron e o encanto da atriz Alice Krige. Há ainda Laura Dern pré-*Coração Selvagem*, com seus tiques que já prenunciavam o que haveria de vir por aí. A literatura e seus personagens nem sempre de personalidade "pacata" costumam ser prato cheio para diretores de cinema. Pena que Ivan Passer (?) tenha sido tão burocrático e comportado.
M.A.G.

COMÉDIA

JANTAR ÀS OITO ★★
(Dinner at Eight, EUA, 1989) Direção: Ron Logomarsino. Com Lauren Bacall, Charles Durning. Globo Vídeo.
Remake modernizado da clássica peça de Kaufman e Ferber (filmada em 1933 por George Cukor, com John e Lionel Barrymore e Jean Harlow), gira em torno de um chiquérrimo jantar de alta sociedade, liderado aqui por uma velha Bacall (no original, Marie Dressler). Produção de Shelley Duvall e elenco competente. Mas não é páreo para o antigo, sobretudo pela falta da deliciosa e superficial espirituosidade do mestre Cukor. *A.Q.N.*

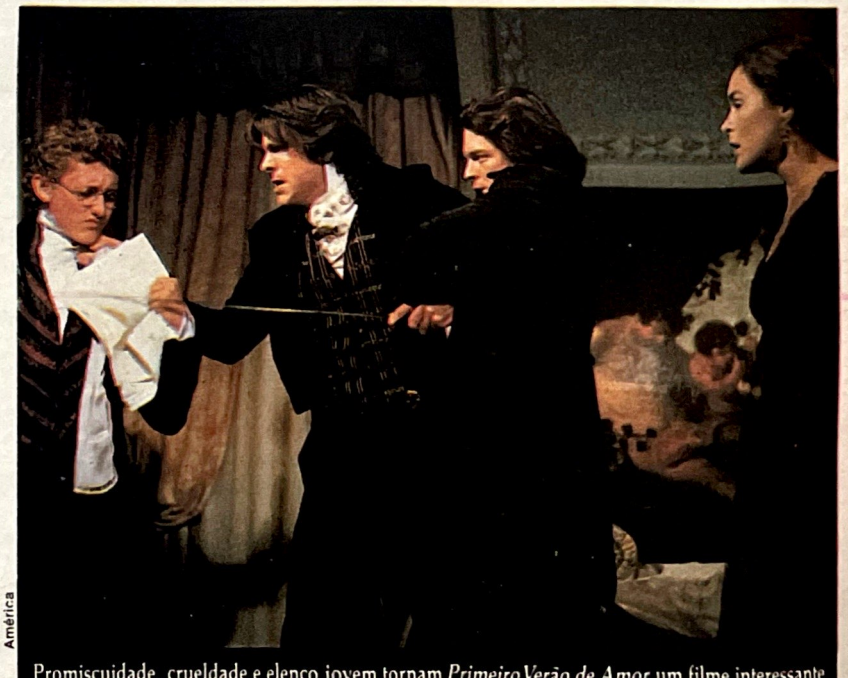
Ricardo R. Alves/Azul

VIDEOTECA

O QUE ME TOCA

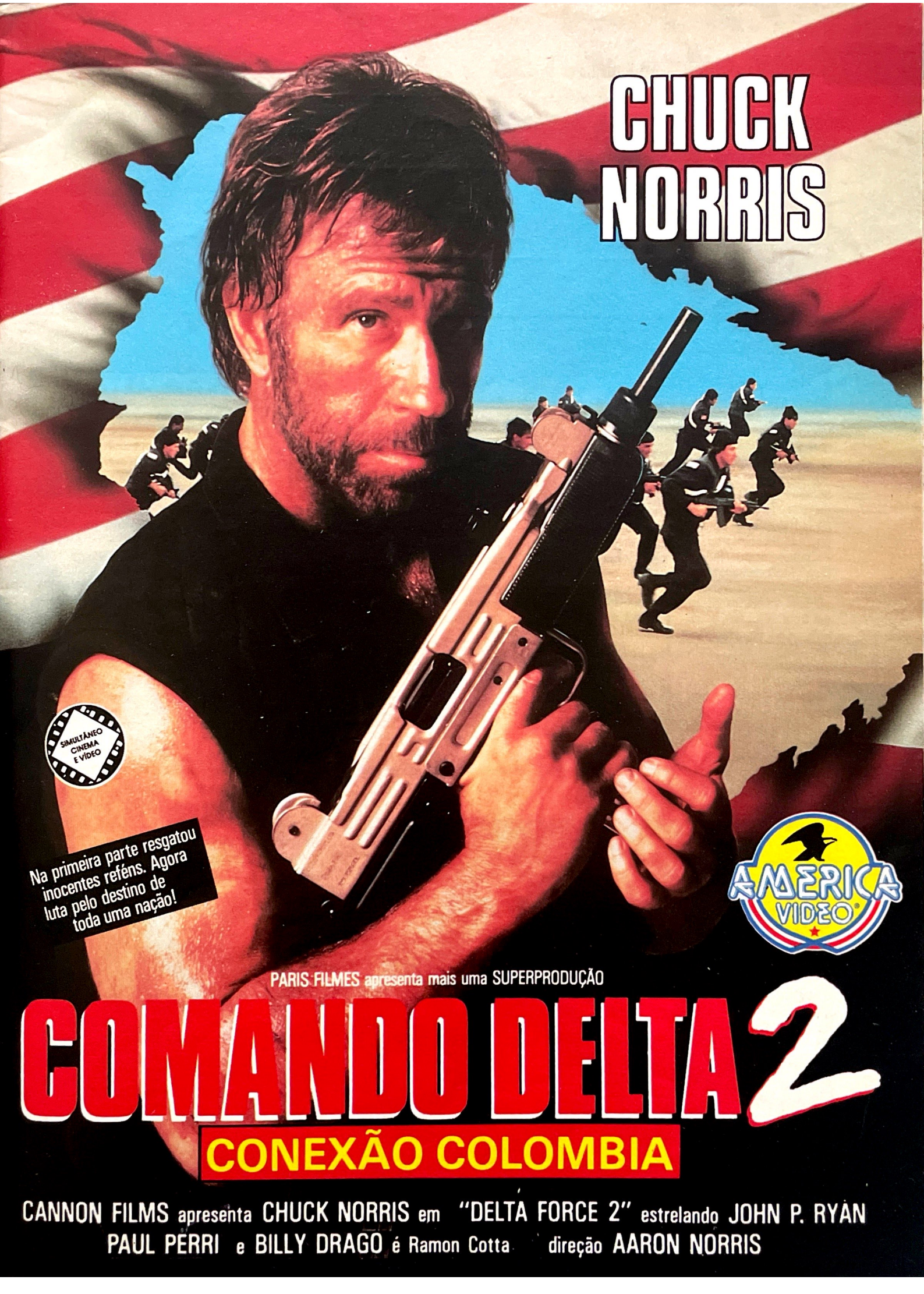
Astrid Fontenelle, 30 anos, jornalista e vídeo-jockey, na MTV.

"Acho legal filmes que têm um clima sensual do começo ao fim, como *Corpos Ardentes*, de Lawrence Kasdan (Warner Vídeo), *9 1/2 Semanas de Amor*, de Adrian Lyne (Abril Vídeo) e *Gilda*, de Charles Vidor (LK-Tel/Columbia)."

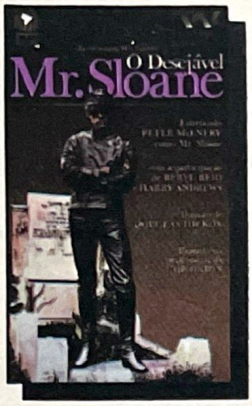


América

Promiscuidade, crueldade e elenco jovem tornam *Primeiro Verão de Amor* um filme interessante


CHUCK
NORRIS
SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO
Na primeira parte resgatou inocentes reféns. Agora luta pelo destino de toda uma nação!
AMERICA VIDEO
PARIS FILMES apresenta mais uma SUPERPRODUÇÃO
COMANDO DELTA 2
CONEXÃO COLOMBIA
CANNON FILMS apresenta CHUCK NORRIS em "DELTA FORCE 2" estrelando JOHN P. RYAN
PAUL PERRI e BILLY DRAGO é Ramon Cotta direção AARON NORRIS

VIDEOLANÇAMENTOS



O DESEJÁVEL MR. SLOANE ★★★
(Entertaining Mr. Sloane, Inglaterra, 1970) Direção: Douglas Hickox. Com Peter McEnery, Beryl Reid, Harry Andrews, Alan Webb. VTI.
Sucesso teatral do dramaturgo Joe Orton (1933-1967), cuja obra é marcada pela amoralidade e humor negro. Sloane (Peter McEnery) é um *outsider* que oferece seu corpo para ambos os sexos, em troca de uma "boa vida". Os contemplados são: Kath (Beryl Reid), viúva gorda e quarentona, e seu irmão Ed (Harry Andrews), um homossexual que desfila num cadilac cor-de-rosa. Triângulo amoroso formado e problemas dobrados, pois o guapo carrega o peso de ter sido reconhecido pelo pai dos irmãos como o assassino de seu patrão. A peça de Orton tem nessa adaptação o doce sabor da transgressão na Inglaterra dos anos 70. *W.A.S.*

NÃO TENHO TROCO ★★★
(Quick Change, EUA, 1990) Direção: Howard Franklin e Bill Murray. Com Bill Murray, Geena Davis, Randy Quaid, Jason Robards. Warner.
Desapercebida nos cinemas, esta é uma comédia que tem tudo para agradar: humor inteligente, boas interpretações, graça natural. É uma pequena crônica sobre Nova York e a história de um assalto a banco perfeito. O problema, no entanto, para os assaltantes, é fugir da cidade depois de tudo ter saído como planejado. Vêm daí situações hilariantes, personagens idem, e uma poética raríssima em comédias atuais. Bill Murray surpreende como o palhaço assaltante. E Geena é a graça em estado puro. *M.A.G.*

O CASAMENTO DE BETSY ★★
(Betsy's Wedding, EUA, 1990) Direção: Alan Alda. Com Molly Ringwald, Alan Alda, Madeline Kahn, Joe Pesci, Ally Sheedy, Anthony LaPaglia, Burt Young. Abril Vídeo.
As *"brat pack" girls* Molly Ringwald e Ally Sheedy se reencontram cinco anos depois do sucesso de *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* neste menos interessante mas engraçadinho *Casamento*. Alan Alda (que, além de dirigir, é autor da história e ator) passeia pelas dificuldades de se organizar um casamento entre famílias muito diferentes: metade judia e italiana, do lado de Betsy/Molly, e católica, capitalista e muito americana, do lado do noivo Jake/Young. O resultado "é o casamento que devorou Nova York", segundo o noivo, Jake, só porque os pais querem fazer uma grande festa e quase conseguem acabar com o enlace matrimonial. Ally Sheedy faz a irmã de Betsy, uma policial dedicada e solteirona que se envolve com um protótipo de gângster, o novato e bom ator LaPaglia. *D.P.*

Abril Vídeo

Alda leva Molly ao altar em seu engraçadinho *Casamento de Betsy*

ARIZONA NUNCA MAIS ★★★
(Raising Arizona, EUA, 1987) Direção: Joel Coen; produção: Ethan Coen. Com Nicolas Cage, Holly Hunter, John Goodman, Trey Wilson. Abril Vídeo.
Há uma espécie de triplo acerto na consagração dos irmãos Coen em Cannes (leia cobertura na pág. 46). Para além do fato de *Barton Fink* provavelmente ser muito bom, como absolutamente tudo em que os Coen puseram a mão até hoje (não vi e já gostei); e para além de reconhecer a importância do cinema do duo em hora oportuna. É que Cannes vem já há três anos se preocupando com o novo cinema americano, e a premiação de agora resgata, de certa forma, derrapadas como a de Wim Wenders, presidente do júri em 1989. Ele escolheu o "europeu" e morno *sexo, mentiras e videotape* num ano que era inegavelmente de Spike Lee e seu *Faça a Coisa Certa*...
E que diabos tem isso a ver com *Arizona*? Pois Cannes 90, numa nova guinada, premiou, porque sim, o maneiroso e vazio *Coração Selvagem* — do qual *Arizona Nunca Mais* vem a ser matriz. Não é exagero dizer que o filme de David Lynch corre desesperadamente atrás da estética aqui martelada, pelos Coen, a generosos golpes de *steadycam*. O fato de Nicolas Cage protagonizar ambos também não pode ser acaso.
Em *Arizona* ele é um dublê de assaltante compulsivo e filósofo de almanaque. Sua chance de ter uma vida caseira ao lado da esposa — a policial Ed (Holly), por quem se apaixonou através das seguidas detenções — está vindo abaixo: ela é estéril. É a policial que convence o marido a seqüestrar um dos gêmeos, sêxtuplos!, do magnata dos móveis Nathan Arizona. Soma-se a isso uma dupla de fugitivos, ex-colegas de cana de Hi/Cage (um é o gordo impagável John Goodman), o monstruoso caçador de recompensas (Cobb) a bordo de sua Harley, mais um bebê absolutamente *cool* num torvelinho de perseguições e explosões. E uma dose surpreendente... de otimismo?! Por que não? *Alex Antunes*

Abril Vídeo

O duo Coen recuperou o novo cinema americano e acertou a mão dirigindo a dupla Holly e Cage

OS DESAJUSTADOS ★★★
(Withnail and I, Inglaterra, 1987) Direção: Bruce Robinson. Com Richard E. Grant, Paul McGann, Richard Griffiths. América.
O humor britânico desta comédia temperada com pitadas de drama existencialista pode desagradar a paladares menos sofisticados. A história, ambientada no final dos loucos anos 60, gira em torno de dois atores desempregados que dividem uma mesma moradia e as drogas que consomem avidamente. Fugindo da agitação de Londres, isolam-se no campo só para descobrir que este pode ser tão catastrófico quanto aquela. É, basicamente, um filme de atores — a dupla central atua impecavelmente, ancorada no excelente script de Robinson. *P.C.*

América
Ancorada no excelente script, a comédia *Os Desajustados* brilha pelos atores Grant e McGann

SUSPENSE

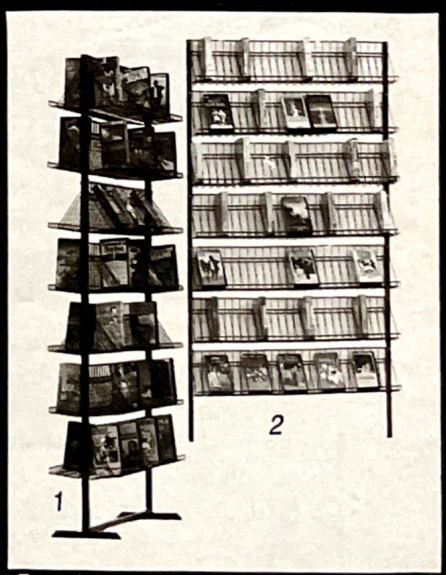
O ENCANADOR ★★
(The Plumber, Austrália, 1978) Direção: Peter Weir. Com Judy Morris, Ivar Kants, Robert Coleby, Candy Raymond. Nacional.
Suspense esquisitão e datado, sobre um encanador que invade a vida de uma antropóloga australiana — ela trabalha em casa —, enquanto o marido acadêmico tenta seduzir uma delegação da Organização Mundial de Saúde para descolar um emprego em Genebra. As seqüências da destruição do banheiro, transformando-o numa espécie de gruta, têm ressonâncias de *Themroc* (o filme em que Michel Piccoli se converte num troglodita urbano); o encanador (Kants) é um ex-presidiário roqueiro, com pretensões a Bob Dylan e cara de Cazuza. Feito para a TV australiana, ainda assim o filme é um exemplar curioso do período de maior inquietação criativa do diretor Weir (*Picnic na Montanha Misteriosa, Gallipoli, O Ano em que Vivemos em Perigo*), que paulatinamente derivaria para as formas mais convencionais de filmar, cristalizadas em *Sociedade dos Poetas Mortos* e *Passaporte para o Amor*. *A.A.*

VÍDEO LOCADORA, UM NEGÓCIO SIMPLES E LUCRATIVO!!!
A TZ TEM TUDO PARA VOCÊ MONTAR, EQUIPAR OU MODIFICAR SUA VÍDEO LOCADORA.

Atendimento de 2.ª a 6.ª das 8:00 às 20:00 hs. Sábado das 8:00 às 19:00 hs.

— Estojos para fitas (vários modelos)
- Ficha de cadastro de clientes com contrato de locação
- Protetor para ficha de cadastro
- Bloco de comanda (recibo de entrega)
- Etiqueta protetora de Selo do Concine
- Fichas "T" Sinopse
- Protetor para Ficha "T"
- Chapeiras (Fichário)
- Controle de saída de filmes
- Etiquetas diversas
- Carteirinha de sócio (com protetor plástico)
- Sacolas
E muito mais...
Para maiores informações, enviamos via correio mostruário e relação completa de acessórios

1 Expositor ondular central para 180 fitas
2 Expositor ondular de parede para 90 fitas



1 Expostior aramado central para 364 ou 182 fitas
2 Expositor aramado de parede para 182 ou 56 fitas

TZ®

Rua dos Buritis, 436 - São Paulo - CEP.: 04321
Estação Jabaquara do Metrô
Tel.: (011) 578-7277 - Fax: (011) 578-1031

(Não temos representantes).
Faça seu pedido por telefone ou pessoalmente.
Despachamos para todo o Brasil
mediante ordem de pagamento.

O BURACO DA AGULHA ★★★

(Eye of the Needle, EUA, 1981) Direção: Richard Marquand. Com Kate Nelligan, Donald Sutherland, Ian Bannen, Christopher Cazenove. Warner.

O falecido diretor Marquand (1937-1985) prova aqui sua afinada maestria com o suspense e com a ação, aptidão que voltaria a comprovar em *O Retorno de Jedi* (1983) e no preciso *O Fio da Suspeita* (1985). Marquand se mostra um artesão quase cruel ao narrar a tensa relação que nasce entre um oficial alemão com um grande segredo militar, durante a Segunda Guerra, e uma solitária e reprimida dona de casa inglesa que mora isolada numa ilha da costa britânica.

O cenário amplo e desolador, a casa rústica, o clima outonal e as cores desmaiadas que dominam no filme somam-se às brilhantes interpretações de Nelligan e Sutherland e criam um jogo de gato e rato intenso, seco, violento e altamente convidativo. *Christian Petermann*

Warner

Sutherland e Bannen, fundamentais no convidativo *O Buraco da Agulha*, do artesão Marquand

INVERNO DE SANGUE EM VENEZA ★★★★

(Don't Look Now, Inglaterra/Itália, 1973) Direção: Nicolas Roeg. Com Donald Sutherland, Julie Christie, Hilary Mason, Clelia Matania. V.T.I.

Jóia rara: suspense sofisticadíssimo do diretor britânico (veja mais filmes de Roeg em Drama) a partir da novela fantástica de Daphne Du Maurier. E soberbamente estrelado por Sutherland, Julie Christie... e Veneza! Os recantos mais soturnos da cidade dos canais sombreiam ainda mais este quebra-cabeça aterrador sobre um arquiteto inglês que, poucos meses depois da morte da filhinha, encontra na Itália estranhos presságios sobre sua própria má sorte. Figuras soturnas, como duas irmãs inglesas, uma delas cega e clarividente (Hilary Mason), o bispo Barbarrigo (Massimo Serato) e o policial Longhi (Renato Scarpa), assombram o casal Sutherland/Christie, cada vez mais envolvido num vórtice de sustos e ameaças veladas. Sem abrir mão da ousadia na montagem, Roeg fez uma de suas obras mais envolventes e acessíveis. *A.A.*

Luizinho Coruja/Azul

VIDEOTECA

O QUE ME ESTIMULA

Marriete, 27 anos, atriz, interpreta o personagem Rosa Famosa, da Escolinha do Golias, do SBT.

"Quando vou à locadora, nunca retiro filmes românticos ou de drama. Só me estimulo com fitas que têm histórias legais, como *Os Goonies*, de Richard Donner (Warner Vídeo), *Labirinto*, de Jim Henson (Mundial) e *A História sem Fim*, de Wolfgang Petersen (Warner Vídeo). Assisti seis vezes cada um destes filmes e até ganhei as fitas do meu irmão."

O PEIXE ASSASSINO ★

(Killer Fish, EUA, 1978) Direção: Anthony M. Dawson. Com Lee Majors, Karen Black, Margaux Hemingway, Marisa Bereson. Fox.

A fórmula catastrófica — no gênero e no resultado — deste filme não dispensa nem uma cerimônia a Iemanjá, com baianas vestidas a caráter, chamada convenientemente por um dos personagens de "macumba": que pode até matar. Tem uma sociedade de ladrões, um roubo magnífico de pedras preciosas, piranhas assassinas, gente malvada que prova do seu próprio veneno, paisagens exóticas do Brasil e um elenco de segunda linha que pode se dar ao luxo de ter a bela Margaux Hemingway como enfeite do roteiro que inexiste. E tem a catástrofe, é claro: o rompimento "surpresa" de uma represa. Pelo menos naquele tempo o Rio de Janeiro continuava lindo. *F.G.*

POLICIAL

ENCONTRO COM A MÁFIA ★★

(Medium Straight, EUA, 1988) Direção: Adam Friedman. Com Jerome LePage, Anne Lilly, Richard Schiff. Jovem Pan Home Video.

Irmão mais novo e adotivo de um ex-fazendeiro, que sempre se meteu em encrencas, fere o filho de um mafioso durante uma transação milionária e fica com a grana e a cocaína. O desenrolar descuidado da história lembra as produções B. Pouco se salva. *Ch.P.*

OS MORTOS NÃO MENTEM ★★

(The Dead Can't Lie, EUA, 1989) Direção: Lloyd Fon Vielle. Com Tommy Lee Jones, Virginia Madsen, Colin Bruce. América.

Antes da onda de *Ghost* multiplicar os fantasmas nos filmes desse início de década, *Os Mortos Não Mentem* já explorava o filão, com humor negro

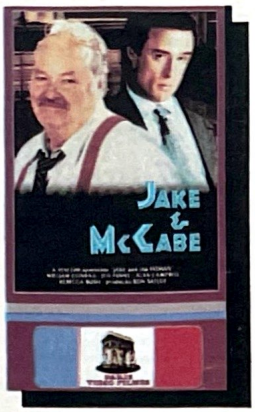
Rogerio Reis

VIDEOTECA

O QUE ME EXCITA

Vera Zimmermann, 27 anos, atriz, interpretou o personagem "Divina" Magda na novela *Meu Bem, Meu Mal,* da Rede Globo.

"Me excitam os filmes com cenas de amor na linha de *Ligações Perigosas*, de Stephen Frears (Warner Vídeo) e *Uma Linda Mulher*, de Garry Marshall (Abril Vídeo)."



JAKE E McCABE ★★
(Jake and the Fat Man, EUA, 1988) Direção: Ron Satlof. Com William Conrad, Joe Penny, Alan Campbell, Annie Francis. America.

Quem tem mais de 25 anos e não se lembra do detetive gordo e astuto chamado Cannon, do seriado exibido pela TV Bandeirantes nos anos 70? Ele agora é o promotor público McCabe, e continua gordo e astuto, mas tem como dupla o detetive Jake. Nesse episódio, dublado, os dois precisam resolver o mistério da morte de um velho amigo do promotor, John Warfield. Lutando contra as forças políticas da cidade e a crueldade e frieza dos assassinos, Jake e McCabe vão ter muito trabalho até provar a autoria do crime. Para os fãs do gênero, diversão garantida, apesar da superficialidade do roteiro. *F.G.*

América

Virginia e Bruce na trama mal resolvida de *Os Mortos ...*

mal realizado e tramas de roteiro que não se explicam jamais. Fantasma de bonita mulher (Virginia Madsen), morta há dez anos, volta à Terra para recuperar as jóias com as quais foi enterrada, roubadas posteriormente de sua tumba pelo marido, Charles (Colin Bruce). Amedrontado, Charles contrata o falido detetive Ed Mallard para devolver as jóias à assombração. *F.G.*

Breve, Em Todas As Locadoras.

Os novos lançamentos que as locadoras vão exibir nas próximas semanas não vêm de Hollywood nem de Cannes.

São os novos estojos que a Poliplast está lançando.

Ligue **267.2866** e fale com o Dionísio.

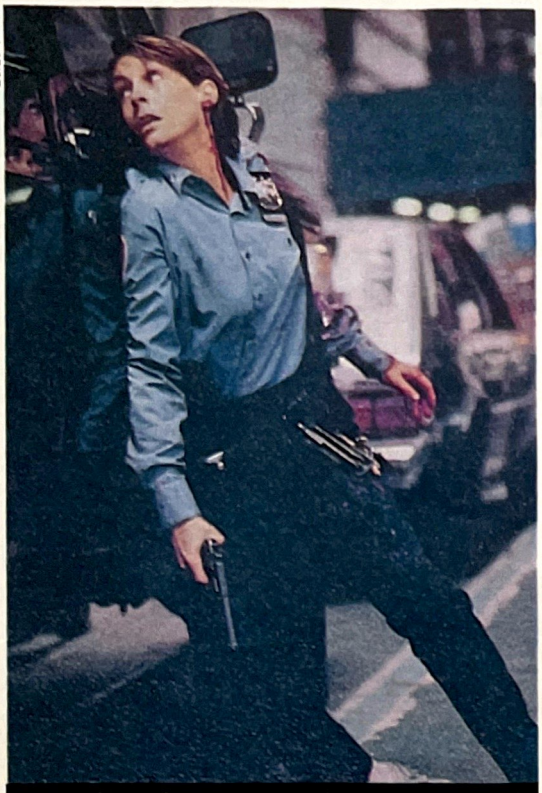
Ele exibe para você os novos estojos numa sessão exclusiva aí na sua loja.

Preço promocional

96,00

Gotan

POLIPLAST
Ind. e Com. de Plásticos Ltda.
Rua Dr. César, 704 - CEP 02013
Fax: (011) 267.2711 - São Paulo - SP



A policial Jamie da um show no excelente *Vingança Infernal*

VINGANÇA INFERNAL ★★★
(Blue Steel, EUA, 1989) Direção: Kathryn Bigelow. Com Jamie Lee Curtis, Ron Silver, Glancy Brown, Elizabeth Pena. 20.20 Vision.
Violência é a marca de Kathryn Bigelow (*Quando Chega a Escuridão*) em seus filmes: um tiroteio em pleno coração de Nova York é como provocar uma catarse pela esquizofrenia coletiva que a cidade causa. Cada cidadão pode ser um psicopata em potencial, basta um estímulo para acordá-lo de sua latência. É o que acontece com Eugene (Ron Silver), um bem-sucedido e bem relacionado operador de ações de Wall Street, ao ter em seu poder uma tão desejada arma de fogo. Megan (Jamie Lee Curtis) é uma policial que acaba de fazer o juramento e se vê envolvida em uma série de assassinatos estranhos, quando descobrem seu nome gravado nas balas removidas das vítimas. Nick (Glancy Brown, o vilão de *Highlander*), detetive incumbido do caso, ajuda Megan a tentar prender o assassino, mas a falta de provas e a burocracia policial se tornam cúmplices do psicopata. A direção segura de Kathryn faz de Jamie uma heroína forte e frágil ao mesmo tempo, e extremamente sensual. Esses ingredientes aliviam os momentos de tensão de um thriller feito para pessoas de nervos de aço.
Maria Amélia de Azevedo

MUSICAL

EUROPE ★
(EUA, 1987) Direção: Mike Mansfield. Sony Music.
Foge à compreensão humana o porquê deste lançamento. Aliás, não há motivo para esse vídeo sequer existir! Essa banda sueca teve um sucesso relâmpago cerca de quatro anos atrás e desde então chafurda no limbo. Não é um item cult, aposto até que seu fã-clube já trocou de ídolo. E, finalmente, seu *light* heavy metal, com toques de rock progressivo, é de enfiar dois dedos na goela. Para completar, é gravado ao vivo, o que significa alta concentração de solos de guitarra entediantes, datadas demonstrações de virtuosismo instrumental e... bom, já é o bastante, não? Quer fazer um inimigo? Dê este vídeo de presente para alguém de bom gosto e diga: "Achei isso a sua cara". *C.R.*

PUBLIC ENEMY – FIGHT THE POWER ★★
(EUA, 1989) Sony Music.
Em 1987, quando surgiu, o PE levou o rap para um frenesi inédito de colagens barulhentas, agressividade sônica e mensagens políticas ultra-radicais. Verdadeiros Panteras Negras do disco, o PE virou paixão da crítica, além de conquistar fidelíssimas hordas de fãs, inclusive no Brasil. Mas, descontando o falatório, temos, musicalmente, tanto coisas inovadoras e excitantes como material túrgido e aborrecido. Este ao vivo não é a melhor introdução para virgens em Public Enemy — ou rap. O espetáculo é cansativo, apesar de todos os "sucessos" estarem aqui (incluindo, claro, "Fight the Power", que abria *Faça a Coisa Certa*), salpicados com imagens de arquivo de Malcolm X, Panteras Negras, ônibus dos anos 50 com bancos separados para negros e brancos, esses chavões panfletários. Só para fãs. *C.R.*

A VISION SHARED: A TRIBUTE TO WOODY GUTHRIE AND LEADBELLY ★★★
(EUA, 1988) Direção: Jim Brown. Sony Music.
Um LP homônimo anterior inspirou este vídeo, que homenageia dois dos maiores nomes da música americana. A poesia militante de Woody Guthrie, tal como o *folk blues* cru de Leadbelly, foram bem mais do que uma extensão de suas erráticas trajetórias (o primeiro, perseguido politicamente, e o outro, passando boa parte de sua vida em penitenciárias). Suas obras projetaram a música *country* para fora de sua estrutura tradicional, fazendo-a adquirir conteúdo social e influenciando sucessivas gerações de compositores. A lista desses tributos inclui artistas diretamente ligados aos homenageados (Pete Seeger e o filho de Woody, Arlo Guthrie), discípulos fiéis (Bob Dylan e, surpreendentemente bem, Bruce Springsteen), participações consistentes (Little Richard, Taj Mahal e o grupo vocal Sweet Honey in the Rock) e alguns "estranhos no ninho" (U2, Willie Nelson). Tudo amarrado pela ágil montagem e importantes depoimentos e material histórico. *C.P.*

AVENTURA

O REGRESSO DO CORCEL NEGRO ★★
(The Black Stallion Returns, EUA, 1983) Direção: Robert Dalva. Com Kelly Reno, Vincent Spano, Allen Goorvitz, Woody Strode, Jodi Thelen, Teri Garr. Warner.
A seqüência do belíssimo e mágico *O Corcel Negro* (1979) carrega pouco de seu clima idílico, mas se defende enquanto filme de ação. A decepção, porém, é inevitável. A direção foi entregue ao estreante Dalva, que montou o filme original. Reno, quatro anos depois, parte para o Saara para recuperar seu cavalo, seqüestrado por uma tribo árabe. Uma chance para o quase astro Spano (*O Selvagem da Motocicleta*) namorar a interessante e desaparecida Jodi Thelen (*Amigos para Sempre*), dois árabes hollywoodianos nesta descompromissada aventura juvenil. *Ch.P.*

RISCO MORTAL ★
(This Story of Love, Japão, 1989) Direção: Toshio Masuda. Com Masatoshi Nakamura, Miwako Fujitani, Masahiko Kondo. Sagres.
Uma equipe de dublês vive as mais perigosas situações, tentando realizar sempre o melhor nos sets de filmagem. O chefe da equipe precisa casar para dar uma mãe à sua filha de 7 anos e a candidata é uma mecânica desajeitada e feia. Girando em torno deste roteiro fraco, e sem atrativos, o filme vale para quem gosta de explosões e motoqueiros audazes.
M.A.A.

shopping VIDEO

O SUPERMERCADO DAS LOCADORAS POR TELEFONE

Aceitamos todos os Cartões de Crédito por telefone, sem acréscimo

Fitas virgens e todos os Acessórios para Locadoras

LIGUE JÁ

PABX (021) 390-7100

DDG(DDD Grátis)

(021) 800-9102

FAX (021) 359-7631

Pedido Mínimo Cr$ 25.000, -SEDEX GRÁTIS para compras acima de Cr$ 100.000,

PROMOÇÕES DE JULHO PACOTES C/10 TITULOS A CR$ 9.900 CADA UNITARIOS: Cr$ 11.900	
REVANCHE FINAL	48 HORAS PARTE II
SEM PERDÃO	DE VOLTA PARA O FUTURO PARTE I E II
COCOON	MISSISSIPI EM CHAMAS
O REENCONTRO	OLHA QUEM ESTÁ FALANDO
JOGO DE EMOÇÕES	CORAÇÃO DE CAÇADOR
GUERRA NAS ESTRELAS	MAIS E MELHORES BLUES
TUCKER UM HOMEM E SEUS SONHOS	FUGA AUDACIOSA (CHARLES BRONSON
PACOTES C/5 TITULOS A CR$ 7.900 CADA UNITARIOS: Cr$ 8.990	
CAÇADA AO OUTUBRO VERMELHO	OS MELHORES MOMENTOS DE LUTAS MARCIAIS
CRAZY PEOPLE	KID
FÉRIAS FRUSTADAS DE NATAL	UMA PONTE LONGE DEMAIS (DUPLO)
RELAX	DICK TRACY (CLÁSSICO)

OUTRAS PROMOCOES	
DESFILES ESCOLAS DE SAMBA 1988-GLOBO	3.900
DANÇANDO LAMBADA - Curso detalhado com 120'	4.900
PRINCESA XUXA E OS TRAPALHÕES	5.900
UMA ESCOLA ATRAPALHADA	5.900
XOU DA XUXA II	5.900
OS BONS COMPANHEIROS	12.900

Entre em contato conosco para conhecer o:

SAIBA I —- Serviço de Acesso às Informações Básicas, **PROJETO LOCADORA - MODELO**, desenvolvido pelo Shopping Vídeo. Obtenha todos os detalhes e informações fundamentais para a montagem e gerenciamento da sua **VÍDEO LOCADORA** de filmes e games.

AGORA COM GRANDE VARIEDADE DE CARTUCHOS

PROMOÇÕES DO MES

ZIPPY RACE = Cr$ 2.990 — TENIS = Cr$ 2.990 — RAMBO = Cr$ 8.900
URBAN CHAMPION = Cr$ 3.900 — ARKANOID = Cr$ 6.950
SUPER MÁRIO BROS = Cr$ 6.950 — ELEVATOR = Cr$ 4.900
MACH RIDER = Cr$ 3.900 — CAÇA AO PATO = Cr$ 2.990
ADAPTADOR 60 PARA 72 PINOS = Cr$ 7.900
VIDEOGAME CHARGER NINTENDO IMPORTADO = Cr$ 49.900

PRONTA ENTREGA RIO I
Rua São Francisco Xavier, 378 - A - Tijuca
CEP 20550 - Rio de Janeiro - RJ
FAX (021) 264-2698
Pabx (021) 284-1622 - 284-9500

PRONTA ENTREGA RIO II
Estrada do Portela, 99/310 - Madureira
CEP 21351 - Rio de Janeiro - RJ
FAX (021) 359-7631
Tels.: (021) 350-4966 - 390-2573

Atendimento

24 horas

COM SECRETARIA ELETRONICA

VIDEOLANÇAMENTOS

O ÁLAMO ★★★
(The Alamo, EUA, 1959) Direção: John Wayne. Com John Wayne, Richard Widmark, Richard Boone. Warner.
Uma das duas incursões na direção do pistoleiro-mor Wayne (a outra é *Os Boinas Verdes*, 1968), o épico não economiza heroísmo ao relatar a disputa do Texas entre americanos e mexicanos no século XIX. Wayne conta à sua moda chauvinista o episódio do Forte Álamo e os feitos monumentais de David Crockett (Wayne) e James Bowie (Widmark). Impossível esquecer a trilha máscula e melodiosa de Dimitri Tiomkim, que inclui a canção "The Green Leaves of Summer", cantada pelos Brothers Four.
A.Q.N.

OS JOVENS VOADORES ★
(Sky High, EUA, 1990) Direção: James Whitmore Jr., James Fargo. Com Damon Martin, Anthony Rapp, James Whitmore. Abril Vídeo.
Dois jovens mecânicos de uma cidade insignificante descobrem um avião da Primeira Guerra, têm algumas lições com um velho excêntrico e partem para ganhar a vida como aviadores.
Ch.P.

ANIMAÇÃO

AS AVENTURAS DE DAVID COPPERFIELD ★★
(David Copperfield, EUA, 1989) VIC.
David Copperfield, personagem criado pelo escritor Charles Dickens, é o órfão inconformado por ter de viver com o padrasto depois da morte da mãe. Da escola à casa de amigos e parentes, a vida de Copperfield é uma peregrinação só, até chegar à maturidade. O filme avança em blocos narrativos que o tornam excessivamente condensado e que tendem a confundir as crianças de menor idade.
P.C

CIC

Envolvente, *Uma Vida...* tem os soberbos Barbara e Lancaster

TERROR

OBSESSÃO BRUTAL ★
(Return of the Family Man, EUA, 1989) Direção: John Murlowski. Com Ron Smerczak, Liam Cundill, Terence Reis. Globo Vídeo.
Psicopata volta à cidade natal e mata a família que ocupava sua antiga casa. Carro de jovens quebra justamente ali. O resto, já se sabe. Violência aos potes. *Ch.P.*

QUADRILHA DE SÁDICOS ★★
(The Hill Have Eyes, EUA, 1977) Direção: Wes Craven. Com Russ Crieve, Virginia Vincent, Susan Lanier, Robert Houston. Look.
Uma família de oito pessoas cruza um deserto em direção à Califórnia, quando o carro quebra. Isolados, eles são alvos de uma família de antropófagos. É civilização *versus* barbárie. Os diálogos são pobres e os atores, péssimos, mas a violência e o sangue que jorra são de primeira. Do criador de Freddy Krueger, este é um cult movie dos fãs do gênero (ver "O Lixo Bem-amado", nesta edição, pág. 42). *W.S.*

PARADA

Maio

Os Mais Alugados	Os Mais Selados
1 Uma Linda Mulher (Abril Vídeo)	1 A Dama e o Vagabundo (Abril Vídeo)
2 Olha Quem Está Falando (LK-Tel/Columbia)	2 As Tartarugas Ninjas (CIC)
3 Os Bons Companheiros (Warner)	3 O Poderoso Chefão — O Épico (CIC)
4 Acima de Qualquer Suspeita (Warner)	4 A História sem Fim II (Warner)
5 De Volta para o Futuro — parte III (CIC)	5 Tempo de Glória (LK-Tel/Columbia)
6 Garantia de Morte (América)	6 Dias de Trovão (CIC)
7 Condenação Brutal (LK-Tel/Columbia)	7 Não Tenho Troco (Warner)
8 Dias de Trovão (CIC)	8 As Aventuras do Barão de Munchausen (LK-Tel/Columbia)
9 A História sem Fim II (Warner)	9 Flores de Aço (LK-Tel/Columbia)
10 Cocoon II — O Regresso (Abril Vídeo)	10 Jardins de Pedra (Abril Vídeo)

Fontes: OMNI, 2001, Vídeo Factory, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo Shack (RJ); Mister Vídeo (DF); Scorpius Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo, Cia. do Vídeo (MG).

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria de Cultura da Presidência da República.

CLÁSSICO

UMA VIDA POR UM FIO ★★★★
(Sorry, Wrong Number, EUA, 1948) Direção: Anatole Litvak. Com Barbara Stanwick, Burt Lancaster, Ann Richards, Wendell Corey. CIC.
Barbara Stanwick simplesmente dá um verdadeiro show de interpretação nesta brilhante adaptação de um famoso texto originalmente escrito para o rádio por Lucille Fletcher, que é um tenso e estarrecedor conto de suspense. Foram raros os momentos em que o cinema aproveitou tão bem diálogos e climas teatrais, em que cada palavra é essencial.
Barbara é Leona, doente, rica, que de repente ouve numa linha cruzada um plano de assassinato. A partir daí e de outros telefonemas, Leona vai desvendando um verdadeiro complô assassino, envolvendo, principalmente, seu marido (Lancaster, numa atuação altamente profissional). Nomeada ao Oscar de melhor atriz, Barbara nos leva, apavorados, a alguns dos flash-backs mais envolventes do cinema. *Marcos Antonio Gimenes*

RUIM	★
REGULAR	★★
BOM	★★★
EXCELENTE	★★★★
OBRA-PRIMA	★★★★★

MAIS VIOLENTO QUE
VAN DAMME,
SCHWARZENEGGER
e
STALLONE.
SURGE O NOVO GRANDE
ASTRO DO MOMENTO:
DOLPH LUNDGREN
NO FILME MAIS VIOLENTO
DO ANO, ENFRENTANDO
A MÁQUINA DA MORTE
DE UM GIGANTE EXTRA
TERRESTRE

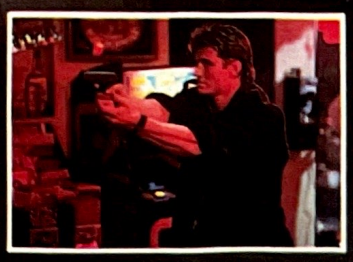
SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO

PARIS VIDEO FILMES

PARIS FILMES apresenta mais uma SUPERPRODUÇÃO

DOLPH LUNDGREN
O GRANDE ANJO NEGRO

VISION p.d.g. apresenta uma produção DAMON/SAUNDERS: "DARK ANGEL"
com DOLPH LUNDGREN num filme dirigido por GRAIG R. BAXLEY
e com BRIAN BENBEN • BETSY BRANTLEY - produção JEFF YOUNG



A DONNA DO

Na Cama com Madonna devassa a intimidade da cantora durante a turnê mundial do show *Blond Ambition* e revela sua ambição cada vez maior de continuar flertando eroticamente com a câmera

O MUNDO

SYGMA

Com os modelitos criados por Gaultier para a turnê *Blond Ambition*, Madonna simplesmente abafou: nos palcos, acima, e brunete em Cannes, ao lado, de calcinha e sutiã

Acima, Madonna com ares de estrela dos anos 20 na capa da revista americana *Rolling Stone*. Ao lado, a Breathless, de *Dick Tracy*, que conquistou Warren Beatty e, na página oposta, ela usa renda negra pra esconder o que todos querem ver

SYGMA

"Por que você encheu a primeira fila com aqueles sujeitos da indústria?", Madonna vocifera com seu empresário enquanto joga longe o microfone portátil e se atira numa cadeira para retocar a maquiagem. "Eu odeio me apresentar em Los Angeles. ODEIO! Toda aquela gente me devorando com os olhos, esperando que eu erre."

A cena é do documentário *Na Cama com Madonna*, de Alek Keshishian. Um pouco depois, Madonna poderá expressar mais claramente sua relação ódio-ódio com "Los Angeles" (entendida aqui como "Hollywood" ou "a indústria", cujos "sujeitos" ela tanto detesta): num camarim repleto de celebridades — Al Pacino, Jeffrey Katzenberg, presidente da Disney, Lionel Ritchie, Olivia Newton-John —, ela trata todos com igual estudada e divertida frieza; e, num momento que já se tornou quase clássico — se clássico é termo que se use com Madonna —, ela, pelas costas, chama de "idiota" o atual herói do momento, Kevin Costner. Mais que isso, finge enfiar um dedo na garganta e vomitar, como reação à presença do rapaz.

E, enfim, na seqüência final do filme — as longas, pseudo-íntimas conversas com seus dançarinos, todos em trajes menores e enrodilhados dos alvos lençóis da cama de Madonna —, a relação é expressa com todas as letras. "Nós queremos alguma coisa com Hollywood?", Madonna pergunta. "NÃÃÃÃO", ela e os bailarinos respondem em coro. "Nós queremos que eles puxem nosso saco?", ela pergunta de novo. "SIIIIIM", responde, obedientemente, o coro.

E no entanto Madonna quer ser uma estrela de Hollywood, como *Na Cama com Madonna* prova exaustiva e, talvez, involuntariamente. À falta do script que finalmente estabelecera seu sonho, à falta do orçamento que viabilizara o script que estabelecera seu sonho — um de seus projetos de estimação, a versão cinematográfica de *Evita*, foi barrado na Disney por estourar o *budget* previsto de 25 milhões de dólares —, ela entregou ao jovem, novato e esperançoso Alek Keshishian a famosa carta branca para que ele documentasse a tourné *Blond Ambition* de 1990. E, no processo, se entregou de corpo e alma — mais corpo que alma, freqüentemente — às suas 24 câmeras — 22 35mm, cor; duas 16mm, preto-e-branco.

Por quê? Porque ela, na verdade, adora a visibilidade que a câmera dá — visibilidade permanente, itinerante. Porque ela no fundo queria viver assim, permanentemente diante das câmeras, como resmunga, ranzinza e não desprovido de razão, o então namorado Warren Beatty. (Alguém que gosta muito das câmeras, também, mas só quando ele pode ter a completa sensação de controle sobre sua imagem. "Pode vir, Warren, a luz aqui está ótima", Madonna diz, implicando, numa breve cena. Warren vem, se vê no espelho — e no olho da câmera, atrás dele — e se retira rapidamente.) Porque a câmera, mais do que o palco, mais do que a mídia impressa que ela manipula tão bem, lhe dá a perfeita oportunidade de ser, como ela disse na entrevista da revista gay *Advocate*, e como ela repete no filme, "política, atuante. Porque eu não quero ser a melhor cantora, a melhor dançarina, eu quero apertar os botões das pessoas"

ELA MESMA — Cinema como construtor de estrelas, mas sobretudo cinema como agitador das massas. Que é o que, no fundo, Madonna gostaria de ser. Que é o que, no fundo, ela imagina que é: a boca e os cabelos de Marilyn Monroe, que ela ama como signo, máscara, "para incorporar o que ela significa na cabeça das pessoas e perguntar: e se tudo fosse diferente?"; as sobrancelhas de Frida Kahlo, a artista mexicana que Ma-

MADONNA EM CANNES

Houve uma só estrela em Cannes-91: Madonna. Depois de roubar a cena no Oscar, foi a vez da Croisette, a sede do maior festival de cinema do mundo. Madonna é um gênio do "merchandising" e Cannes-91 foi de suas melhores criações.

Ela foi a Cannes com Na Cama com Madonna, *dirigido pelo* clipmaker *Alek Keshishian, metade documentário (preto-e-branco e interessante), metade filme-concerto (em cores e "dejà vu"). Tanto o espetáculo Madonna ao vivo quanto o show filmado tinham um só objetivo: lançar um novo modelo Madonna. Radicalizando seu modelo marilyn-monroeniano, Madonna agora vende-se como mais uma estrela solitária. Ama seu ex-marido impossível (Sean Penn), cerca-se de doces homossexuais, desfila pela Croisette com fisionomia carregada, paquera sempre o homem errado.*

A história original, com Marilyn, acabou em tragédia. Madonna, porém, subverte o ditado e parte sempre da farsa. Qual será o final da mais bem-sucedida "material girl" da indústria de entretenimentos deste fim de século? Metamorfose ambulante, Madonna não aconselha previsões. Mas o próximo capítulo, ao que tudo indica, será aqui mesmo nos tristes trópicos, na ECO-92. Vai ser curioso ver Na Selva com Madonna.

Amir Labaki

Liaison Gamma-Sigla

Mobilizados pela sofreguidão, os fãs, acima, empunham o cartaz do filme na noite da estréia francesa. À direita, com o *clipmaker* Alek Keshishian, Madonna até parece "gente normal"

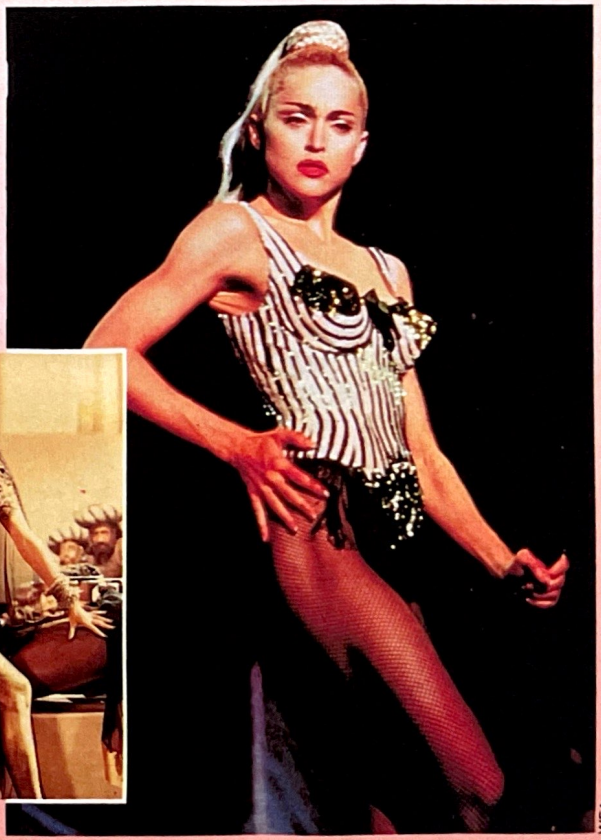
donna coleciona com paixão, suspeito que menos pela arte em si, e mais, novamente, pelos signos ao seu redor: mulher sofredora mas forte, dilacerada mas militante, transformando o próprio corpo mutilado em um meio expressivo.

Porque Madonna compreende inteiramente o que a câmera pode fazer por ela, ela está, em *Na Cama com Madonna*, inteiramente à vontade. É curioso imaginar que o diretor Keshishian — fã de Madonna e criado no universo do videoclip, o que já diz algo sobre sua concepção de "realismo" —

Top Tape

Top Tape

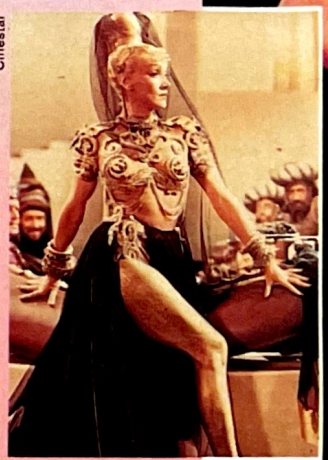
Meticulosamente estudados e inspirados, o glamour, ao alto, e a sensualidade de Marlene Dietrich, abaixo, são explícitos nas poses da cantora



WEA

Cinestar

Marilyn Monroe chacoalhou a moral americana com sua nudez, à direita, num calendário, que Madonna copia, acima, acrescida de um lençol

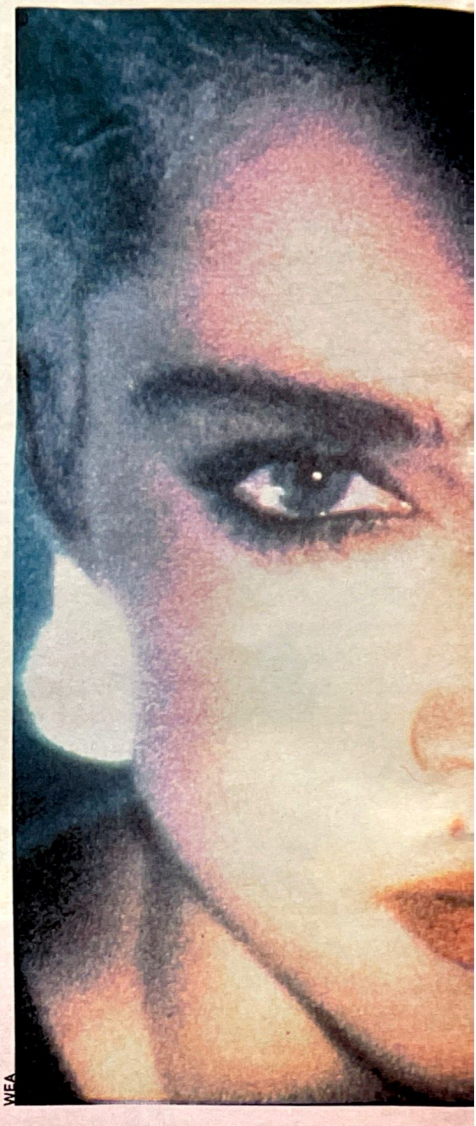


Cinestar

está, o tempo todo, pensando em seu filme como cinema-*verité*, versão 91. A granulação estourada das cenas de bastidores, preto-e-branco, remete imediatamente a *Don't Look Back*, de D.A. Pennebraker, com Bob Dylan nos idos de 1965 — ou, talvez, a *Os Reis do Iê Iê Iê*, de Richard Lester, que era a ficção filmada como se fosse realidade. E, sempre que pode, Keshishian tocaia algum personagem secundário num momento revelador — o dançarino que aguarda, nervosamente, a visita do pai que não vê há cinco anos; a maquiadora desesperada depois de um possível estupro num clube de Nova York — para enfatizar o que a própria textura de imagem quer mostrar: que tudo é verdade.

É igualmente curioso imaginar que, durante todo o tempo, Madonna está vendo o filme — o SEU filme, como ela retruca quando Beatty, mais uma vez, reclama da "maluquice" que é ter a câmera em todos os momentos — como uma performance. O melhor personagem da sua breve carreira cinematográfica, melhor que seu alter ego semijuvenil em *Procura-se Susan Desesperadamente*, melhor que seu alter ego maduro/fatal em *Dick Tracy*, infinitamente melhor que a bomba histórica de *Surpresa de Shangai*, mais tributo de amor ao então marido Sean Penn ("o grande amor da minha vida", ela diz em *Na Cama...*") que qualquer outra coisa.

Sem dúvida, o melhor personagem: ela mesma, oferecida à visitação pública em medidas e ângulos tão perfeitamente estudados que, ao primeiro olhar, parecem realisticamente naturais. É quando se compara o visível desconforto do resto da sua *entourage* com a constante efervescência confessional de Madonna que a sutil performance se revela, admirável em sua gradação de glamour e vulgaridade, força e fragilidade.



WEA

BUSTIÊ — Admirável feito: que numa era tão saturada de superinformação, tão overdoseada de entretenimento, Madonna possa nos manter constantemente curiosos acerca de sua pessoa — sua persona. Tão curiosos que um filme como este, modestíssimo (4 milhões de dólares de orçamento, coisa que, hoje, só filmes estudantis e experimentais gastam) e repleto de fatores adversos (o último docu-

ESTRELA DE VERDADE

Esta coletânea abrange quase todos os vídeos da carreira da loira ambiciosa, de 1983 a 1990. Entre os diretores estão o aclamdo Jean-Baptiste Mondino, o fotógrafo Herb Ritts e a diretora Mary Lambert.

Produto dos anos 80 que é, Madonna não sobreviveria sem a imagem. Por isso trabalha esse lado perfeitamente. Estética nota dez e conteúdo caindo sempre no controverso é a combinação ideal para quem quer grudar na memória das pessoas.

Até os menos espertos vão perceber que ela adora barbarizar com sexo e religião. Quem ficou chocado com a paradisíaca orgia das imagens de Justify my Love, *além de moralista travado, não tinha prestado atenção na maioria dos clips anteriores. Só para lembrar,* Open Your Heart *— assim como* Justify, *dirigido por Mondino — sutilmente sugere sadomasô, voyeurismo e pedofilia, já em 1986.* Like a Prayer *mostra um negro na cruz, que é beijado por Madonna.*

Mas o mais importante é que para quem, com toda a razão, está mais interessado no produto do que no efeito provocado por ele, Immaculate *proporciona inesquecível prazer aos olhos. Junto, é claro, com música pop de primeira.*

Material Girl *alvoroça cinéfilos com sua paródia do antológico número dos diamantes de Marilyn Monroe em* Os Homens Preferem as Louras; Vogue, *em preto-e-branco, homenageia mais um monte de estrelas dos "bons tempos" em que o cinema era chique, divertido e inteligente* ao mesmo tempo. *Dietrich, Harlow, Kelly, Astaire, Brando, preste atenção na letra, estão todos lá. Sem contar os inumanos contorcionismos dos dançarinos de* Vogue. *Legais também os vídeos de 83/84, como* Lucky Star *e* Like a Virgin, *ingênuos só na aparência.*

Em tempos em que até um ascensorista tem uma vida mais excitante que a média das estrelas de cinema, as baixarias de Madonna são algo a ser festejado. Sugestão? Troque suas medíocres estrelas de cinema de hoje por uma autêntica e magnífica estrela do vídeo.

Camilo Rocha

Immaculate Collection (EUA, 1983/1990) Direção: Jean-Baptiste Mondino, Herb Ritts, Mary Lambert. Warner.

Fotos Walter Craveiro

No polêmico clip *Justify my Love*, Madonna deita, rola, geme e excita homens e mulheres

Sergio Toledo

VERA

(Brasil, 1986)

Ficha técnica: Direção: Sergio Toledo ■ Roteiro: Sergio Toledo ■ Fotografia: Rodolfo Sanchez ■ Música: Arrigo Barnabé ■ Cenografia: Naum Alves de Souza, Simone Raskin ■ Montagem: Tercio G. da Mota ■ Produção: Sergio Toledo para a Nexus Cinema e Vídeo ■ Distribuição em vídeo: Globo Vídeo ■ Duração: 1h23.

O elenco: Ana Beatriz Nogueira (Vera), Raul Cortez (professor Paulo Trauberg), Aida Leiner (Clara), Carlos Kroeber (diretor do orfanato), Cida Almeida (Paizão),Adriana Abujamra (Telma), Imara Reis (Helena Trauberg), Norma Blum (Izolda), Abram Faarc (funcionário da biblioteca), Liana Duval (funcionária da biblioteca).

A trama: *Vera* conta a história de uma menina que luta para encontrar seu lugar em um mundo cada vez mais complexo e hostil. Órfã, ela passa a adolescência em um internato onde, aos poucos, começa a desenvolver uma personalidade masculina e a se impor às outras meninas. Aos dezoito anos sai do internato e, com a ajuda de um professor, consegue arranjar emprego e começar a vida. No trabalho, conhece Clara e tenta se aproximar dela. As duas se tornam amigas e Vera radicaliza seu comportamento, tentando convencer Clara de que é um homem, vestindo-se e comportando-se como tal. Ao contrário do que ocorrera no internato, porém, ela não consegue se impor nem à amiga, nem aos colegas de trabalho, e logo os primeiros conflitos começam a surgir. Acuada, solitária, Vera se vê cara a cara com seu dilema: uma personalidade masculina num corpo de mulher.

O diretor: Sergio Toledo nasceu em 1956. É neto do pintor Lasar Segall, filho do museólogo Maurício Segall e da atriz Beatriz Segall. Proveniente de uma família de artistas, desde cedo tomou contato com o mundo das artes cênicas, acompanhando os trabalhos do Grupo de Teatro São Pedro, dirigido por seus pais. Em 1970 conheceu Hector Babenco, com quem teve sua primeira experiência cinematográfica. Realizou filmes em Super-8, e, até 1974, estudou Sociologia na Universidade de São Paulo. Trabalhou também com Araci Amaral na Pinacoteca do Estado. Se profissionalizou a partir de 1975, trabalhando com diretores como Walter Hugo Khouri, Maurice Capovilla, Jorge Bodansky e Ana Carolina.

Notas: Ana Beatriz Nogueira, a atriz que interpreta a personagem-título do filme de Toledo, recebeu o Urso de Prata do Festival de Berlim de 1986 por sua atuação ■ O diretor fez mais de trezentos testes antes de encontrar a jovem atriz carioca ■ Para realizar *Vera,* Toledo pesquisou durante um ano e levou outros dois escrevendo os cinco tratamentos de roteiro ■ O produtor executivo do filme, Cláudio Kahns, produziu também *A Marvada Carne* e *Feliz Ano Velho* ■ Rodolfo Sanchez, o fotógrafo, trabalhou com Hector Babenco em *Pixote* e *O Beijo da Mulher Aranha* ■ Arrigo Barnabé compôs a trilha sonora e atuou em *Cidade Oculta,* de Chico Botelho.

USE FITAS SELADAS

Howard Hawks

HATARI!

(EUA, 1962)

Ficha técnica: Direção: Howard Hawks ■ Roteiro: Leigh Brackett, baseado numa história de Harry Kurnitz ■ Diretor de Fotografia: Russell Harlan ■ Câmera: Roger Monteran, Jack Whitman, Brian West ■ Música: Henry Mancini ■ Canção: "Just for Tonight", de Johnny Mercer, Hoagy Carmichael ■ Direção de Arte: Hal Pereira, Carl Anderson ■ Cenários: Sam Corner, Claude Carpenter ■ Efeitos Especiais: John P. Fulton, Dick Parker ■ Montagem: Stuart Gilmore ■ Produção: Howard Hawks para a Malabar Productions ■ Distribuição em vídeo: CIC ■ Duração: 2h39.

O elenco: John Wayne (Sean Mercer), Hardy Kruger (Kurt Stahl), Elsa Martinelli (Serafini "Dallas" d'Allessandro), Red Buttons (Pockets), Gérard Blain (Chip Maurey), Michèle Girardon (Brandy), Bruce Cabot (Bill "Indian" Vaughn), Valentin De Vargas (Luis), Eduard Franz (Dr. Sanderson), Jon Chevron (Joseph).

A trama: A Fazenda Momella de Caça, em Tanganyika, é famosa no mundo inteiro como um reduto de animais selvagens. Quando o seu dono é morto por um rinoceronte, sua filha Brandy, nascida na França, decide levar adiante o trabalho do pai. Seus assistentes são o americano Sean Mercer, um caçador amargurado por uma história de amor infeliz; Kurt Stahl, um ex-corredor de carros da Alemanha que dirige o jipe dos animais; Bill "Indian" Vaughn, um caçador veterano; e Pockets, um ex-motorista de táxi do Brooklyn. De vez em quando juntam-se a este pequeno grupo de aventureiros internacionais a fotógrafa Dallas e o playboy francês Chip Maurey, que substitui Indian quando ele é seriamente ferido por um rinoceronte. Os problemas começam quando Kurt e Chip passam a competir pela atenção de Brandy, e Sean se enfurece com a mania de Dallas de colecionar bebês elefantes.

O diretor: O norte-americano Howard Hawks (1896-1977) sempre foi idolatrado pela crítica francesa por suas comédias inteligentes e deliciosas e seus faroestes. Lançou estrelas como Lauren Bacall e Angie Dickinson, dirigiu filmes que serviram de veículo para John Wayne — *Rio Vermelho* (1948) e *Rio Bravo* (1959), cult-movies como *Scarface* (1932), comédias com Cary Grant e Katharine Hepburn e filmes noir com Humphrey Bogart. Estreou na direção com *The Road to Glory* (1926), o primeiro de uma série de oito filmes mudos dos quais o mais famoso é *Uma Noiva em Cada Porto* (1928).

Notas: *Hatari!* foi indicado para o Oscar de melhor fotografia (Russell Harlan) ■ Um crítico chegou a escrever que "Hawks estava levando seus amigos, os atores e a equipe numa viagem que ele queria fazer pessoalmente. O filme é ao mesmo tempo a desculpa casual que o diretor encontrou para fazê-la e o registro dessa experiência" ■ *Hatari!* traz o ator John Wayne no melhor de sua forma ■ Hawks acertou a mão misturando em doses equilibradas aventura e comédia neste brilhante filme de ação ■ *Hatari!* significa *Perigo!* em Swahili.

USE FITAS SELADAS

David Lynch

CORAÇÃO SELVAGEM

(Wild at Heart, EUA, 1990)

Ficha técnica: Direção: David Lynch ■ Roteiro: David Lynch, baseado no romance de Barry Gifford ■ Fotografia: Frederick Elmes ■ Música: Angelo Badalamenti ■ Montagem: Duwayne Dunham ■ Desenho de Produção: Patricia Norris ■ Produção: Michael Kuhn ■ Distribuição em vídeo: Transvídeo ■ Duração: 2h04.

O elenco: Nicolas Cage (Sailor Ripley), Laura Dern (Lula Pace Fortune), Diane Ladd (Marietta Fortune), Willem Dafoe (Bobby Peru), Harry Dean Stanton (Johnnie Farragut), Isabella Rossellini (Perdita Durango), Crispin Glover (Dell), W. Morgan Sheppard (Mr. Reindeer), J.P.E. Freeman (Santos).

A trama: Lula Pace Fortune e seu amante, Sailor Ripley, fogem pelas estradas que unem Cape Fear, na Carolina do Norte, a Big Tuna, no Texas. Ela tem 20 anos e se autodescreve como "mais quente que o asfalto da Georgia". Ele é um jovem calmo que acabara de passar 22 meses e 18 dias na prisão por ter matado um homem que o atacara com uma faca. Possessiva e histérica, a mãe de Lula, Marietta, põe no encalço dos dois o detetive particular Johnnie Farragut e o gângster Santos, seu amante. Marietta jura que Lula e Sailor nunca ficarão juntos.

O diretor: Nascido em Montana, no ano de 1946, o norte-americano David Lynch conseguiu a proeza de transpor para sua filmografia a máxima shakespeariana segundo a qual há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia. Resultado: é amado e odiado por muitos. Melhor que falar do complexo olhar que ele lança ao mundo é ver seus filmes: *Eraserhead* (1978), um cult-movie inédito no Brasil, *O Homem Elefante* (1980), *Duna* (1984), *Veludo Azul* (1986), a série televisiva *Twin Peaks* e, finalmente, *Coração Selvagem.* Recebeu duas indicações para o Oscar, uma por *O Homem Elefante* e outra por *Veludo Azul,* mas acabou levando a Palma de Ouro em Cannes, em 1990, por *Coração Selvagem.* Nessa época, a série *Twin Peaks* já estourava nos EUA. Reconhecimento previsto para Lynch, cujos filmes podem provocar prazer ou repulsa, nunca indiferença.

Notas: David Lynch foi casado com a atriz Isabella Rossellini, filha de Ingrid Bergman com o cineasta Roberto Rossellini, durante cinco anos ■ Laura Dern é filha de Diane Ladd com o ator Bruce Dern ■ Nicolas Cage, sobrinho de Francis Ford Coppola, trabalhou com o tio em *O Selvagem da Motocicleta* (1983), *Cotton Club* (1984) e *Peggy Sue, o Passado a Espera* (1986) ■ Diane Ladd atuou em *Alice Não Mora Mais Aqui* (1975), de Martin Scorsese, e foi indicada para o Oscar de melhor atriz coadjuvante por *Coração Selvagem* ■ Uma das atrações da trilha sonora de *Coração Selvagem* é Nicolas Cage cantando "Love Me Tender", sucesso imortalizado na voz de Elvis Presley.

USE FITAS SELADAS

George Roy Hill

O MUNDO SEGUNDO GARP

(The World According to Garp, EUA, 1982)

Ficha técnica: Direção: George Roy Hill ■ Roteiro: Steve Tesich, baseado num romance de John Irving ■ Fotografia: Miroslav Ondricek ■ Música: David Shire ■ Direção de Arte: Henry Bumsted ■ Montagem: Ronald Roose ■ Produção: Warner ■ Distribuição em vídeo: Warner ■ Duração: 2h16.

O elenco: Robin Williams (Garp), Mary Beth Hurt (Helen Holm), Glenn Close (Jenny Fields), John Lithgow (Roberta Muldoon), Hume Cronyn (M. Fields), Jessica Tandy (Mme. Fields), Swoosie Kurtz (prostituta).

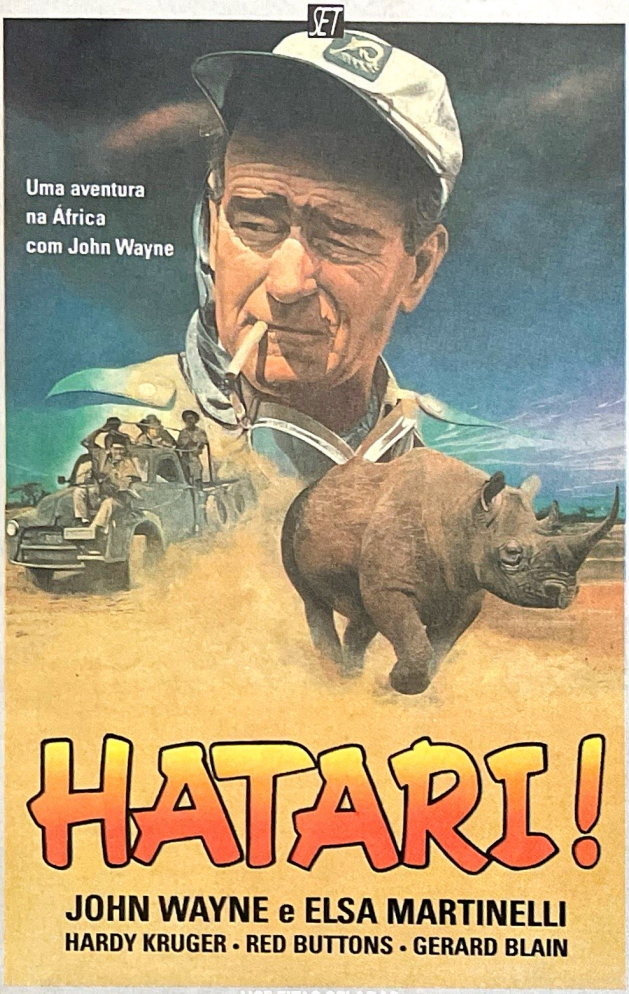
A trama: Garp foi sempre tão esperto que quando nasceu já tinha uma visão formada do mundo. Tal filho, tal mãe. Em 1944, Jenny Fields, uma enfermeira superindependente, decidiu concebê-lo com o auxílio de um ferido de guerra que morreu logo depois. Aos 18 anos, Garp se apaixonou pela filha de sua treinadora, Helen, que sonhava vê-la casada com um escritor. O jovem Garp concentra então sua fértil imaginação na feitura de um livro. Jenny, que já havia escrito suas memórias, encontra um editor que publica também a obra do filho. As memórias logo se transformam num best-seller e num símbolo do feminismo.

O diretor: O norte-americano George Roy Hill começou na direção em 1962, mas conheceu a celebridade em 1969, quando realizou *Butch Gassidy.* E o sucesso não parou por aí. Em 1973 acertou outra vez a mão em *Golpe de Mestre,* Oscar de melhor filme e direção. Por *Matadouro 5,* dirigido dois anos antes, já havia recebido o prêmio de melhor direção em Cannes. Dirigiu também na Broadway onde recebeu o prêmio Pulitzer pela peça *Look Homeward Angel.* Nascido em Mineápolis, Hill estudou música em Yale e na Irlanda. Lutou na Segunda Guerra e na Coréia e começou sua carreira como ator e escrevendo para a TV, onde dirigiu produções premiadas, como *O Julgamento de Nuremberg. Positivamente Millie,* que dirigiu no cinema em 1967, é um dos melhores musicais da década de 60.

Notas: Publicado em 1978, o romance de John Irving, *O Mundo Segundo Garp,* foi traduzido para onze línguas ■ Este foi o segundo trabalho para o cinema de Robin Williams, que antes havia aparecido em *Popeye* (1980), de Robert Altman, quando já era um astro da televisão americana ■ Mary Beth Hurt foi revelada em *Interiores* (1978), de Woody Allen ■ Steve Tesich, responsável pela adaptação do romance de Irving, até então considerada um desafio, escreveu também o roteiro de *Amigos para Sempre* (1981), de Arthur Penn, com tintas nitidamente autobiográficas ■ O filme de Hill marca a estréia no cinema de Glenn Close, em excepcional desempenho como a pouco ortodoxa (e solteira) mãe de Garp ■ Lithgow faz um transexual, e o diretor Hill aparece numa ponta como o piloto que cai sobre a casa de Garp.

USE FITAS SELADAS

SET

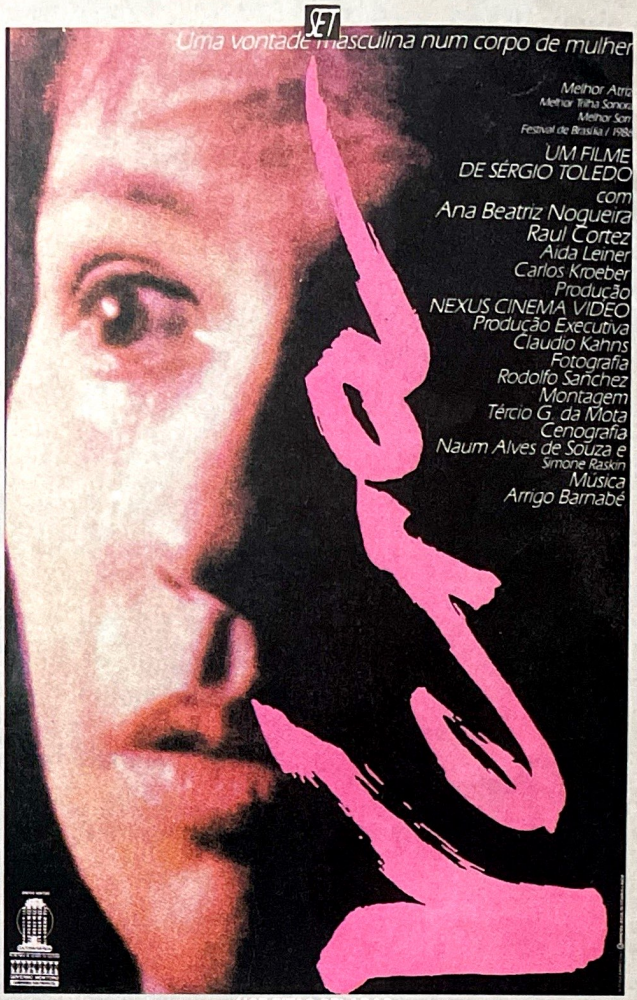


HATARI!

JOHN WAYNE e ELSA MARTINELLI
HARDY KRUGER • RED BUTTONS • GERARD BLAIN

USE FITAS SELADAS

SET



Vera

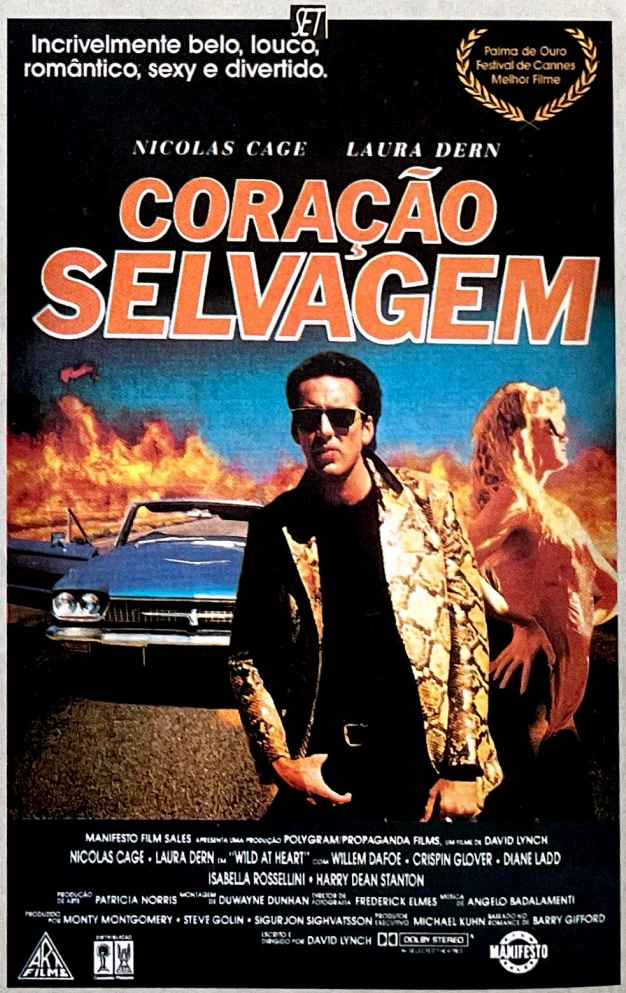
USE FITAS SELADAS

SET

O MUNDO SEGUNDO Garp

USE FITAS SELADAS

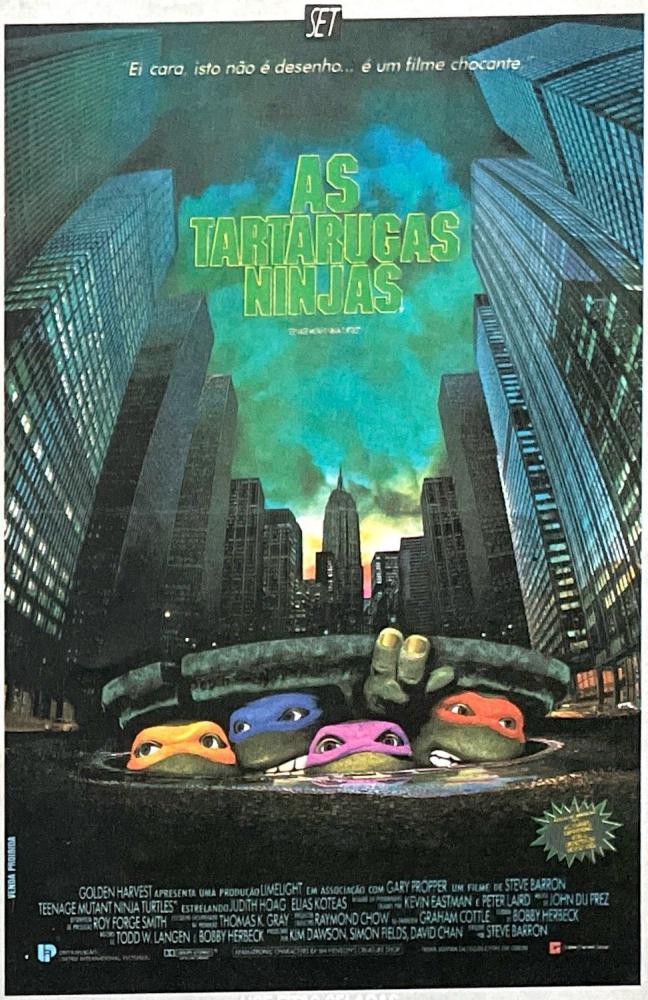
SET



CORAÇÃO SELVAGEM

USE FITAS SELADAS

USE FITAS SELADAS



USE FITAS SELADAS

USE FITAS SELADAS

USE FITAS SELADAS

Steve Barron

AS TARTARUGAS NINJAS

(Teenage Mutant Ninja Turtles, EUA, 1989)

Ficha técnica: Direção: Steve Barron ■ Roteiro: Todd W. Langen e Bobby Herbeck, de uma história de Herbeck, baseada nos quadrinhos criados por Kevin Eastman e Peter Laird ■ Fotografia: John Fenner ■ Montagem: William Gordean, Sally Menke, James Symons ■ Direção de Arte: Gary Wissner ■ Desenho de Produção: Roy Forge Smith ■ Cenários: Brendan Smith, Barbara Kahn ■ Figurinos: John M. Hay ■ Coordenador de dublês e coreógrafo de artes marciais: Pat Johnson ■ Efeitos Especiais: Joey Di Gaetano ■ Desenho das Criaturas: Jim Henson's Creature Shop ■ Música: John Du Prez ■ Produção: Kim Dawson, Simon Fields, David Chan para a Limelight Production ■ Distribuição em vídeo: CIC ■ Duração: 1h33.

O elenco: Judith Hoag (April O'Neil), Elias Koteas (Casey Jones), Joch Pais (Raphael), Michelan Sisti (Michelangelo), Leif Tilden (Donatello), David Forman (Leonardo), Michael Turney (Danny Pennington), Jay Patterson (Charles Pennington), Raymond Gerra (Chief Sterns), James Saito (The Shredder), Toshishiro Obata (Tatsu).

A trama: Depois de atacada por trombadinhas, a jornalista April é salva por tartarugas mutantes que passaram a se dedicar à defesa dos fracos e oprimidos desde que foram contaminadas por uma substância radioativa nos esgotos de Nova York e transformadas em guerreiros pelo rato Splinter, um mestre ninja. Aliadas ao justiceiro Casey Jones, elas combatem a organização Foot, que deflagrara uma onda de crimes na cidade, liderada pelo arquiinimigo Demolidor.

O diretor: O irlandês Steve Barron tem uma bem-sucedida carreira nos Estados Unidos como realizador de videoclips. Trabalhou com Richard Attenborough em *Uma Ponte Longe Demais*. Fundou com a irmã uma produtora de vídeo, a Limelight, onde realizou vídeos para grupos de rock, incluindo o famoso *Billy Jean*, de Michael Jackson.

Notas: As Tartarugas Ninjas surgiram em 1984 quando os desenhistas de quadrinhos Peter Laird e Kevin Eastman, cansados de ver tantos programas "trash" na TV, desenharam uma história em branco-e-preto com os bichos, numa tiragem inicial de três mil exemplares. Foi um sucesso meteórico que logo passou para a TV e, em seguida, foi levado ao cinema por Steve Barron. Barron se associou ao produtor David Chan — mentor de Bruce Lee — e fez um filme ágil, com cenas de luta bastante convincentes ■ O filme faturou 150 milhões de dólares nos Estados Unidos e tornou ainda mais endoidecida a febre por produtos de merchandising relacionados aos personagens — de pizzas congeladas a calcinhas — que já havia se instalado entre as crianças com os desenhos da TV ■ Jim Henson, o criador dos bonecos das Tartarugas Ninjas e dos bonecos de Vila Sésamo e Os Muppets, morreu em maio de 1990, aos 53 anos.

USE FITAS SELADAS

SET

D.W. Griffith

INTOLERÂNCIA

(Intolerance, EUA, 1916)

Ficha técnica: Direção: D.W. Griffith ■ Assistentes de Direção: Erich von Stroheim, Tod Browning, William S. Van Dyke, George Siegmann, Edward Dillon, Joseph Henabery ■ Fotografia: Billy Bitzer, Karl Browm ■ Música: Joseph Carl Breil, D.W. Griffith; em vídeo: Carl Davis ■ Montagem: James E. Smith ■ Decoração: Frank Wortmann, R. Ellis Walles ■ Produção: D.W. Griffith-Wark Producing Corporation ■ Distribuição em vídeo: VTI ■ Duração: Versão original: cerca de oito horas. Versão comercial: 3h35. Em vídeo: 1h55.

O elenco: *História moderna:* Mae Marsh (mocinha), Fred A. Turner (pai), Robert Harron (mocinho), Sam de Grasse (Jenkins, o magnata) ■ *História judaica:* Howard Gaye (Nazareno), Lillian Langdon (Maria), Olga Grey (Maria Madalena), Gunther von Ritzau, Erich von Stroheim (fariseus), Bessie Love (jovem de Canaã), George Walsh (noivo) ■ *História medieval francesa* (A Noite de São Bartolomeu): Margery Wilson ("Brown Eyes"), Eugene Pallete (Prosper Latour, o noivo), Spottiswoode Aitken (pai), Ruth Handforth (mãe); A.D. Sears (mercenário), Frank Bennett (Charles IX) ■ *História babilônica:* Constance Talmadge (jovem da montanha), Elmer Clifton, Alfred Paget (príncipe Balthazar), Senna Owen (princesa Atarea), Carl Stockdale (rei Nabonidas da Babilônia), Tulli Marshall (grande sacerdote de Bel), George Siegmann (Cyrus, rei dos persas), Lilian Gish.

A trama: A crueldade humana e o destino do homem são examinados nesta série de quatro histórias interligadas que vão da Babilônia aos tempos modernos.

O diretor: Considerado o criador da linguagem cinematográfica, o norte-americano David Wark Griffith (1875-1948) foi o primeiro cineasta a utilizar dramaticamente os movimentos de câmera, o close, as montagens paralelas. Lançou as bases para a criação da indústria cinematográfica de Hollywood com *Nascimento de Uma Nação* (1915), um sucesso estrondoso. Fundou a United Artists com Charles Chaplin, Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Não trabalhou nos últimos quinze anos de sua vida por não encontrar financiamentos para seus projetos.

Notas: Como *Nascimento de Uma Nação*, *Intolerância* é uma obra máxima na carreira de Griffith, uma experiência ousadíssima em que o diretor fez montagens paralelas de histórias de diferentes épocas: o século XX, os tempos de Cristo, o século XVI na França e o ano de 539 a.C., na Mesopotâmia ■ O filme foi um retumbante fracasso na época de sua exibição e sofreu várias críticas por trazer embutida uma mensagem pacífica justamente no momento em que os Estados Unidos entravam na Primeira Guerra Mundial ■ A restauração de *Intolerância*, feita pelo Moma (Museu de Arte Moderna de Nova York), levou oito anos e teve um custo de US$ 100 milhões, só de laboratório.

USE FITAS SELADAS

SET

Martin Scorsese

OS BONS COMPANHEIROS

(Goodfellas, EUA, 1990)

Ficha técnica: Direção: Martin Scorsese ■ Roteiro: Nicholas Pileggi e Martin Scorsese, baseado no livro *Wise Guys*, de Nicholas Pileggi ■ Fotografia: Michael Ballhaus ■ Música: diferentes canções de época ■ Figurino: Richard Bruno ■ Desenho de Produção: Kristi Zea ■ Montagem: Thelma Schoonmaker ■ Produção: Irwin Winkler ■ Distribuição em vídeo: Warner ■ Duração: 2h26.

O elenco: Robert De Niro (James Conway), Ray Liotta (Henry Hill), Joe Pesci (Tommy DeVito), Lorraine Bracco (Karen Hill), Paul Sorvino (Paul Cicero), Frank Sivero (Frankie Carbone), Tony Darrow (Sonny Bunz), Mike Starr (Frenchy).

A trama: Alguns garotos sonham ser jogadores de futebol, outros desenhistas de jogos de computador, outros ainda almejam voar em naves espaciais. Henry Hill sempre quis ser um gângster. Nascido no Brooklyn, NY, começou na "carreira" aos onze anos de idade. Trabalhava como mensageiro do serviço de táxi e limousines da Euclid Avenue, usado como fachada pelos membros da máfia local e seus asseclas: bicheiros, fugitivos da polícia, políticos, policiais etc. Este era apenas um dos negócios de Paul Cicero, um mafioso em ascensão junto à criminosa família Luchese. Cicero tomou-se de afetos pelo garoto. Ambicioso e eficiente, Hill recebeu um tratamento de filho por mais de vinte anos. Tornou-se um dos "mecânicos" mais confiáveis de Cicero: confidente, motorista, braço direito, mensageiro... Seu único problema: embora a mãe fosse siciliana, o pai era irlandês. Assim, Hill nunca seria um membro efetivo da organização. Para sempre lhe foi negado o status que o "sangue puro" lhe teria dado. No limite do prestígio e do poder, ele abraça então o tráfico de drogas para enriquecer.

O diretor: Nascido em Nova York, Martin Scorsese é um dos diretores mais competentes e criativos do cinema atual. Nunca se limitou a um gênero, passando fácil e com o mesmo talento de um documentário sobre uma banda de rock (*O Último Concerto de Rock*, 1978) para um filme em preto-e-branco sobre o boxe (*Touro Indomável*, 1980), ou um musical hollywoodiano (*New York, New York*, 1977).

Notas: O crítico Vincent Canby, do jornal *New York Times*, definiu *Os Bons Companheiros* como um filme brilhante, quase sem fôlego e de resultados exuberantes ■ Colocando-o ao lado dos clássicos de Scorsese, *Taxi Driver* e *Touro Indomável*, afirmou também que *Os Bons Companheiros* é politicamente o filme mais sério e o mais terrivelmente divertido feito até hoje sobre a máfia organizada ■ Dois achados do diretor Scorsese em *Os Bons Compaheiros*: os créditos "aspirados" e a enlouquecida aceleração do ritmo do filme à medida em que Henry Hill começa a se entregar ao vício da cocaína ■ No filme, a mãe de Scorsese aparece como a mãe do gângster interpretado por Joe Pesci.

USE FITAS SELADAS

SET

John Waters

HAIRSPRAY — ÉRAMOS TODOS JOVENS

(Hairspray, EUA,1987)

Ficha técnica: Direção: John Waters ■ Roteiro: John Waters ■ Fotografia: David Insley ■ Música: Kenny Vance ■ Direção de Arte: Vincent Peranio ■ Figurinos e Maquiagem: Van Smith ■ Cabelos: Christine Mason ■ Montagem: Janice Hampton ■ Coreografia: Edward Love ■ Produção: Robert Maier para a New Line Cinema ■ Distribuição em vídeo: LK-Tel/Columbia ■ Duração: 1h30.

O elenco: Divine (Edna Turnblad, Arvin Hodgepile), Sonny Bono (Franklin Von Tussle), Ruth Brown (Motormouth Maybell), Bebbie Harry (Velma Von Tussle), Ricki Lake (Tracy Turnblad), Jerry Stiller (Wilbur Turnblad), Mink Stole (Tammy), Pia Zadora (garota beatnik), Rick Ocasek (gato beatnik).

A trama: No ano de 1962, em Baltimore, quando os cabelos extravagantes e as danças da moda eram a sensação do momento, a gorducha Tracy Turnblad joga todas as suas fichas no *The Corny Collins Show*, um programa popular de TV, e se torna uma celebridade. As regras segregadoras de admissão ao *Collins Show* lhe dão consciência política, conduzem-na ao submundo beatnik e, eventualmente, ao reformatório. Tracy tem de enfrentar ainda a ira de Amber Von Tussle, até então a rainha do pedaço, e sua ambiciosa mãe, Velma, que ameaça mandá-la para a escola católica caso ela perca o trono.

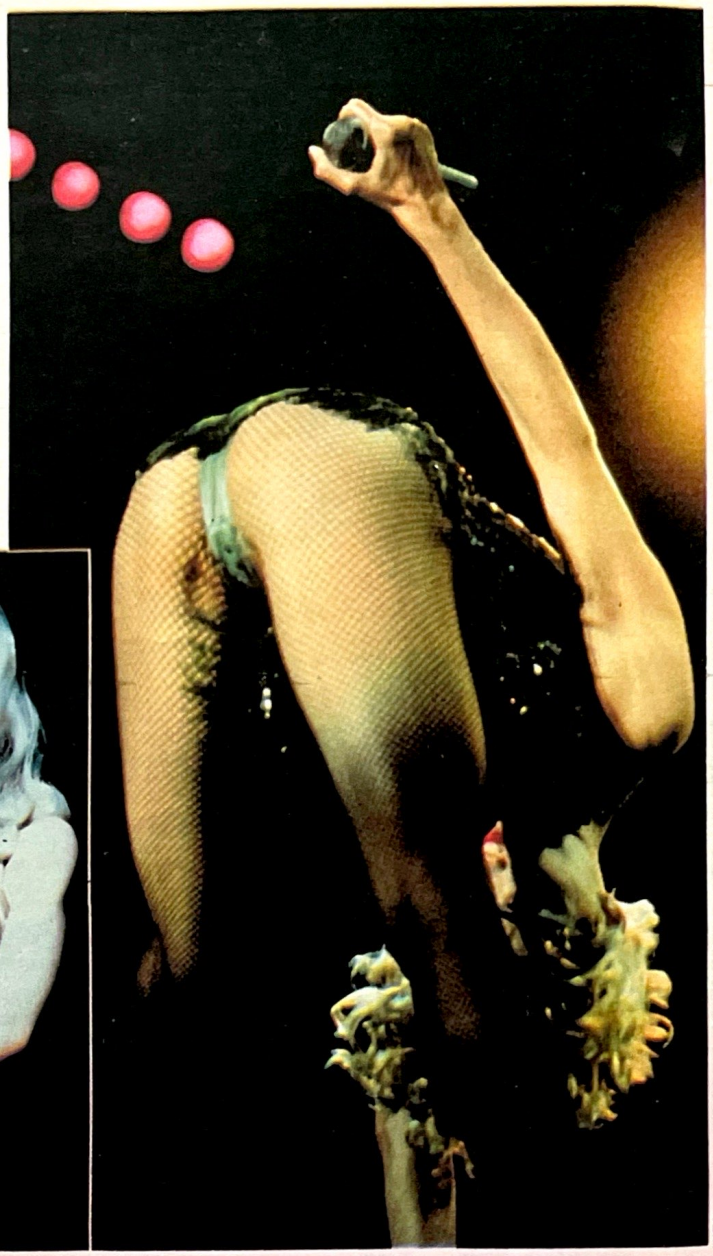
O diretor: Catalogado como o maestro do mau gosto ultrajante, o norte-americano John Waters nasceu em Baltimore, no ano de 1946. Rodou todos os seus onze filmes, do coprofágico *Pink Flamingos* ao multi mal-cheiroso *Polyester*, em sua cidade natal. No começo da carreira trabalhou com temas fora-da-lei e orçamentos diminutos. Quando percebeu que nenhum cinéfilo que merecesse o rótulo poderia se indignar com qualquer grosseria, dirigiu *Hairspray*, um filme para ser exibido em sessões normais de cinemas comerciais. Foi nas ruas de Baltimore que descobriu o consistente (150 quilos) travesti e ator de teatro Harris Glenn Milstead, batizado de Divine, que trabalhou em inúmeros de seus filmes, entre eles *Mondo Trasho* (1969), *Multiple Maniacs* (1971), *Female Trouble* (1973) e *Polyester* (1981).

Notas: Nascido em 1945, em Baltimore, Divine morreu em 7 de março de 1988, em Hollywood ■ Especializado em papéis de mulheres monstruosas, o ator apareceu também em filmes não dirigidos por Waters como *Lust in the Dust*, de Paul Bartel, e *Trouble in Mind*, de Alan Rudolph ■ O elenco de *Hairspray* conta com três cantores pop de crescente atuação no cinema: Sonny Bono, que apareceu em *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu — Parte II* (1982), *Troll* (1986) e *A Volta dos Selvagens Cães de Guerra* (1979); Debbie Harry, vista em *Union City* (1980) e *Videodrome, a Síndrome do Vídeo* (1982); Pia Zadora, que atuou em *Butterfly* (1981) e *The Lonely Lady* (1983) ■ Waters escreveu dois livros: a autobiografia *Shock Value* e *Crackpot*.

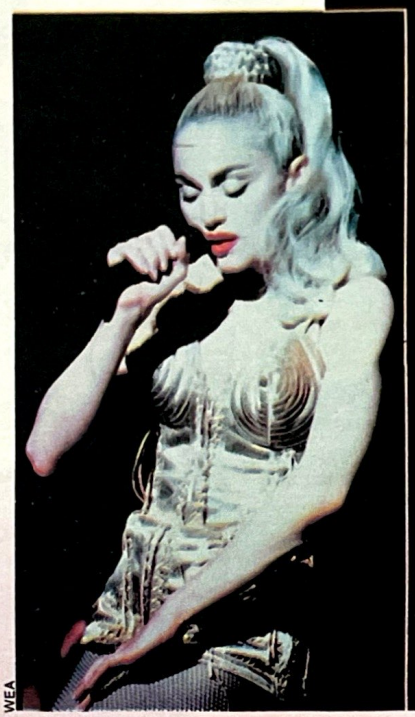
USE FITAS SELADAS

SET

Top Tape



Numa época saturada de entretenimento, Madonna magnetiza o mundo com declarações escandalosas, simulando onanismo em seus shows, à direita, ou se transformando naquilo que imagina ser: uma diva exausta e solitária, acima, e sofrida como a artista Frida Kahlo, à esquerda



WEA

WEA

mentário musical a fazer boa bilheteria foi *Woodstock*, em 1970), já é a terceira bilheteria nos Estados Unidos — 5 milhões de dólares em uma semana — e ruma, célere, para bater *Woodstock* e se tornar o documentário musical mais bem-sucedido da História.

Não, Madonna não tem nenhum mestre marionetista atrás de si, nenhum Brian Epstein, nenhum Malcom McLaren. Tem, sim, uma eficiente divulgadora — Liz Beth Rosenberg, presidente de divulgação da Warner Records —, mas Rosenberg não faz nada por conta própria. O plano, a arquitetura, a estratégia é toda Madonna, da cor do cabelo à estudada remoção da capa, na porta do cinema, em Cannes (leia no box), para revelar um bustiê exíguo (de Jean Paul Gaultier, seu estilista favorito) e criar o necessário *frisson* caótico que derrubou barricadas de polícia, assanhou os fotógrafos e causou um tumulto comparável apenas — e aqui vamos nós, de novo, com mais um paralelo clássico, redolente de outras eras mais glamourosas — a Brigitte Bardot.

Deve estar bem claro para todo mundo, agora, que a última coisa que Madonna pretende ser é uma cantora pop. Como os ícones do rock dos anos 60 — Dylan, Jagger, Lennon, que também eram chegados a um documentário como meio de expressão —, ela tem uma agenda de agitação que ela pretende política. Como as estrelas glamourosas de uma Hollywood mítica, ela tem curiosidade em estender ao máximo o limite do flerte erótico com a câmera. Nos próximos dois anos, aliás, Madonna não pretende lançar álbum, mas se concentrar na produção de, ao menos, um dos muitos projetos cinematográficos que ela tem na gaveta: *Evita;* a biografia de Frida Kahlo; *Even Cowgirls Get the Blues*, um road-movie com Uma Thurman; *Leda and Swan*, um filme de ação com Demi Moore.

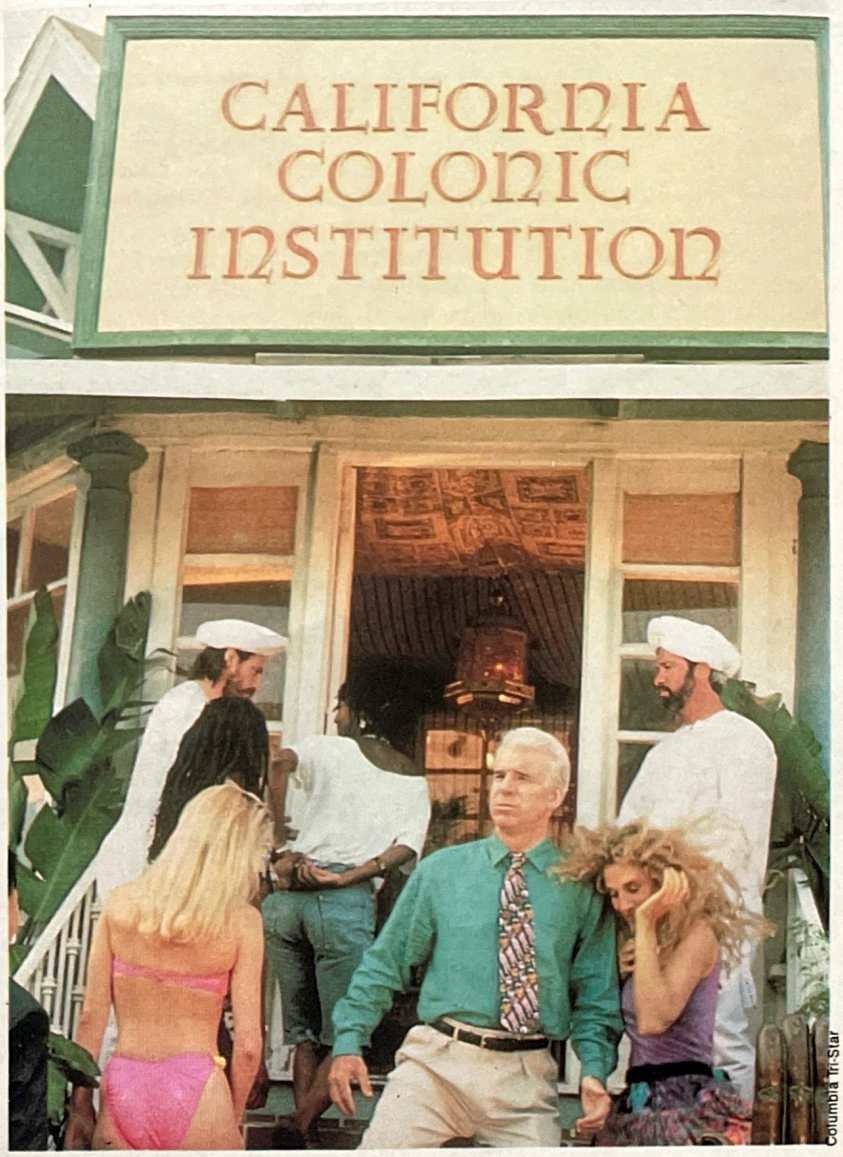
A ironia, é claro, é que nem o público nem a indústria parecem se interessar por Madonna vivendo qualquer outro personagem que não Madonna.

Ana Maria Bahiana

Truth or Dare: In Bed with Madonna, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Alek Keshishian ■ FOTOGRAFIA DO DOCUMENTÁRIO: Robert Leacock (EUA/Europa), Doug Nichol (N.Y./Europa), Christophe Lanzenberg (EUA), Marc Reshovsky (Japão) ■ FOTOGRAFIA DO CONCERTO: Toby Philips ■ MONTAGEM: John Murray ■ SUPERVISÃO DE SOM: Lon E. Bender ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Madonna ■ PRODUÇÃO: Jay Roewe e Tim Clawson para Propaganda Films ■ DURAÇÃO: 118 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape

A DIFÍCIL ARTE DE FAZER RIR

Ligar o "risômetro" é apenas um dos métodos pouco ortodoxos que os fazedores de comédia inventam para provocar o riso, naquela que é considerada uma verdadeira ciência, uma coisa afinal seriíssima



Columbia Tri-Star

Leslie Nielsen, na página oposta, em *Corra... 2 ½:* de ator "sério" à marca registrada dos irmãos Zucker. "Quem disse que meus personagens são engraçados?". Steve Martin, à direita (em *L.A. Story*), começou fazendo graça e hoje anda mais sutil

Cena número um: gigantescas montanhas de *papier-maché* cospem "fogo" cenográfico, ao fundo. Em primeiro plano, um trilho circular entra e sai de um "túnel" "escavado" sob uma das "montanhas", levando consigo um carrinho em forma de dinossauro. No carrinho, um homem de 39 anos, metido num pijama e num robe xadrez vermelho, faz caras e bocas enquanto entra e sai do túnel. Faz um frio antártico ao seu redor, mas ele luta para manter a expressão, que deve obedecer a um ritmo exato: deslumbramento (boca e olhos abertos), apreensão (testa franzida, lábios murchos) e, finalmente, pavor (boca e olhos arregalados). O trenzinho gira circularmente, entrando e saindo do túnel, durante duas horas seguidas, levando consigo o homem de 39 anos, vestido como um menino de 10, que repete exatamente a mesma mímica facial. Finalmente, de algum ponto na escuridão, longe das "montanhas", ecoa uma voz: "Está bom. Mas você não acha que a gente devia fazer mais algumas vezes, só para estar seguro?"

Cena número dois: numa pacata rua residencial, uma dúzia de homens e mulheres repete, em seqüência, gestos idênticos: abrem as portas das casas, caminham até o gramado, apanham o jornal, cumprimentam-se e voltam. Uns estão de penhoar, outros de short, um tem uma toalha amarrada na cintura. É uma bela tarde de verão, e eles estão nisso desde o meio-dia, o bater de portas ecoando monotonamente pelo ar perfumado de laranjeiras e jasmineiros. Num canto, sob a sombra de uma das árvores, um homem observa a cena com cuidado e murmura para si mesmo: "Não sei, não... o segundo da esquerda para a direita... o de azul... o andar dele não está meio forçado?"

Cena número três: num silêncio absoluto, um grupo de pessoas olha com atenção total para um painel repleto de monitores de vídeo, enquanto, em outro canto, sob as luzes, três atores fazem uma complicada coreografia que envolve abrir portas, fechar portas, levar um (inexistente) saco de areia na cabeça e despencar por uma janela cenográfica. Ao redor deles não se ouve um ruído, a não ser pela respiração — tensa, da turma em frente aos monitores, resfolegante, dos atores — e pelo "toin" com que o contra-regra anuncia a fictícia "queda" do saco de areia. Um dos homens em frente aos monitores, testa franzida sobre os grossos óculos de grau, coça a cabeça. "George, você está me ouvindo? Você está um segundo à frente do ponto que combinamos. Não, a reação à queda do saco está perfeita, mas a seqüência toda está um segundo à frente... Está, sim... Repare só... Vem olhar aqui no monitor..."

Cena número quatro: no calor sufocante de uma floresta tropical, um homem jaz deitado numa cama de hospital, num barraco decorado como um ambulatório. À sua cabeceira, dois homens dialogam entre si e com o "doente" que, a certa altura, irrompe em gritos lancinantes. Em seguida, os dois homens caminham lentamente em direção à porta do "ambulatório", enquanto, lá atrás, chamas brotam do colchão do infeliz "paciente", que grita, aterrorizado. Do lado de fora do "ambulatório", uma mulher baixinha e loura, o rosto pingando de suor, confabula em voz baixa com os dois homens: "De-va-gar", ela diz. "Ca-

Paramount

minhem de-va-gar. Depressa não tem a menor graça."

Graça. Que, diz o *Aurélio*, quer dizer "dito ou ato espirituoso ou engraçado, pilhéria, gracejo, chiste, caçoada". Se a palavra parece estranha e fora do lugar em cada uma dessas cenas, bem-vindo à espantosa realidade: cada um destes atarefados grupos de pessoas, repetindo gestos monótonos em condições desconfortáveis, trabalhando horas a fio, medindo o tempo, minuciosamente, em frações de segundo e, principalmente, não esboçando um sorriso sequer, estava fazendo graça.

As cenas que descrevi serão, em breve, vistas nas telas de todo o mundo, onde, certamente, arrancarão gargalhadas convulsivas do público. Na primeira, Martin Short, no papel principal de Clifford, faz um traquinas de 10 anos que extorque o tio (Charles Grodin) à promessa de visitar um certo "Dinossaurworld", e lá encontra apenas suas mefistofélicas armações vingativas. Na segunda, Steve Martin, à sombra de laranjeiras, supervisiona o "balé dos jornais", uma vinheta de *L. A. Story*. Na terceira, o diretor David Zucker e sua equipe cronometram as *gags* de uma seqüência crucial de *Corra que a Polícia Vem Aí 2 ½ (Naked Gun 2 ½: The Smell of Fear)*, continuação da comédia maluca de 1988: no papel do capitão Ed Hocken, George Kennedy defronta-se com uma turma de impostores que quer alterar, com conseqüências catastróficas, a política energética dos Estados Unidos. Finalmente, na última cena, a diretora australiana Nadia Tass instrui Martin Short e Danny Glover sobre a melhor maneira de sair de cena numa situação estudadamente absurda: o ambulatório está, na verdade e na história, nas selvas tropicais do México, e Short (no papel de um sujeito absolutamente sem sorte) e Glover (um detetive particular) estão em busca de uma herdeira milionária desaparecida, no filme *Pure Luck*, versão americana da comédia francesa *La Chevre*. O detalhe, é claro, é que a milionária é tão azarada quanto Short, e os dois deixam atrás de si, involuntariamente, uma trilha de infortúnio (daí os gritos lancinantes, o incêndio...).

PALHETA DRAMÁTICA — "Comédia, basicamente, é uma questão de *timing*", diz Tass, uma especialista no gênero que, antes desta produção americana, assinou três filmes cômicos em seu país (dois foram um enorme su-

Uma canção de amor a uma cidade com cupido e tudo

L.A. STORY

L.A. Story *é uma canção de amor a Los Angeles composta pelo comediante Steve Martin. E aqui terminam os possíveis paralelos que podem ser traçados entre esse filme e* Manhattan, *uma outra canção de amor a outra cidade composta por outro humorista: em contraste com a* Manhattan *vespertina de Woody Allen, Steve saiu-se com uma Los Angeles acertadamente solar, apolínea.*

Martin criou um painel de fantasias, neuroses, manias e modismos que ilustra bem a vida na cidade mais singular do planeta, que ele nos apresenta através das agruras tipicamente angelenas do apresentador que faz a previsão do tempo numa estação de TV, Harris K. Telemacher. Demitido porque gravava previamente suas participações como meteorologista (choveu torrencialmente enquanto ele previa tempo bom na telinha), Harris (Steve Martin) se apaixona por uma jornalista inglesa, Sara (Victoria Tennant), recém-chegada para fazer uma reportagem sobre Los Angeles. Juntos, eles percorrem uma sucessão de exemplos do que é a vida em L.A.: a soberania do automóvel numa cidade em que ninguém anda a pé, a perseguição de um alto status via objetos de desejo como telefones celulares. Um grande achado é a utilização de um painel de sinalização de tráfego como cupido, poeta e conselheiro.

J.E.R.

Columbia Tri-Star

Victoria Tennant e Martin no elogio bem-humorado e um tanto poético a Los Angeles: *L.A. Story*

L.A. Story, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Mick Jackson ■ Com Steve Martin, Victoria Tennant, Richard E. Grant, Marilu Henner, Sarah Jessica Parker, Susan Forristal ■ ROTEIRO: Steve Martin ■ FOTOGRAFIA: Andrew Dunn ■ MÚSICA: Peter Melnick ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Laurence Miller ■ MONTAGEM: Richard A. Harris ■ PRODUÇÃO: Daniel Melnick e Michael Rachmil para Carolco ■ DURAÇÃO: 95 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

cesso local, com boa repercussão internacional: *Malcolm* e *Rikky e Pete*). "Comédia, na verdade, é muito pouco improvisada. São pouquíssimas as idéias realmente engraçadas que chegam à tela, e se comunicam ao espectador, e são fruto de improviso. Comédia é precisão, e por isso é tão cansativa. É uma ciência exata." Ela ilustra seu ponto de vista com a cena que descrevi, e que consumiu algumas dezenas de takes e nada menos que quatro horas. Num determinado momento, o diálogo entre Short e Glover deixa de ser engraçado e passa a ser idiota e até patético — os gritos são uma referência a algo que o espectador sabe, mas os personagens não, e eles têm de vir na hora exata, para arrancar gargalhadas do público. Do mesmo modo, o lento caminhar de Short e Glover, saindo da cena, possibilita a Tass o tempo certo para entrar com a câmera, lentamente, atrás deles — e mostrar ao espectador algo que Short e Glover não podem ver; e que só tem graça porque bate com o conhecimento prévio que o público tem. Sem o tempo exato para que o olho da platéia faça essa conexão, a cena se torna inútil, e até sádica — qual a graça de um pobre infeliz, com a cama em chamas?

"Comédia tem de ser verdadeira, e por isso o bom comediante é sempre, em primeiro lugar, um ótimo ator", diz Short. "O personagem é engraçado para o público, mas, para o ator que o interpreta, ele é seriíssimo, e está metido em dilemas graves. Há uma veracidade na interpretação que é a mesma na comédia e no drama. Um personagem que age como se soubesse que está numa comédia é um personagem totalmente sem graça."

Leslie Nielsen que, antes de ser "descoberto" pelos irmãos Zucker era um ator "sério" e, agora, é uma espécie de assinatura visual das comédias doidas da dupla (*Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*, *Corra que a Polícia Vem Aí*), tem ponto de vista semelhante: "Quem disse que meus personagens são engraçados? Para mim, até onde eu saiba, eles são seriíssimos! Em *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*, ele tinha uma missão dramática a cumprir! Ele salvava vidas! E é o mesmo com o tenente Drebin da série *Corra que a Polícia Vem Aí*. Agora, o que acontece com ele, evidentemente, é um desastre. É hilariante. Mas eu não posso sequer tomar conhecimento disso, de outro modo não vai ter a menor graça para o público — ou para David, que é meu termômetro imediato se a cena está engraçada ou não".

MÉTODO — Zucker, o sujeito de testa franzida e óculos grossos, plugado nos monitores de vídeo, tem um sistema prático para dirigir suas comédias de pastelão radical: o "risômetro". Zucker ensaia cada cena milimetricamente, quantas vezes forem necessárias para que as *gags* mais absurdas pareçam naturais, casuais até (como, na cena de *Corra que a Polícia Vem Aí 2½*, a corrente de sopapos e encontrões que se abate sobre George Kennedy). Isto exige a vigilância de duas a três câmeras de *video-assist* para captar a cena de diversos ângulos, além de, é claro, um planejamento rigoroso da duração de cada *gag*. Então, miraculosamente, quando tudo está nos lugares, um fenômeno acontece: "David ri", diz Nielsen. "E a equipe toda ri. E então todos nós sabemos que a cena está engraçada o suficiente para que qualquer platéia, em qualquer lugar do mundo, ria também."

Steve Martin, que teve uma evolução de carreira oposta à de Nielsen — começou com o pastelão mais rasgado, e hoje tem uma palheta dramática que vai da sutileza ao emocional —, também acredita que a comédia, para ser boa, tem de ser, de fato, universal — "mesmo um filme como *L. A. Story*, repleto de referências locais, tem de ter um elemento humano comum, e esse elemento tem de ser trazido à tona".

E que, na tela, são as pequenas coisas que funcionam melhor — e as pequenas coisas são as mais difíceis de ser obtidas. "Eu já fiz palhaçadas em filmes que, na hora, eu pensava: Ah, isso vai matar o público de rir", diz Martin. "Depois eu me sentava numa platéia de cinema e nada, nem um riso. Enquanto outras coisas, coisas sutis, levavam o público ao delírio. O ser humano ri porque é inteligente."

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Plebeu de peso anarquiza o trono inglês

UM REI POR ACASO

O que aconteceria se o grandioso trono inglês fosse ocupado por um vulgar cantorzinho de Las Vegas? A estapafúrdia resposta está na competente comédia escrita e dirigida por David S. Ward, com o gorducho John Goodman (Além da Eternidade, Vítimas de Uma Paixão) *como o simplório e grosso plebeu Ralph Jones que, num acidente do destino, torna-se o único herdeiro da realeza após a trágica destruição de todos os seus membros! Puro nonsense. O homem errado no lugar errado. É gafe atrás de gafe, apesar dos esforços de seu mentor (Peter O'Toole, britaníssimo!). O novo "rei" (de tênis e chicletes) desmonta em segundos toda a pompa e circunstância e se envolve com uma* stripper, *sendo vítima de uma cilada armada pelo fleumático Graves (John Hurt), seu "rival" na sucessão.*

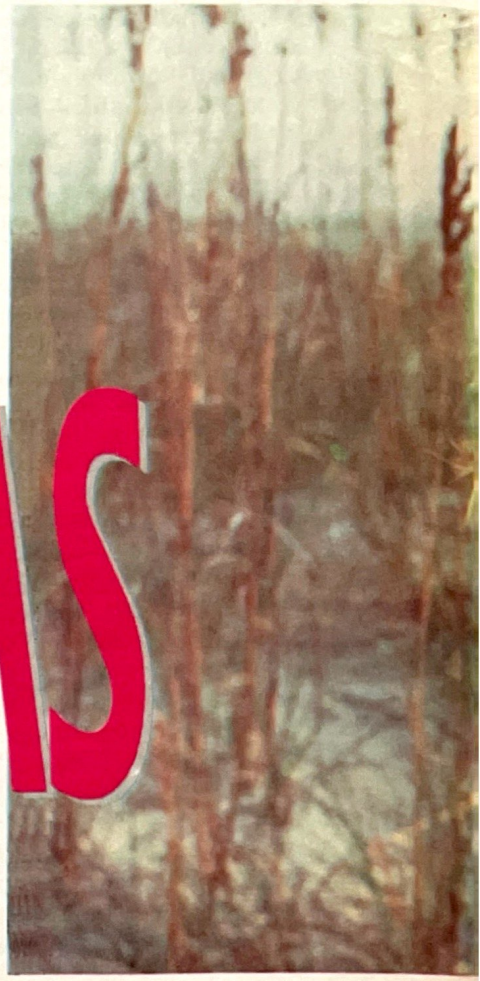
Bagunça uma cerimônia oficial em que conhece sua quase futura esposa finlandesa e detona no cravo o bombástico rock "Good Golly Miss Molly", de Little Richard, numa seqüência esmeradíssima tecnicamente, com destaque para a afinada coreografia de Pat Garrett. Ward satiriza o choque cultural entre o Reino Unido e seus ex-súditos americanos. A.Q.N.

King Ralph, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: David S. Ward ■ Com John Goodman, Peter O'Toole, John Hurt, Camille Coduri, Richard Griffiths, Leslie Phillips ■ ROTEIRO: David S. Ward, baseado no romance *Headlong*, de Emlyn Williams ■ FOTOGRAFIA: Kenneth MacMillan ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Simon Holland ■ MONTAGEM: John Jympson ■ PRODUÇÃO: Jack Brodsky para Mirage/Jbro ■ DURAÇÃO: 97 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

UIP

John Goodman numa boa no palácio real em *Um Rei por Acaso*: proporções majestosas

ELA E OS FANTASMAS



SET entrou com exclusividade nos bastidores do filme que Demi Moore está acabando de fazer, *The Butcher's Wife*, e confirmou: ela está de volta aos fantasmas. E eles gostam

"UUUUH — mas eu adoro esse aperto de mão", arrulha Maria Papapetros, sacudindo suas madeixas ruivas. Maria é um fenômeno duplo. Ela consegue "ler" uma pessoa através de um simples toque, talento chamado de psicometria. E ela é a primeira paranormal contratada por um estúdio de Hollywood para orientar a condução de um filme. "Eu ajudo a dar uma atmosfera mediúnica ao set", ela explica, a propósito de suas atribuições nas filmagens de *The Butcher's Wife*, o próximo sucesso arrasa-quarteirão — garante Maria — de Demi Moore, que agora pode ser vista em *Pensamentos Mortais*, ao lado do maridão Bruce Willis (leia o box).

Junto com Demi, hoje Maria está recepcionando um comitê seleto de jornalistas do mundo inteiro que foi visitar o set de *The Butcher's Wife*, numa tardinha friorenta de novembro. É um convescote regado a cachorro-quente, cerveja, bolos, biscoitos e cafezinhos na Nova York de mentirinha que a Paramount mantém de pé para qualquer eventualidade, um pedacinho de *faux* Manhattan em plena Hollywood.

Grega de nascimento, Maria recebe sua clientela numa casa nas colinas de Hollywood, mesma vizinhança onde mora Madonna, Winona Ryder e, quando estão de passagem por Los Angeles, Bruce Springsteen e Harrison Ford. Foi nessa casa que, um dia, recebeu a visita de duas novatas no mundo paranormal, a roteirista Marjorie Schwartz e a produtora Lauren Lloyd, ambas sequiosas de aconselhamento pessoal. Papapetros surpreendeu a dupla com a revelação de todo o filme que pretendiam fazer juntas, dando título, personagens, chances de sucesso. Era o começo da associação de Maria com *The Butcher's Wife*.

Melhor combinação, impossível. *The Butcher's Wife* conta a trajetória de Marina (Demi Moore), uma paranormal da Carolina do Norte, que se casa com um açougueiro (George Dzunda) e muda-se com ele para Nova York, onde vira objeto de curiosidade de uma vizinhança eclética — de desempregados a estrelas de telenovelas — por causa de seus poderes sensitivos, exibidos com generosidade. Marina, entretanto, perde seu talento quando encontra o primeiro verdadeiro amor de sua vida, Alex Tremor (Jeff Daniels), o psiquiatra que se impressiona com a influência que ela exerce sobre seus pacientes.

LOURA — "Esse filme mostra uma mulher que toca a vida das pessoas com seu talento", detalha Maria. "Marina mostra às pessoas como todos, na verdade, têm poderes paranormais. É um filme tão verdadeiro, tão próximo do mundo mediúnico."

Conforme atesta Papapetros, Demi — com uma peruca loura para o papel, muito parecida com Maria — "é bastante mediúnica.

Demi e Bruce diferentes no mesmo thriller

PENSAMENTOS MORTAIS

A melhor surpresa de Pensamentos Mortais *não é encontrar Bruce Willis num papel nada glamouroso de machista poltrão (mesmo porque ele não consegue se livrar dos maneirismos canastrões que o ajudaram a ficar famoso) nem a frieza que a normalmente lacrimosa Demi Moore consegue imprimir em seu papel (apesar das falas-clichês). O surpreendente é reencontrar Glenne Headly, a submissa Tess Trueheart de* Dick Tracy, *agora transformada num poço de ódio, amargor e frustração, como a esposa maltratada de Jimmy Urbansky, o personagem de Willis, cujo assassinato é o estopim de toda a trama do filme.*

Após ter sofrido inúmeras ameaças verbais da esposa, dona de um salão de beleza que serve a classe operária de Nova Jersey, Jimmy aparece morto. Todas as pistas apontam para a viúva ou a melhor amiga, Cynthia (Demi), com quem o casal estava na noite do crime. Durante o interrogatório de Cynthia, vemos em flash-back o desenrolar de todo o processo de deterioração do casamento dos Urbansky, que culmina com a versão dada por Cynthia da noite do assassinato.

É um thriller intrigante, a primeira produção de Demi (que demitiu o primeiro diretor antes de optar por Alan Rudolph) e merece mais atenção do que o final, digno de uma novela das oito, faz imaginar. J.E.R.

Mortal Thoughts, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Alan Rudolph ■ Com Demi Moore, Glenne Headly, Bruce Willis, John Pankow, Harvey Keitel ■ ROTEIRO: William Reilly e Claude Kerven ■ FOTOGRAFIA: Elliot Davis ■ MÚSICA: Mark Isham ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Howard Cummings ■ DIREÇÃO DE ARTE: Robert K. Shaw Jr. ■ MONTAGEM: Tom Walls ■ PRODUÇÃO: John Fiedler e Mark Tarlov para New Visions Entertainment, Polar Entertainment e Rufglen Films ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Fotos UIP

Demi em *The Butcher's Wife*, ao alto. Bruce e Glenne Headly em *Pensamentos Mortais*, à esquerda. Demi faz a faxina no mesmo filme

Ela é de um signo de água, escorpião. Os signos de água são mais talentosos do que os demais, porque a água é um ótimo condutor".

"Eu acredito na existência de um mundo que ainda não conhecemos direito", explica a própria Demi, ajeitando o vestidinho de chita estampada que usa no filme. "*Ghost — Do Outro Lado da Vida* explorava um aspecto desse mundo. *The Butcher's Wife* vai mais adiante, mostra como o desconhecido afeta o nosso dia-a-dia aqui na Terra."

Mais adiante, tomando um cafezinho, está o veterano Howard E. Koch, produtor de *Ghost*, que está "dando uma mãozinha" em *The Butcher's Wife*. "Eu sou uma espécie de médico para a Paramount", ele diz, explicando os galhos que quebra quando um filme — ou paciente — começa a padecer de "opinionite crônica e terminal", síndrome muito comum em Hollywood, que se manifesta toda vez que uma produção tem mais caciques do que tribo para comandar. "Eu sempre acreditei no além", Koch admite, "mas foi uma coincidência estar trabalhando em dois filmes tão semelhantes em tema num curto espaço de tempo."

Koch tem um afeto especial por Moore — além do conhecimento de que ela é hoje uma estrela quase tão bancável quanto Julia Roberts, a princesinha das bilheterias. "Ela é uma das poucas atrizes jovens que fazem o público chorar", diz Koch. "E com essa peruca loura ela está mais sexy."

Uma descrição diplomática, para dizer o mínimo. Demi só ganhou o papel porque Meg Ryan, a primeira opção da produtora, abandonou o projeto justamente quando *Ghost* se transformava num dos maiores sucessos de bilheteria de 1990, uma demonstração de como e quão rápido seu poder e prestígio na indústria subiram. A ponto de Moore estar recebendo por *The Butcher's Wife* — além do poder de veto sobre os diálogos do filme e além da presença de Maria no set ter sido uma de suas exigências — 2,5 milhões de dólares, um quinto a mais do que Patrick Swayze embolsou em *Ghost*.

José Emílio Rondeau

O LIXO B EM-AMA

Azul Press

Mamie Van Doren, inventada para ser a Marilyn Monroe das produções B, virou uma espécie de rainha do gênero

Orçamento baixo, execução rápida, atores e produção de segunda, além de um charme inegável, são as marcas registradas dos filmes B

Trash, sleeze, schlock, exploitation, bad movie, B, Z, há muitos nomes para filmes de argumento improvável, péssima interpretação e técnica medíocre. A primeira onda de filmes B concentrava-se sobre as fraquezas e vícios humanos. Em 1913, um relatório governamental sobre prostituição inspirou um ciclo de grandes conseqüências para a história do cinema. Seu mais famoso produto, *Traffic in Souls*, custou menos de US$ 10 000 e embolsou um quarto de milhão. Foi o primeiro sucesso dos estúdios Universal, supostamente rodado em segredo porque Carl Laemme, o proprietário, não gostava de temas "desagradáveis". Dois anos depois, com o dinheiro desse filminho, Laemme inaugurou a sua Universal City sobre um terreno de 230 acres.

Nos anos 40, os filmes classudos da RKO estavam dando altos prejuízos. Após as mudanças de cúpula em 1942, o diretor-produtor Val Lewton recebeu a incumbência de realizar uma série de filmes de horror que não excedessem o *budget* de 150 mil dólares, não levassem mais de três semanas para ser filmados e não ultrapassassem os 70 minutos de projeção. A primeira produção da unidade de Lewton, *Cat People*, rendeu 3 milhões e salvou a RKO da falência. Em 1943, a RKO deu a Lewton 400 mil dólares para dirigir *Are These Our Children?*, sobre delinqüência juvenil. É do período o famoso slogan "Viva rápido, morra jovem e deixe um cadáver bonito", introduzido no filme *Knock on Any Door*.

A primeira companhia a crescer fazendo apenas B-movies foi a Hallmark, fundada em 1945 por Kroger Babb. A Hallmark estreou com *Mom and Dad*, descrito como "o único filme educativo de higiene sexual do mundo".

Tão longe quanto filmes ruins podem ir, os schlock — denominação escatológica dos anos 50 — construíram uma reputação inve-

Jack Nicholson e Harry Dean Stanton são dois dos motoqueiros de *Rebel Rousers*, de 1967, acima. Os cartazes falam de maconha, viagens alucinógenas e filmes baratíssimos. À esquerda, meio peixe, meio homem, o monstro de *Creature of the Black Lagoon* (1954)

jável. Aqueles foram os anos de *The She Demons* (1958), belas dançarinas metamorfoseadas por nazistas em monstros que se vestiam com biquínis de peles; de *The Astounding She Creature* (1958), uma blondie alienígena que usava salto alto, batom e lurex colante, da lendária protagonista de *Attack of the Fifty-foot Woman* (1957), descrita como "um colosso feminino de torso montanhoso, membros de arranha-céu e desejos gigantes!"; e de *Plan 9 from Outer Space*, que defende para si próprio a fama de pior filme de todos os tempos, dirigido por um travesti. Edward Wood Jr. não só se vestia com roupas femininas como filmou um libelo sobre sua condição, *Glen or Glenda*, em 1953.

TRASH AUTEUR — O homem por trás da maioria dos defeitos especiais do período era Paul Blaisdell. Seu primeiro trabalho foi criar um monstro, com 400 dólares, para *The Beast With 1 000 000 Eyes* (1954), produzido por Roger Corman. Blaisdell e a produtora AIP realizaram monstruosidades antológicas, como o marciano definitivo, verde e de olhos esbugalhados, em *Invasion of the Saucer-Men* (1957).

A American International Pictures, de James H. Nicholson e Samuel Arkoff, é a mais célebre produtora B do cinema. Roger Corman, seu principal *trash auteur*, começou a trabalhar na empresa em 1954, aos 28 anos de idade. Era capaz de realizar um filme em três dias, aproveitando elenco, restos de película e cenário de outra produção, enquanto os carpinteiros do estúdio demoliam as paredes ao redor. Ou criar um clássico em dois dias e meio — *Loja dos Horrores* (1960), que virou musical na Broadway em 1982 e superprodução hollywoodiana num remake de 1986.

O ciclo mais bem-sucedido de Corman foi dedicado a adaptações de Edgar Allan Poe. A primeira, *Solar Maldito* (1960), foi uma das produções mais caras e de maior locação da AIP — 200 mil dólares gastos em duas semanas de filmagens. Fez tanto sucesso que Nicholson resolveu creditar todos os filmes de horror do período como adaptações de Poe, inclusive produções nitidamente inspiradas em Jules Verne *(War-Gods of the Deep)* ou adaptadas de H. P. Lovecraft (*O Castelo Assombrado*).

Em 1955, *The Blackboard Jungle*, que iniciava ao som do rock'n'roll de Bill Halley, e *Juventude Transviada*, com James Dean, abocanharam juntos mais de 10 milhões de dólares em bilheteria. A primeira reação partiu do produtor independente Sam Katzman, que lançou *Rock Around the Clock*, o primeiro filme sobre rock'n'roll, com Bill Halley. Algumas cidades proibiram, projecionistas receberam ordens de diminuir o som. A resposta de Katzman foi *Don't Knock the Rock*, com ainda menos roteiro

e muitos grupos de rock. A AIP correu com a dobradinha *Shake, Rattle and Rock* e *Runaway Daughters*, e seus primeiros rolos sobre delinqüentes juvenis, *Girls in Prision* e *Hot Rod Girl*. Os cartazes exaltavam quão selvagens, loucos, sensacionais e adolescentes os filmes eram. De 10 filmes, em 1956, a quase 40 no ano seguinte, carros, garotas, delinqüentes e rock — ou, às vezes, bebop — rodaram juntos até o fim da década. Alguns dos atores do subgênero, como Sal Mineo, Jack Nicholson, Dean Stockwell e Harry Dean Stanton, conseguiram se graduar como astros de verdade, mas a maioria não passou das fitas juvenis. É o caso de Mamie Van Doren, versão *camp* de Marilyn Monroe e Jayne Mansfield, que o produtor Albert S. Zughsmith estrelou numa série infindável de filmes — entre eles os clássicos *Untamed Youth* (1957) e *High School Confidential* (1958).

Os filmes de gangues trouxeram à tona o ciclo das mulheres em reformatórios e prisões. Embora o primeiro filme sobre garotas de reformatório, *The Angel of the Crooked Street*, date de 1922, o gênero só virou mania nos anos 50. *Cage* (1950) foi o filme que deu contorno aos estereótipos. No mesmo ano, *So Young, So Bad* contava a história de quatro garotas (entre elas, a loira debutante Anne Francis) encarceradas num "lar corretivo para garotas", à mercê do sadismo de sua carcereira sapatona.

No início da década, os *teenagers* já tinham se entediado das imitações cheias de brilhantina e jaquetas de couro de Marlon Brando. A aparência saudável e paixão pelo surf da nova geração foi explorada por Hollywood em *Gidget*, com Sandra Dee. Mas foi a AIP quem reuniu Frankie Avalon e Annette Funicello na série síntese do ciclo. De *Praia dos Amores* (1963) a *Como Rechear um Biquíni* (1965), a AIP rodou cinco legítimos filmes da "turma da praia", todos dirigidos

pelo especialista William Asher. No "mais longo dos verões", até os astros de horror da companhia tiveram de sair das sombras: Boris Karloff, em *Ghost in the Invisible Bikini* (1966), e Vincent Price, no inacreditável *Dr. Goldfoot and the Bikini Machine* (1965), em que pretendia dominar o mundo com robôs de biquínis.

Em 1966, Corman e a AIP lançaram *The Wild Angels*, um olhar violento sobre a gangue de motoqueiros Hell's Angels, estrelando Peter Fonda e Bruce Dern. Nascia o gênero dos biker films, que chegaria a 20 produções nos próximos anos. Sua antítese eram as produções hippies. Os dois mais influentes rolos de 1967, *The Trip* e *Riot on Sunset Strip*, claro, vieram da AIP. Em *The Trip*, Corman e o ator Peter Fonda demonstravam os efeitos de uma viagem de LSD. *Sunset Strip* tinha a presença das seminais bandas psicodélicas (hoje obscuras) The Standells e The Chocolate Watchband. O ciclo deixou registradas as inacreditáveis imagens de Jack Nicholson tocando guitarra num show de rock, em *Psych-Out* (1968), e a apelação da produtora britânica Hammer — que rodara remakes de horrores clássicos dos anos 50 —, *Drácula no Mundo da Minissaia* (1972).

A década de 60 trouxe muita nudez às telas. Joe Sarno chegou a rodar mais de 200 filmes de sexploitation (sex + exploitation) desde então, mas nenhum par de seios tão grande quanto os filmados por Russ Meyer, em clássicos como *Kiss Me*

AMOR E ÓDIO NO TRASH

Os trashmaníacos* AMAM filmes:

- de monstros
- sobre presídios de mulheres
- sobre gangues de motoqueiros dos anos 70
- do cinema comercial italiano
- de artes marciais
- estrangeiros ambientados no Brasil
- de imitações de Rambo
- de Elvis Presley no Havaí
- sobre experiências científicas nazistas
- com o título começando por "A Ilha dos..."
- de Hitchcock, Billy Wilder, John Ford, Sam Peckinpah, Truffaut, Don Siegel, John Carpenter, Spielberg, Cronenberg, John Landis, Joe Dante e, obviamente, Roger Corman, George Romero, Dario Argento, Lucio Fulci, Lamberto Bava etc.

O Monstro da Lagoa Negra (1954): trash puro

Os trashmaníacos ODEIAM filmes:

- do Leste Europeu
- alemães (exceto os expressionistas)
- musicais
- sobre minorias
- de jazz
- com mais de duas horas de duração
- sobre dramas pessoais
- *Festa de Babette, Asas do Desejo, Cinema Paradiso*
- de Bergman (exceto *O Sétimo Selo*), Tarkovski, Resnais, Fassbinder, Herzog, os filmes-cabeça do Kurosawa (tipo *Sonhos*), Bertolucci, Marco Ferreri, Belloccio e, principalmente, acima de todos, o ridículo David Lynch, que faz cult para as massas.

André Barcinski

Já *Asas do Desejo*, de Wenders... (blergh!)

Pandora

* curtidores inveterados dos filmes B

Fox

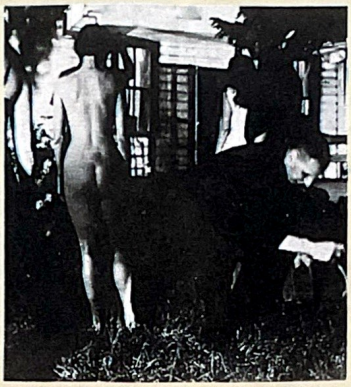
Paris

Quick (1963, sobre sexologistas aliens interessados na vida sexual do Monstro de Frankenstein) e *Faster Pussycat! Kill! Kill!*

GRITANDO — Em 1963, o diretor Herschell Gordon Lewis, vindo do cine pornô, modificaria completamente o horror B ao reunir mais pedaços de garotas violentamente desmembradas do que o público agüentava contar. Seu *Blood Fest* inaugurou o gênero gore, sanguinolento. Garotas gritando (de preferência, a sinistramente bela Barbara Steele, ou Tura Satana), feridas expostas e tinta vermelha, o gore se tornou o trash por excelência. Wes Craven fez picadinho de gente em *The Last House on the Left* (1974) e *Quadrilha de Sádicos* (1977). David Cronenberg misturou sexo com doenças em *Calafrios* (1975) e *Enraivecida — Na Fúria do Sexo* (1977, com a pornostar Marilyn Chambers). Romero colocou seus atores entre monstros e reacionários e fez de *Noite dos Mortos-Vivos* (1968) o primeiro gore a tecer crítica social.

Lewis também deu vida ao rancor sulista, que se tornaria o verdadeiro gótico americano, em *Two Thousand Maniacs!*, sobre turistas do norte torturados por moradores de uma cidade-fantasma confederada. O filme mais famoso da linha é *O Massacre da Serra Elétrica*, de Tobe Hooper, inspirado no canibal necrofílico Ed Gein. Nos anos 50, Gein habitava uma fazenda isolada, empalhando mortos e manufaturando utensílios com pedaços dos corpos de suas vítimas, a maioria viajantes.

Acima, *Rocky Horror Picture Show* (1975) e *Hairspray* (1988)


Vampire Cinema / David Pirie

John Waters cruzou Meyer e Lewis em sua opção pelo grotesco, o mau gosto e o doentio. Sua estrela favorita, Divine, era um travesti de dezenas de quilos, recentemente falecido. Na cena final de seu imbatível *Pink Flamingos* (1973), a câmera abre num cachorro defecando e, sem cortes, mostra Divine comendo o dejeto e lambendo os beiços. Seus filmes mais recentes, *Hairspray* (1978) e *Cry Baby* (1990), apesar do maior orçamento, se concentram sobre temas trash — concursos de dança na TV e delinqüentes juvenis.

É tão fácil fazer um filme com pouco dinheiro que a filmografia dos B-movies é interminável. Vale a pena lembrar o *camp* clássico *Rocky Horror Picture Show* (1975), em que a platéia de roupas coloridas dá seu próprio espetáculo; os filmes da produtora Empire; o trabalho dos diretores Paul Bartel e Sam Raimi; e os clássicos contemporâneos *Ataque dos Tomates Assassinos* e *Elvira, a Rainha das Trevas*. Mas nenhum apanhado do gênero pode estar completo sem Ray Dennis Steckler, que colocou a expressão "incrivelmente estranho" num título. *The Incredibly Strange Creatures Who Stopped Living and Became Mixed-Up Zombies* (1964), também conhecido como *Teenage Psycho Meets Bloody Mary*, produzido, dirigido e estrelado por Steckler, foi o primeiro musical sobre monstros. Desde então, o diretor aprontou os incomparáveis *The Thrill Killers* (1965), *Rat Pfink a Boo Boo* (1966), *Lemon Grove Kids Meet the Monsters* (1966), e outros tantos títulos absurdos.

Marcel Plasse

A Noite dos Mortos-Vivos (1968), de George Romero, mestre do gênero, e *Faster Pussy Cat, Kill! Kill!*, com Tura Satana (bom nome)

O "B" EM VÍDEO

A Praia dos Amores *(Beach Party, EUA, 1963)* Globo Vídeo ■ Calafrios *(Shivers/They Came from Within, Canadá, 1975)* F. J. Lucas ■ Enraivecida — Na Fúria do Sexo *(Rabid, Canadá, 1977)* F. J. Lucas ■ Hairspray — Éramos Todos Jovens *(Hairspray, EUA, 1988)* LK-Tel/-Columbia ■ Cry Baby *(EUA, 1990)* GIC ■ O Ataque dos Tomates Assassinos *(Attack of the Killer Tomatoes, EUA, 1980)* Nacional ■ Elvira, a Rainha das Trevas *(Elvira, the Mistress of the Dark, EUA, 1988)* Paris Vídeo

PENSANDO COM O CORAÇÃO

Cannes-91 defendeu um cinema capaz de harmonizar o dinamismo do mercado com o humanismo da arte e premiou filmes que são ao mesmo tempo originais e prazerosos

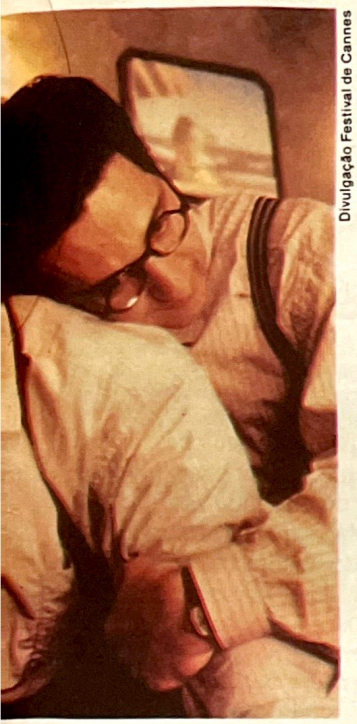
O festival internacional de cinema de Cannes foi projetado em 1938 (mas concretizado apenas seis anos depois) como uma reação à ofensiva cinematográfica fascista traduzida na criação da mostra de Veneza. De 9 a 20 de maio último, o 44.º Festival de Cannes retomou sua tradição de resistência: como nunca nos últimos anos o combate à hegemônica indústria fílmica americana, pelas cinematografias nacionais, esteve na ordem do dia.

Cannes-91 foi um festival de polaridades e composições, atritos e sínteses. A seleção oficial dos candidatos à Palma de Ouro já adiantava esse perfil. Entre os vinte concorrentes estavam cinco produções americanas (*Barton Fink, Guilty by Suspicion, Homicide, Jungle Fever* e *A Rage in Harlem*). O segundo maior pólo cinematográfico ocidental, a França, vinha logo depois, com quatro selecionados (*La Belle Noiseuse, Hors la Vie, Lune Froide* e *Van Gogh*). Não satisfeito, os hoje ativíssimos franceses apresentavam ainda cinco co-produções (*Anna Karamazova, La Double Vie de Veronique, Europa, Il Portaborse* e *Le Pas Suspendu de la Cicogne*). Era, de saída, um bom flagrante do estado das coisas no mercado fílmico internacional: o predomínio americano contrastado com a guerrilha internacional de resistência hoje capitaneada pela aguerrida política cultural francesa (Unifrance, France Cinéma Difusion).

O confronto mercadológico assumiu uma faceta mais sutil ao ser vertido para um debate estilístico. Cannes-91 é um instante fundamental de um complexo movimento tentado pelo festival. Depois de roubar de Veneza o título de grande vitrine do cinema de autor, Cannes procura agora reformular o próprio conceito. Tenta-se fundar um cineasta de novo tipo, ou melhor, entronizá-lo. Do artista incapaz de fazer "concessões", do emissor de um discurso necessariamente cifrado, o diretor-autor de cinema evoluiria para uma síntese dialética entre gênio e mercador, entre criador e artesão.

É dentro dessa lógica que se insere a heterodoxa seleção deste ano, que combinou ao menos um estreante na Croisette (sede do Palácio do festival) a um cineasta renomado. Assim, lá estavam Bill Duke e Maroun Bagdadi ao lado de Krzysztof Kieslowski e Spike Lee. É assim que se explica o predomínio da herança hollywoodiana na competição oficial, apesar do espaço reservado a experiências autorais personalíssimas (Jacques Rivette, Theo Angelopoulos, Lars von Trier). Deve-se ser lido no mesmo processo o fato de a abertura (*Homicide*, de David Mamet) e do encerramento (*Thelma e Louise*, de Ridley Scott) de Cannes-91 representarem a nova geração de cineautores americanos.

Insere-se na mesma estratégia o agressivo discurso exibido em Cannes-91 pelo presidente do júri, Roman Polanski (*Busca Frenética*). Polanski pediu a seus colegas jurados que "pensassem com o coração" e que concedessem os grandes prêmios antes ao prazer que à originalidade, antes ao cinema lúdico que ao cinema artístico. Não faltou quem apontasse Polanski como o novo cinecruzado do *status quo*, cavaleiro do "simplismo e da estereotipação" (Arnaldo Jabor).



Divulgação Festival de Cannes

MGM

John Goodman e John Turturro em *Barton Fink*, o grande vencedor. Susan Sarandon e Geena Davis em *Thelma e Louise*, de Ridley Scott

A fala polanskiana foi lida como uma sustentação na área simbólica de restauração conservadora em marcha na cena mundial (neoliberalismo, derrocada do socialismo real). Tudo se passa como se a democracia capitalista se confirmasse como o regime ideal ao mesmo tempo em que o modelo fílmico hollywoodiano ressurgiria como velho paradigma restaurado. Polanski seria hoje uma espécie de Hayek do celulóide.

As aparências enganam. O resultado final de Cannes-91 matiza e esclarece a posição de Polanski. Uma avalanche de prêmios foi concedida a *Barton Fink*, comédia noir dos irmãos Ethan e Joel Coen (*Ajuste Final*), sobre as desventuras de um jovem dramaturgo nova-iorquino na Hollywood dos anos 40. *Barton Fink* levou a Palma de Ouro, o prêmio de direção e o de melhor ator (John Turturro). A terceira Palma de Ouro consecutiva para o cinema americano (depois de *sexo, mentiras e videotape* e *Coração Selvagem*) foi recebida gelidamente pelo Palácio do Festival.

OFÍCIO — A estudada concentração de prêmios em *Barton Fink* foi um evidente exagero. Os irmãos Coen assinam aqui um filme tão sarcástico quanto irregular, que começa bem mas patina no terço final. São ecos da rapidez do preparo do roteiro, reconhecida pelos Coen à SET em Cannes. Apesar de tudo, *Barton Fink* é o trabalho mais interessante da dupla desde seu filme de estréia, *Gosto de Sangue* (*Blood Simple*, 1985). Nada, porém, que justifique um quase monopólio na premiação do equilibrado festival deste ano. Afinal, lá estava *A Febre da Selva*, o contundente libelo antidrogas e anti-racismo de um amadurecido Spike Lee. Lá estava *A Dupla Vida de Veronique*, a sensibilíssima metáfora sobre o reencontro das duas Europas segundo Kieslowski (*Decálogo*). Lá estava *O Carregador (Il Portaborse)* de Danielle Luchetti, a mais divertida e corrosiva comédia política produzida na Itália das duas últimas décadas. E lá estava *Europa*, o hipnótico noir transeuropeu em que o dinamarquês Lars von Trier devassa seu continente.

Exageros à parte, a premiação polanskiana representa uma cuidadosa composição. Os dois grandes vencedores, *Barton Fink* e *La Belle Noiseuse* (Grande Prêmio de Cannes-91), apontam formas radicalmente distintas de enfocar crises criativas. *Barton Fink* flagra com humor um roteirista paralisado pelo comercialismo e a superficialidade hollywoodianos. *La Belle Noiseuse* retrata minuciosamente em quatro horas de projeção a dolorosa retomada do processo criativo por um pintor semi-aposentado. Visões polares do cinema se cruzam no mesmo tema: o ofício do artista. Antes que saudar o estabelecido, Polanski procurou instaurar uma nova síntese. Menos que com Hayek, é com o historiador marxista Eric Hobsbawn que deve ser comparado. Hobsbawn tem defendido a necessidade de um modelo misto, que misture o melhor da dinâmica capitalista com o melhor do humanismo socialista. Como afirmou à revista francesa *Studio*, Polanski tenta provar que "a originalidade pode ser também fonte de prazer". Cannes-91 aconteceu sob o espectro da ruptura mas foi encerrado sob a luz da conciliação.

Amir Labaki

OS PREMIADOS

Palma de Ouro: *Barton Fink* ■ **Grande Prêmio de Cannes-1991:** *La Belle Noiseuse*, de Jacques Rivette ■ **Ator:** John Turturro *(Barton Fink)* ■ **Atriz:** Irene Jacob *(La Double Vie de Veronique)* ■ **Ator coadjuvante:** Samuel L. Jackson *(Jungle Fever)* ■ **Direção:** Joel e Ethan Coen *(Barton Fink)* ■ **Prêmio do júri:** *Europa*, de Lars von Trier, e *Hors la Vie*, de Maroun Bagdadi ■ **Menções especiais:** *Proof*, de Jocelyn Moorhouse, e *Sam and Me*, de Deepa Mehta ■ **Grande prêmio técnico:** *Europa* ■ **Prêmio da crítica internacional:** *La Double Vie de Veronique*, de Krzysztof Kieslowski

Pirotecnia espetacular queima roteiro fraco

BACKDRAFT – CORTINA DE FOGO

de Ron Howard, com Kurt Russell, William Baldwin...

"Há duas coisas incrivelmente difíceis de se colocar na tela, especialmente se é de mentira", disse, certa vez, um experiente diretor de efeitos especiais, um dos cabeças da Industrial Light and Magic, a Howard. "Água e Fogo."

Foi por causa disso que James Cameron torturou seu elenco e sua equipe dentro de um tanque d'água, para fazer *O Segredo do Abismo*. E foi por isso que Ron Howard quase caiu de cama com intoxicação, e Kurt Russell e Billy Baldwin ficaram com sobrancelhas e pestanas chamuscadas para fazer *Backdraft*: porque é mais fácil fazer um incêndio de verdade que um de mentira, quando se trata de maravilhar, emocionar, assustar o espectador.

E os incêndios de *Backdraft* conseguem fazer tudo isso. "Nunca o fogo foi mostrado desta maneira na tela", Howard prometeu — e cumpriu. Correndo riscos que seriam suicidas se não fossem planejados com precisão militar, Howard colocou atores e câmeras dentro das muralhas de fogo que os bombeiros enfrentam diariamente. Quase todo o fogo é verdadeiro: oceanos, vendavais, rios de fogo engolem a tela, explodem, e o espectador fica tão assombrado que não tem nem tempo de se perguntar "mas como é que eles fizeram isso?"

Em alguns (bons) momentos, a ILM acrescentou o toque necessário: nem o mais bem produzido e controlado fogo de verdade pode responder a marcações no script (que exigem, por exemplo, que, em certos momentos, as chamas "desapareçam" e "reapareçam" em determinada seqüência) e nenhuma companhia de seguros que se preze permitiria que um ator como Billy Baldwin fizesse o que ele faz numa das cenas mais assombrosas de *Backdraft*: dispara numa corrida desesperada pela cobertura de um prédio em chamas, enquanto, a seus pés, o chão literalmente se abre em explosões.

O fato de que toda essa pirotecnia espetacular está a serviço de um roteiro medíocre, com diálogos canhestros, personagens estereotipados e uma coleção de clichês que nem na TV se vê mais, quase derruba *Backdraft* (produzido com 30 milhões de dólares) de suas nobres intenções: transformar os bombeiros em verdadeiros heróis — e heróis pacíficos, altruístas e abnegados, que não matam nem ferem ninguém, não prendem, não batem e não ameaçam, mas colocam suas próprias vidas em risco para salvar vidas e bens de desconhecidos. O elenco, homogêneo (sim, Billy é um dos três irmãos boas-pintas de Alec Baldwin), faz o que pode com diálogos que não seriam maus de todo numa revista em quadrinhos ("Você foi um herói hoje!" "Veja! Esse é o meu irmão!"). Robert De Niro, no papel de um investigador do corpo de bombeiros teria roubado o filme se tivesse material melhor para trabalhar.

Idem Donald Sutherland no papel de um incendiário com inclinações místicas — o paralelo com o dr. Lecter de Anthony Hopkins em *Silêncio dos Inocentes* é irresistível, embora totalmente acidental.

Ana Maria Bahiana

Fotos UIP

William Baldwin dispensa dublê na corrida contra as chamas, explosões e desmoronamentos. No destaque, Brian (Baldwin), Stephen McCaffrey (Kurt Russell) e John Adcox (Scott Glenn)

Backdraft, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Ron Howard ■ Com Kurt Russell, William Baldwin, Scott Glenn, Jennifer Jason Leigh, Robert De Niro, Rebecca DeMornay, Donald Sutherland ■ ROTEIRO: Gregory Widen ■ FOTOGRAFIA: Mikael Salomon ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ MONTAGEM: Daniel Hanley, Michael Hill ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Albert Brenner ■ PRODUÇÃO: Richard Lewis, Pen Densham e John Watson para Trilogy Entertainment e Brian Grazer ■ DURAÇÃO: 135 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Fotos Imovision

À esquerda, como teatro filmado, soldados em posição de ataque. Acima, os membros de um dos clãs, que se confundem com deuses

Poema épico em magnífica versão cinematográfica

O MAHABHARATA

de Peter Brook, com Robert Langdon Lloyd, Bruce Myers...

Maha, em sânscrito, quer dizer "grande", "total"; Bharata tem vários significados, sendo "homem" a tradução mais comum. *O Mahabharata*, considerado a *Bíblia* dos hindus — uma bíblia quinze vezes mais longa que a dos cristãos —, narra, portanto, a "grande história da humanidade".

Ao resolver filmar esta que é a mais extensa obra literária já escrita, o diretor Peter Brook e o roteirista Jean-Claude Carrière enfrentaram o desafio de transformar em imagens nada menos do que noventa mil estrofes de um poema épico reunidas em dezoito volumes redigidos em sânscrito, a partir de lendas que datam de quatro a cinco séculos antes de Cristo. O resultado é extraordinário, uma ousadia das mais bem-sucedidas da cinematografia contemporânea.

A maior dificuldade enfrentada pelos autores foi transformar o texto literário, de significado complexo, povoado por deuses-elefantes, arqueiros e clãs multirramificados, numa história assimilável pelo público ocidental. *O Mahabharata* descreve a luta entre dois grupos rivais de primos, os Pândavas e os Káuravas, descendentes de deuses, que viveram na Terra em harmonia até se estraçalharem numa guerra sangrenta. Para retratar a saga, Brook e Carrière não recorreram ao formato convencional, mas à técnica pouco usual do teatro filmado.

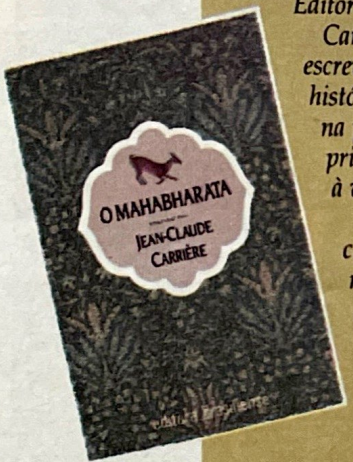
A câmera se posiciona como o olhar do espectador, buscando o enquadramento mais adequado para acompanhar uma disputa em que não há um herói para o qual torcer nem uma delimitação precisa entre o bem e o mal. Eles se confrontam, como reza a filosofia oriental do taoísmo, numa pequena porção do seu contrário. O esforço de Brook e Carrière é compensador: a adaptação capta no clássico indiano toda a profusão de compulsões da natureza humana, como a ganância, o sexo e o poder.

Mario Nery

Mahabharata, França/Inglaterra/EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Peter Brook ■ Com Robert Langdon Lloyd, Bruce Myers, Vittorio Mezzogiorno, Andrzej Seweryn, Mamadou Dioume, Jean Paul Denizon ■ ROTEIRO: Peter Brook, Jean-Claude Carrière e Marie-Helène Estiènne ■ FOTOGRAFIA: William Lubtchansky ■ MÚSICA: Toshi Tsushitori, Kim Menzer, Kudsi Erguner, Mahmoud Tabrizi-Zadeh, Djamchid Chemirani, Sarmila Roy ■ MONTAGEM: Nicholas Gaster ■ PRODUÇÃO: Michel Propper para Les Productions de 3ème Étage, Channel Four TV Co., The Brooklin Academy of Music, Centre National de Theatre, RM Associates ■ DURAÇÃO: 171 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Imovision

LIVRO COMPLEMENTA O FILME

A beleza de uma obra de arte, seja qual for seu gênero, reside no fascínio que ela exerce sobre nós. No caso do poema hindu O Mahabharata, *ou simplesmente "a epopéia", como é chamado na tradição indiana, a fascinação sentida pelo roteirista Jean-Claude Carrière foi tão intensa que, como uma obsessão, consumiu dezesseis anos de pesquisa em companhia do diretor Peter Brook, longas leituras, discussões e viagens à Índia. O primeiro resultado desse trabalho, arduamente "obsessivo", foi uma peça de teatro para o Festival de Avignon de 1985, que ficou em cartaz por mais de três anos. Depois da peça, o filme e uma série de televisão. Não satisfeito, Carrière romanceou o poema, lançado agora no Brasil pela Editora Brasiliense.*



Carrière diz, na apresentação do romance, que há muito desejava escrevê-lo para poder dar uma idéia mais completa do conjunto da história e também reintroduzir certos episódios sacrificados tanto na peça quanto no filme. "Livre da preocupação da produção propriamente dita (duração e custo), senti-me mais livre para flanar à vontade, esclarecendo uma coisa, especificando outra."

O Mahabharata*-livro, portanto, é um complemento essencial ao filme. Dessa forma, o leitor-espectador poderá conhecer melhor o narrador-autor Vyasa, os personagens e suas epopéias. Mesmo sendo uma versão livre e condensada do poema, Jean-Claude Carrière fez uma obra ágil, bem escrita e sedutora, como o são todas as lendas orientais, que há muito embalam os sonhos de todo o mundo.*

Deborah Peleias

O Mahabharata — Jean-Claude Carrière — trad. Noêmia Arantes — Ed. Brasiliense, 270 páginas.

Fórmula fácil e yuppie num drama dos anos 50

UM BEIJO ANTES DE MORRER

de James Dearden, com Matt Dillon, Sean Young...

Ao atualizar para a tela dos anos 90 um livro de Ira Levin, que já rendera um filme em 1956 — estrelado por Robert Wagner e Joanne Woodward —, o roteirista e diretor James Dearden ignorou características tipicamente *fifties* e enfatizou qualidades contemporâneas.

No processo de contar a trama em que são enredadas as gêmeas endinheiradas Dorothy e Ellen (Sean Young) — vítimas de um mesmo trambiqueiro bonitão, Jonathan (Matt Dillon), determinado a dar um golpe do baú, custe o que custar —, Dearden eliminou dilemas antiquados — as implicações de um aborto, hoje em dia, diferem muito das de 40 anos atrás — e situações incompatíveis com os novos tempos — mesmo ricaças como Ellen, agora dedicadas a ajudar os sem-lar, ao invés de passar os dias na piscina, se interessam pelo bem comum.

Tanto cuidado, no entanto, não se traduz num filme atilado. Embora tenha polido muito bem o suspense da história, Dearden não conseguiu mais do que uma versão yuppie de *Atração Fatal* (escrito por ele) com os papéis invertidos.

O Jonathan de Matt Dillon sonha desde garoto com a riqueza que enxerga diariamente passando nos trilhos detrás de sua modesta casa — o cobre que sai para o mundo direto da fábrica do magnata Thor Carlsson (Max Von Sidow). Metódico e calculista, Jonathan bola um plano para fisgar a herança de Carlsson.

Em vez de explorar a mente doentia de Jonathan, Dearden embarca numa fórmula fácil, envolvendo as gêmeas num jogo manjado e violento de ascensão a qualquer preço.

José Emílio Rondeau

A Kiss Before Dying, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: James Dearden ■ Com Matt Dillon, Sean Young, Max Von Sydow, Diane Ladd, James Russo, Martha Gehman ■ ROTEIRO: James Dearden, baseado no romance de Ira Levin ■ FOTOGRAFIA: Mike Southon ■ MÚSICA: Howard Shore ■ MONTAGEM: Michael Bradsell ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jim Clay ■ PRODUÇÃO: Robert Lawrence para Robert Lawrence Production e Initial Film ■ DURAÇÃO: 95 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Jonathan (Matt Dillon) tenta garantir seu futuro na cama com uma das gêmeas (Sean Young)

UIP

AS 200 CRIANÇAS DO DR. KORCZAK

de Andrezj Wajda

Korczak nos remete a uma viagem no tempo. E não apenas por causa de sua fiel reconstituição da Varsóvia de 1939/42, em horror e miséria, mas porque parece uma produção de Wajda dos anos 60. O filme aborda de frente a questão judaica de maneira idealista.

É um filme tímido, mesmo que contundente. Ao contar a verdadeira história de um brilhante pedagogo judeu, Janusz Korczak, que tentou salvar 200 crianças do gueto, durante a Segunda Guerra, o diretor assumiu o realismo enfático e histórico de um *O Exército Perdido* (1965) e a indignação sincera de filmes como *O Homem de Mármore* (1977). Mas esta aparente retomada de obras anteriores parece mesmo um jogo de cartas certas ao vir "embalada" para um mercado mais amplo. Mesmo assim, o filme naturalmente tem cenas bastante inspiradas e uma interpretação emocional do *habitué* wajdiano Wojtek Pszoniak, como Korczak.

Christian Petermann

Korczak, Polônia, 1990 ■ DIREÇÃO: Andrezj Wajda ■ Com Wojtek Pszoniak, Ewa Dalkowska, Piotr Kozlowski, Marzena Trybala, Wojcieh Klata ■ ROTEIRO: Agnieszka Holland ■ FOTOGRAFIA: Robby Muller ■ MÚSICA: Wojciech Kilar ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Allan Starski ■ MONTAGEM: Ewa Smal ■ PRODUÇÃO: Regina Ziegler, Janusz Morgenstern, Daniel Toscan Du Plantier para Filmstudio "Perspektywa", Regina Ziegler Filmproduktion, Telmar Film International, Erato Films, ZDF, BBC Films ■ DURAÇÃO: 115 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: F.J. Lucas

F. J. LUCAS

O dr. Korczak (Pszoniak) e um baixinho

ROMUALD & JULIETTE

de Coline Serreau

Coline Serreau, a diretora do original francês *Três Homens e um Bebê*, promove mais uma vez a fantasia de integração familiar. Em *Romuald & Juliette*, consegue, além disso, dispensar o preconceito numa *love story* entre uma faxineira negra, mãe de cinco filhos, e um executivo branco.

Para unir Romuald (Daniel Auteuil, o excelente Galinette de *Jean de Florette* e *A Vingança de Manon)* e Juliette (Firmine Richard), no entanto, a diretora acrescenta à trama ingredientes policiais. Romuald é presidente de uma indústria de laticínios e, ao querer aumentar sua produtividade, acaba sendo chantageado pelos assessores. E é a faxineira, habitante da periferia de Paris, que vai alertá-lo para o problema.

Ao mostrar Romuald no mundo da faxineira, único refúgio seguro, Coline tem seus melhores momentos de humor. Se não resiste ao conto de fadas multirracial, Serreau é ousada ao levar um yuppie francês a uma classe social abaixo da sua, numa Paris tão ocupada por minorias.

Cesar Garcia Lima

Romuald & Juliette, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Coline Serreau ■ Com Daniel Auteuil, Firmine Richard, Pierre Vernier, Maxime Leroux, Gilles Privat, Muriel Combeau ■ ROTEIRO: Ariane Litaize ■ FOTOGRAFIA: Jean-Noel Ferragut ■ PESQUISA MUSICAL: Jerome Reese ■ MONTAGEM: Catherine Renault ■ PRODUÇÃO: Jean-Louis Piel ■ DURAÇÃO: 108 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Imovision

Pandora

O padre Maurizio (Walter Matthau), ao centro, passa maus bocados num banquete com o irrefutável diabrete Giuditta (Benigni)

Comédia ingênua e romântica com toques de Fellini

O PEQUENO DIABO

de Roberto Benigni, com Benigni, Walter Matthau...

O diabo na carne de miss Giuditta, uma mulher colossal no tamanho, fugiu do inferno e está doido para dar umas voltas pela Terra. Ele não tem chifres nem cheiro de enxofre e parece com Mefistófeles tanto quanto Hélio Bicudo parece com Benito Mussolini. O pequeno diabo do título é exorcizado pelo padre Maurizio, que tem cara de problemas hepáticos (Walter Matthau), mas salta livre para o universo dos mortais. O diabo, que assume o nome de Giuditta, é interpretado pelo minúsculo cômico italiano Roberto Benigni. O filme, dirigido por ele, tem de fato a sua cara, nos defeitos e acertos.

Não se trata de uma comédia para se contorcer de rir à maneira das de Lando Buzzanca — se é que alguém ainda ri com as comédias de Buzzanca. O humor de Benigni é mais delicado (*pero no mucho*). Seus sketches cômicos são leves e derivam em grande parte de seu porte físico desavantajado, de suas caretas absurdamente sonsas, de suas trapalhadas ingênuas e perigosas.

Matthau, do alto de seu mau humor crônico, é freqüentemente mais engraçado, mas a graça real de *O Pequeno Diabo* é extraída do casamento catastrófico das duas personalidades. O padre, aliás, tem uma amante, e Giuditta acaba se engraçando por uma mocinha dos diabos (Nicoletta Braschi, namorada de Benigni e já vista, como ele, em *Daunbailó*, um dos únicos Jim Jarmusch que prestam).

O diabo, como se sabe, é uma crença universal. Uma derrapada diabólica do filme é dar papel para aquele rapaz bicudo que toca aquele horrível instrumento de sopro: John Lurie, queridinho de plantão dos jornalistas com nome de motocicleta. Que Deus os perdoe.

Carlos Volpato

Il Piccolo Diavolo, Itália, 1989 ■ DIREÇÃO: Roberto Benigni ■ Com Roberto Benigni, Walter Matthau, Nicoletta Braschi, Stefania Sandrelli, John Lurie, Franco Fabrizi ■ ROTEIRO: Vincenzo Cerami e Roberto Benigni ■ FOTOGRAFIA: Robert Muller ■ MÚSICA: Evan Lurie ■ PRODUÇÃO: Mauro Berardi, Mario e Vittorio Cecchi Gori para Yarno Cinematografica e Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes

Imovision

O executivo Romuald (Daniel), no aconchego do ninho, com sua durézima família adotiva

Peregrinação infantil com poesia arrebatadora

PAISAGEM NA NÉVOA

de Theo Angelopoulos, com Tania Palaiologou...

Alexander (Michalis Zeke) e Voula (Tania Palaiologou) são duas crianças que embarcam sozinhas, e sem um tostão, para uma viagem através da Grécia rumo à fronteira alemã, em busca de um pai que só existe na imaginação delas. O trajeto é penoso, iniciatório, marcado por bons e maus encontros, e repleto de ilusões desfeitas. Jogados contra uma paisagem rude, de caminhoneiros, policiais, trens e máquinas gigantescas, os pequenos protagonistas de *Paisagem na Névoa* conduzem o espectador por um itinerário bíblico, entre a luz e a treva, o caos e o sonho.

Como todo bom poema, esta obra não é para ser vista com olhos de todo dia. É preciso abrir-se a uma linguagem fortemente simbólica, de ritmo quase sagrado e emoções primitivas que só o grego Theo Angelopoulos (além do russo Tarkovski) pode oferecer no cinema contemporâneo. Todos os filmes de Angelopoulos contam uma viagem com objetivo incerto e nenhuma possibilidade de retorno. Visto no conjunto de sua obra (que inclui *A Viagem dos Comediantes*, *Viagem a Citera*, *O Apicultor* e o recente *O Passo Suspenso da Cegonha*, todos inéditos comercialmente no Brasil), *Paisagem* se dá melhor a compreender através de ecos e reflexos desses outros filmes.

De qualquer forma, o ideal é abdicar de exigências lógicas e abandonar-se à poesia arrebatadora das imagens. Deixar-se levar pelos belos planos-seqüências — a marca registrada de Angelopoulos —, que podem reunir numa única e inesquecível tomada um casamento e uma criança que chora diante de um cavalo agonizante. Uma escritura cinematográfica requintadíssima, que privilegia o não dito, a sutileza e o lusco-fusco dos sentimentos não totalmente revelados. Neste sentido, é exemplar a cena do estupro de Voula sob o encerado do caminhão. O horror provém do que não é mostrado.

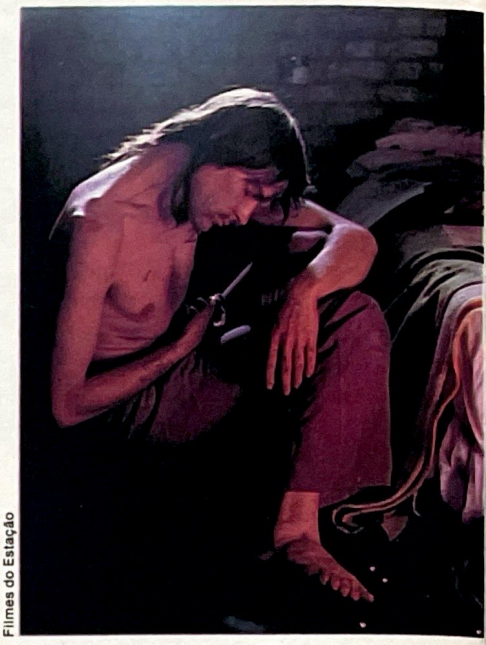
Carlos Alberto de Mattos

Topio Stin Omichli, Grécia, 1988 ■ DIREÇÃO: Theo Angelopoulos ■ Com Michalis Zeke, Tania Palaiologou, Stratos Tzortzoglou ■ ROTEIRO: Theo Angelopoulos, Tonino Guerra, Thanassis Valtinos, a partir da história de Theo Angelopoulos ■ FOTOGRAFIA: Giorgos Arvanitis ■ MÚSICA: Eleni Karaindrou ■ DIREÇÃO DE ARTE: Mikes Karapiperis ■ MONTAGEM: Yannis Tsitsopoulos ■ PRODUÇÃO: Theo Angelopoulos para Greek Film Centre, Greek Television ET-1, Paradis Film (Paris), Basicinematografica (Itália) ■ DURAÇÃO: 126 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes

Pandora

As crianças, Voula (Tania) e Alexander (Michalis), na tranqüila companhia de um estranho na viagem de busca ao pai perdido

Larry Winters (Iain Glen) se desestrutura física e psicologicamente na prisão



Filmes do Estação

SILENT SCREAM

de David Haymam

A história teria todos os ingredientes para ser mais um protesto indignado contra o sistema carcerário, que esmaga o indivíduo, levando-o à demência e à morte. Mas *Silent Scream*, primeiro longa de David Hayman (ator de *Sid and Nancy*), e prêmio de melhor filme inglês de 1990, vai por um caminho muito mais criativo e convincente.

Baseado nos escritos e na vida de Larry Winters, condenado em 1964 à prisão perpétua por matar um *barman*, e morto em 1977 por *overdose* na cadeia, esta produção tem como um de seus grandes méritos o roteiro ágil, bem encadeado, que, alternando os tempos, acompanha a desestruturação da mente de Larry sem melodrama ou maniqueísmo. Também na medida é a excelente interpretação de Iain Glen, justificando plenamente o prêmio de melhor ator do Festival de Berlim.

Helena Salem

Silent Scream, Inglaterra, 1990 ■ DIREÇÃO: David Haymam ■ Com Iain Glen, Andrew Barr, Ane Kristen, Tom Watson, David McKail ■ ROTEIRO: Bill Beech ■ FOTOGRAFIA: Denis Crossan ■ MÚSICA: Bob Last ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Andy Harris ■ MONTAGEM: Justin Krish ■ PRODUÇÃO: Paddy Higson para Antonine e The Scottish Film ■ DURAÇÃO: 86 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Filmes do Estação

LEÃO BRANCO LUTADOR SEM LEI

com Jean-Claude Van Damme

Filmes de pancadaria, a exemplo dos pornôs, não perdem tempo com detalhes: partem logo para a ação. Principalmente quando é detonada pelos golpes certeiros do valete do kickboxer Jean-Claude Van Damme *(O Grande Dragão Branco)*.

Para vingar a morte do irmão, ele nocauteia meia Legião Estrangeira e foge para a América. Uma vez lá, envolve-se com uma poderosa organização que fatura alto patrocinando brigas de rua para yuppie ver. Como não existe adversário capaz de resistir aos seus sopapos, Van Damme acumula o suficiente para arrebatar da pobreza extrema a cunhada e a sobrinha.

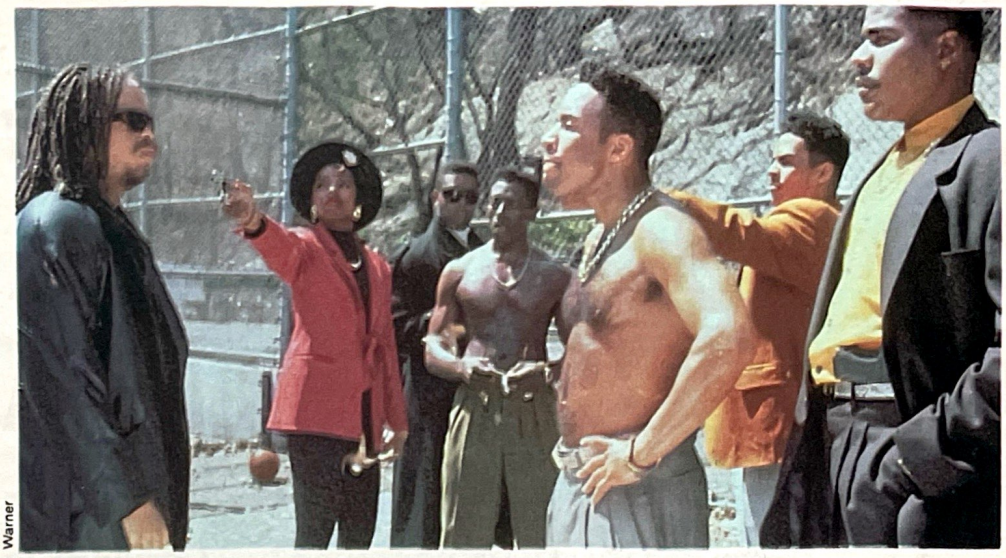
A essa altura, ninguém mais pergunta pelo irmão morto do herói. Detalhe, aliás, insignificante para os fãs do ator-lutador, que aqui arrisca-se mesmo a derrubar algumas lágrimas. Infelizmente, para ele, as sinuosas armadilhas da arte de representar não estão ao alcance de seus punhos.

Paulo Capuzzo

A.W.O.L. — Absent Without Leave, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Sheldon Lettich ■ Com Jean-Claude Van Damme, Deborah Rennard, Harrison Page, Lisa Pelikan, Ashley Johnson, Brian Thompson ■ ROTEIRO: Sheldon Lettich e Jean-Claude Van Damme ■ FOTOGRAFIA: Robert New ■ MÚSICA: John Scott ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gregory Pickerell ■ PRODUÇÃO: Ash R. Shah e Eric Karson para Imperial Entertainment ■ DURAÇÃO: 92 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

Paris

Van Damme se defende com um *pas de deux*



Warner

O policial kamikaze Scotty (o *rapper* Ice-T) é recepcionado pela gangue de Nino Brown (Wesley Snipes)

Submundo do crack combina elementos de clássicos

NEW JACK CITY A GANGUE BRUTAL

de Mario Van Peebles, com Peebles, Wesley Snipes, Ice-T...

Se Dom Corleone fosse negro e tivesse dado início a seu reinado nos anos 90, provavelmente se chamaria Nino Brown e estaria num filme intitulado *New Jack City — A Gangue Brutal*.

O diretor Mario Van Peebles — ator que comanda um filme pela primeira vez, e com oito milhões e meio de dólares, seguindo uma linhagem familiar iniciada pelo pai, o também diretor Melvin Van Peebles — combina elementos de clássicos como *O Poderoso Chefão* (o poder criminoso absoluto) e *Scarface* (a paranóia) para criar em *New Jack City* um retrato sem retoque ou embelezamento do atual submundo de traficantes e gangsters negros norte-americanos.

Não é nada que perturbe o público brasileiro, acostumado a um dia-a-dia de "presuntos", bocas cheias de formiga e metralhadoras, servido regularmente por jornais e TV. Nos Estados Unidos, entretanto, *New Jack City* expôs uma ferida profunda que a maioria desconhece e muitos preferem ignorar.

Peebles concentra a história de *New Jack* na guerra travada entre o ambicioso traficante emergente Nino Brown (Wesley Snipes, o inimigo de Michael Jackson no clip *Bad*), que passa a comandar o comércio de crack de um prédio-fortim que ocupa à força no Harlem, e o time especial criado para derrotá-lo, encabeçado pelo detetive Stone (o próprio Peebles), que escala para ajudá-lo Scotty Appleton (o *rapper* Ice-T, estreando num papel dramático) e Nick Peretti (Judd Nelson), uma dupla kamikaze.

Mario carrega nas tintas para mostrar a destruição causada pelo crack — através do viciado Pooky (o comediante Chris Rock, magistral) — e a monstruosidade de Nino, embriagado de poder e capaz de eliminar e trair seus colegas da gangue Cash Money Brothers, ao mesmo tempo em que exige deles fidelidade. É a seqüência de abertura do filme — ação, ação e mais ação — demonstra uma firmeza de direção capaz de fazer Spike Lee cair de seu palanque.

José Emílio Rondeau

New Jack City, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Mario Van Peebles ■ Com Wesley Snipes, Ice-T, Mario Van Peebles, Allen Payne, Judd Nelson, Chris Rock ■ ROTEIRO: Thomas Lee Wright, Barry Michael Cooper, baseado na história de Thomas Lee Wright ■ FOTOGRAFIA: Francis Kenny ■ MÚSICA: Michel Colombier ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Charles C. Bennett ■ MONTAGEM: Steven Kemper ■ PRODUÇÃO: Doug McHenry e George Jackson ■ DURAÇÃO: 97 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

KIM NOVAK

Com ar de sonâmbula e *sex appeal* incomparável, ela foi criada para ser Marilyn Monroe

Kim Novak foi esculpida a martelo e cinzel pelo chefão da Columbia, Harry Cohn. A idéia era combater o fenômeno Marilyn Monroe, então o grande trunfo da Fox. Kim parecia perfeita, até no nome: chamava-se, na verdade, Marilyn Pauline Novak. Nasceu em Chicago, em fevereiro de 1933.

Antes de cair nas mãos de Cohn, Kim foi miss Deepfreeze, percorrendo o país numa turnê patrocinada por uma marca de refrigeradores. Não foi inventada para ser uma loura gelada, mas burra. Acabou mostrando, como Marilyn, que podia atuar, principalmente nas comédias.

Mas o quente de Kim era a sensualidade, uma combinação explosiva de ingenuidade com curvas derrapantes. Seu primeiro papel no cinema, depois de uma ponta no filme *Um Romance em Paris*, de 1954, foi em *A Morte Espera no 322*, no mesmo ano. Ela faz uma mulher fatal, mas o seu *sex appeal* ganha, então, um elemento chave, uma estranha e saborosa vulnerabilidade. Nos papéis seguintes, a despeito da burrice exigida, nos moldes de Marilyn, ela exibe uma alma sensível, ligeiramente atormentada.

Em *Férias de Amor*, de 1955, a química de Kim atinge o máximo de efervescência. Ela é uma provinciana de beleza devastadora que cai de amores por um forasteiro sem eira nem beira (William Holden), num dos filmes mais sensuais de todos os tempos. Numa cena antológica, ela e Holden dançam colados, expelindo faíscas. Enquanto as mulheres guardam a lembrança erótica do peito de Holden dourando ao sol — fator de enlouquecimento das próprias mulheres do filme, que executam langorosos vôos eróticos em torno dele —, Kim, provinciana, branca como a neve, dando sopa naquele fim de mundo, como se Vênus estivesse passando férias numa cidadezinha do interior, é uma visão que os homens não esquecem. Aliás, este papel de deusa dando um tempo na Terra lhe serviu muito bem numa comédia naturalmente maliciosa de Billy Wilder, *Kiss Me, Stupid*, de 1964, em que ela faz o objeto suburbano do desejo de Dean Martin.

Em *Dois Carinhos*, de 1957, ela passa Rita Hayworth para trás na preferência de Frank Sinatra, o Joey do título original *(Pal Joey)*. Na vida real, ela foi inventada por Harry Cohn para amansar Rita, então uma estrela problemática. E teve um caso com Sinatra.

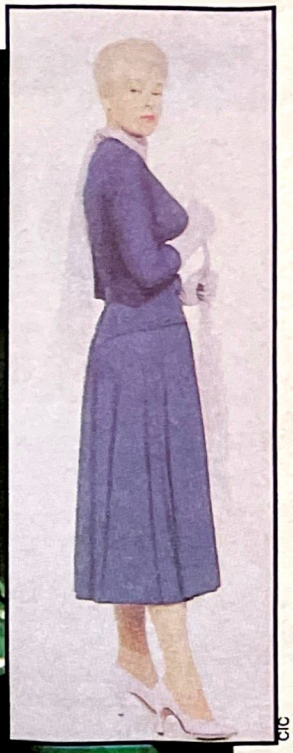
Columbia

Olhar melindroso e curvas derrapantes. Eis a Kim Novak que fechou quarteirões em Hollywood, em 1957

ALUMBRAMENTO — 1958 foi o ano de dois filmes centrais na carreira da estrela. Ela faz um papel esquizofrênico no festejado *Um Corpo que Cai*, de Alfred Hitchcock, e uma feiticeira moderna em *Sortilégio de Amor*. Ambos aproveitam duas essências do charme de Kim. Hitchcock usa um certo sonambulismo de sua personalidade na composição da personagem que começa loura, mostra madeixas castanhas e sucumbe à exigência mórbida do amante James Stewart, que quer vê-la de novo com os cabelos quase brancos. O longo e notável plano-seqüência em que ela aparece com os cabelos novamente tingidos, numa das mais belas visões de

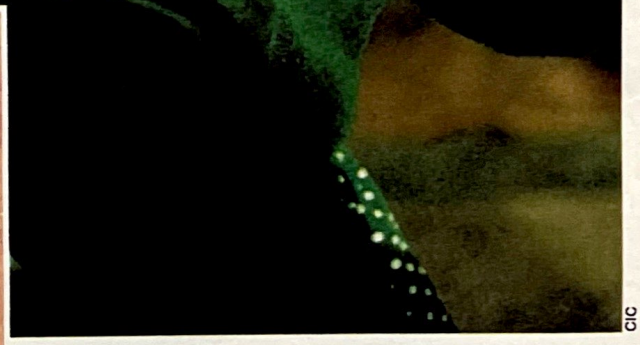
alumbramento do cinema, só tem como som a música de Bernard Herrmann. Kim é uma sonâmbula num filme de ritmo sonambúlico. Em *Sortilégio*, ela interpreta uma bruxa que faz uma coisa que seus pares são incapazes de fazer: chora pelo amor de um felizardo mortal. Ela é a própria personificação da feiticeira de alma sensível.

Kim Novak teve uma porção de romances rumorosos na vida real. Amou um conde, Mario Bandini, quando de passagem por Roma, em 1956, cercada de *papparazzi*. Envolveu-se com o príncipe Ali Khan, ex-Rita Hayworth. Em 1957, caiu de amores por Sammy Davis Jr., mas Harry Cohn escorraçou o cantor negro, que, amaciado, apareceu casado com outra. Harry: "Sammy, você já é cego de um olho; quer ficar cego dos dois?".



Ao lado, dois de seus papéis mais famosos, no clássico *Um Corpo que Cai*, de Alfred Hitchcock. O homem da história, vivido por James Stewart, também preferiu a loira

CIC



CIC

Retna

Houve ainda muitos outros, como Ramfis Trujillo, filho do ditador de São Domingos, caso que virou objeto de discussão no Senado americano por causa de um carrão de luxo que o playboy lhe dera de presente. Casou-se duas vezes, a primeira com o ator de dotes shakespearianos Richard Johnson, com quem contracenara em *As Aventuras Escandalosas de Uma Ruiva*. Tinha 32 anos. Separaram-se um ano depois, em 1966. Isolada em Big Sur, a mesma praia de retiro do escritor Henry Miller, na Califórnia, ela acaba casando pela segunda vez com o veterinário Robert Malloy, em 1976. Ainda vive com ele, cercada de cabritos, cachorros e cavalos, atuando só de vez em quando, como em *Apenas um Gigolô*, de 1978, e *A Maldição do Espelho*, de 1980. Criada para ser Marilyn Monroe, Kim Novak vive hoje como Brigitte Bardot.

Carlos Volpato

TREKKERS LETRADOS

Começa a aterrissar no Brasil a vasta literatura sobre *Jornada nas Estrelas*

Muita gente não sabe que *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*, aquele seriado dos anos 60, gerou uma legião de fãs (os *trekkers*). Mas é de conhecimento geral que virou clássico, filme de cinema e até uma nova série de TV *(A Nova Geração)*.

Star Trek também constitui um impressionante fenômeno editorial (nos EUA e Europa) que conta com uns 150 títulos disponíveis, entre romances baseados na obra original, livros de referência e análise e até manuais técnicos detalhados sobre os aspectos *hard* da série.

Escritos tanto por fãs, muitos dos quais se profissionalizaram, como por autores de ficção científica premiados (James Blish, Venda McIntyre), eram histórias a princípio de digestão rápida, mas que aos poucos foram aprofundando o carater mítico dos personagens e a estrutura social do universo *trekkeniano*, a ponto de hoje as raças alienígenas e a história futura da Terra terem um tratamento tão complexo quanto o que Frank Herbert concebeu para sua obra-prima *Duna*.

O primeiro título da coleção que finalmente chega ao Brasil, *O Portal do Tempo*, é um bom exemplo desse fenômeno. De autoria de A.C. Crispin, uma das escritoras *trekkers* que logo se revelaria com outros trabalhos *(V — A Batalha Final)*, *O Portal do Tempo* aproveita o gancho deixado por um dos episódios da série de TV — sem que isso interfira na compreensão da trama — e desenvolve com maestria e delicadeza tanto a história quanto os personagens. Por esses e outros méritos, o livro abriu as portas para que os personagens de *Star Trek* passassem a freqüentar a lista de best-sellers do *New York Times*.

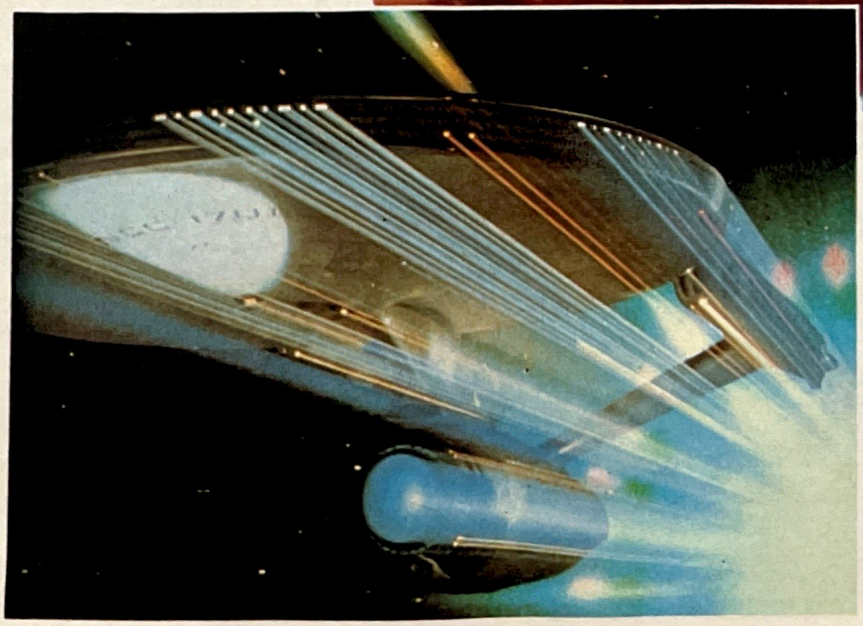
No citado episódio de inspiração, *Todos os Nossos Ontens*, o fascinante e racional sr. Spock é acidentalmente levado ao passado e, nessa viagem, conhece Zarabeth, uma presa política condenada a viver na era glacial de um planeta, e por ela se apaixona. *O Portal do Tempo* conta como Spock precisa voltar ao passado, de novo, para resgatar o fruto desse amor, seu filho Zar. Enquanto isso, o capitão Kirk tem de impedir que o segredo do portal caia em perigosas mãos inimigas.

Uma história para fazer a delícia de *trekkers* e não *trekkers*, que assim têm a chance de conhecer a magia de *Star Trek* e um universo literalmente em expansão.

A edição nacional tem ainda uma ilustrativa apresentação dos personagens e um glossário que explica termos fictícios e dá informações científicas reais, uma orientação didática da editora.

A Aleph também já tem programados outros títulos, que formam um grande quebra-cabeça de peças independentes, sempre intercalando uma história da primeira série e da *Nova Geração*. O próximo título a ser lançado é *Encontro em Farpoint*, a adaptação do filme que deu origem ao novo seriado.

Cristina Nastasi

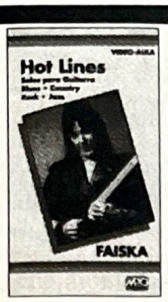


A nave interestelar num arranque, ao lado, e um inacreditável ósculo do *cool* Spock em *Todos os Nossos Ontens*, a fotonovela

Portal do Tempo, de A.C. Crispin — trad. Norberto de Paula Lima — Ed. Aleph, 176 págs.

MPO VIDEO
apresenta
VIDEO-AULA

Slap Mania
Técnica
para
baixo
elétrico



Hot Lines
Blues
Country
Rock
Jazz

Ritmos Brasileiros
Um painel
do swing
de Duda
Neves

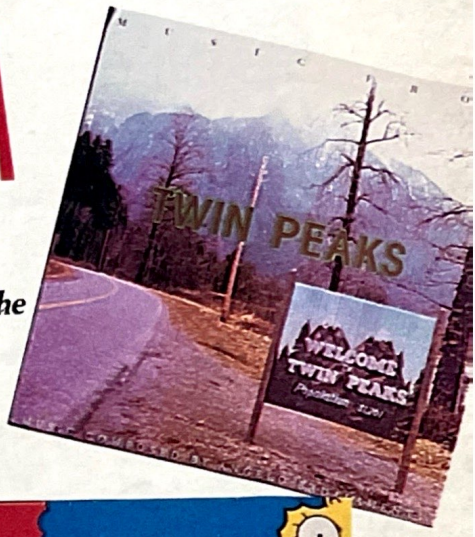
e mais 17 títulos
Solicite catálogo nos
revendedores autorizados

São Paulo - Capital *Tels.(011)* - Regent's *229.5764* Tapesom *227.3022* • Mec *223.7766* • Manon *222.3055* • Casa Bevilacqua *549.7388* • Musical São Paulo *220.6166* • Mappin • Free Note *64.6891* • Músicos *883.0882* • Cultura Musical *220.1144* • Especialista *227.8884*
São Paulo - Interior Casa da Música *Campinas (0192) 32.9977* • Rossi *São José dos Campos (0123) 23.3999* • Mappin *ABC* • Casa Cidatur *Bauru (0142) 34.6888*
Brasília - DF *Tels.(061)* - Casa Maestro *245.6754* • Musilar *242.5302* • Musimed *225.6820*
Rio de Janeiro - RJ *Tels.(021)* - Guitarra de Prata *262.2179* • Bandolim de Ouro *233.8479* • Musicenter *521.0390* • Casa Milton Pianos *255.7770*
Belém - PA *Tels.(091)* - Thot *228.1402*
Belo Horizonte - MG *Tels.(031)* - Viola *226.5048* • Musical Strambi *224.2023* • A Serenata *271.1313*
Curitiba - PR *Tels.(041)* - Casa Sartori *222.2257* • F. Sartori *224.9901*
Londrina - PR *Tels.(0432)* - Musical São Paulo *21.2800*
Porto Alegre - RS *Tels.(0512)* - Casa da Música *25.1222* • Mil Sons *33.2387* • Brusius *95.2456/93.6378*
Florianópolis - SC *Tels.(0482)* - Zandomênico *22.4509* • Bartosiak *33.0973*
Recife - PE - Studio Disco 7

MPO VIDEO

O MELHOR ESTÁ NA TELINHA

A *soap opera* "cabeça" *Twin Peaks* e as detonadas aventuras da família *The Simpsons* trazem excelentes discos



♦ OK, a esta altura do campeonato você deve estar careca de saber quem matou Laura Palmer. Mas independentemente do desfecho, ou das supressões e alterações grosseiras da versão Globo, uma coisa é certa: a trilha sonora da série é coisa fina, como o café e as rosquinhas da sinistra cidadezinha.

Twin Peaks (Warner/WEA, também editado em CD) é um disco ultra-atrativo em si mesmo. Se isso não bastasse, a música meticulosamente elaborada por Angelo Badalamenti — com preciosa colaboração do diretor David Lynch — amolda-se com perfeição, mesmo nos mínimos detalhes, aos climas da trama a ser desemaranhada pelo agente Cooper. É bela como Mädchen Amick e Sherilyn Fenn juntas.

O tema principal e o de amor homônimos revelam um tom melodramático levado ao terreno da música ambiental — uma lição sabiamente apreendida dos trabalhos que Brian Eno já fazia década e meia atrás. Nesta releitura conceitual, convém destacar outra vez a própria faixa de abertura: uma melodia introspectiva que se sustenta por si mesma, mas que no final provém de uma das três canções contrabandeadas do LP *Floating Into the Night* (outro produto da parceria Badalamenti/Lynch), que lançou em 1989 a cantora Julee Cruise. Sem falar na melodia difusa e soturna de "Laura Palmer's Theme", no *groove* misterioso de "Audrey's Dance", nas dissonâncias de "Night Life in Twin Peaks", nem no famigerado tema do anão: "Dance of the Dream Man".

♦ Imagine os "pacatos" Simpsons fazendo a maior zona num estúdio de gravação. Pois isso é o que acontece em *The Simpsons Sing the Blues* (Geffen/BMG-Ariola). Não só pelo desenho animado como pela própria MTV, "Do the Bartman" acabou virando *hit*. "School Day" e "Born Under a Bad Sign" — com as respectivas participações de Buster Pointdexter e B.B. King — mostram o respaldo de um time de bons músicos numa eclética combinação que vai desde Dr. John até DJ Jazzy Deff. Atenção para a receita matadora de Marge Simpson para um bom balanço em "Springfield Soul Stew" e para o embalo Parliament/Funkadelic presente em "Look at All Those Idiots".

Celso Pucci

SAÚDE DE MÁQUINA

Não cometa bobagens. Siga esse guia simples e prático de sobrevivência para o seu videocassete

Se o mercado de videocassete no país engatinhou de 1985 a 1990, a virada da década marcou definitivamente o aparelho como um bem obrigatório de consumo dos brasileiros. De lá para cá, já foram lançados mais de 18 mil modelos diferentes em todo o mundo. A Panasonic detém o recorde mundial com quatro novos lançamentos por semana. Mas, na pressa para atualizar-se com as novidades do exterior neste curto espaço de tempo, o consumidor brasileiro se esqueceu dos detalhes mais importantes: saber usar e manter o vídeo longe dos defeitos.

Num giro rápido pelas principais assistências técnicas especializadas em vídeo de São Paulo, a conclusão é de que a maioria dos defeitos poderia ser evitada com um pouco mais de cuidado e informação. Não cometa, você também, as mesmas bobagens. Não se desespere, aproveite a pipoca e o sofá, e leia as dicas e os conselhos dos técnicos.

Ilustrações Luiz Gustavo

AS CABEÇAS — Dez por cento dos problemas da maioria dos vídeos que desembocam nas oficinas especializadas estão no conjunto de cabeças. Se o aparelho for utilizado corretamente, o conjunto de cabeças pode trabalhar até mais de 1 000 horas sem problemas. Ou seja: você fica sete anos vendo duas fitas por semana sem pensar em assistência técnica.

O que acontece é que o usuário insiste em usar fitas inadequadas ou, mais exatamente, as piratas. Além disso, as tentativas isoladas de limpeza são um completo desastre (veja box).

O mercado está inundado de fitas piratas e antigas. Elas destroem as cabeças porque geralmente já ultrapassaram a vida útil que gira em torno de 500 horas. Fitas guardadas por muito tempo, sem uso e em local pouco ventilado adquirem fungos que grudam nas cabeças. Você terá de trocá-las. O serviço de troca de cabeças custará em torno de Cr$ 25 mil. O excesso de uso das funções PAUSE, FF e REW com a imagem da fita na tela também prejudica as cabeças. Esse atrito é desnecessário e deve ser evitado. Aperte o STOP cada vez que for avançar ou voltar a fita.

A FONTE — É o sistema que recebe a energia diretamente da rede elétrica e distribui para o vídeo. Uma queima de fonte significa que o aparelho recebeu uma descarga elétrica maior do que poderia suportar. As causas mais comuns são as oscilações da energia de alguns lugares. Fique ligado quando houver queda de energia elétrica e desligue o aparelho da tomada. Se você mora num lugar onde a oscilação de voltagem é muito grande, use um estabilizador. Os técnicos indicam o de núcleo saturado como o mais apropriado.

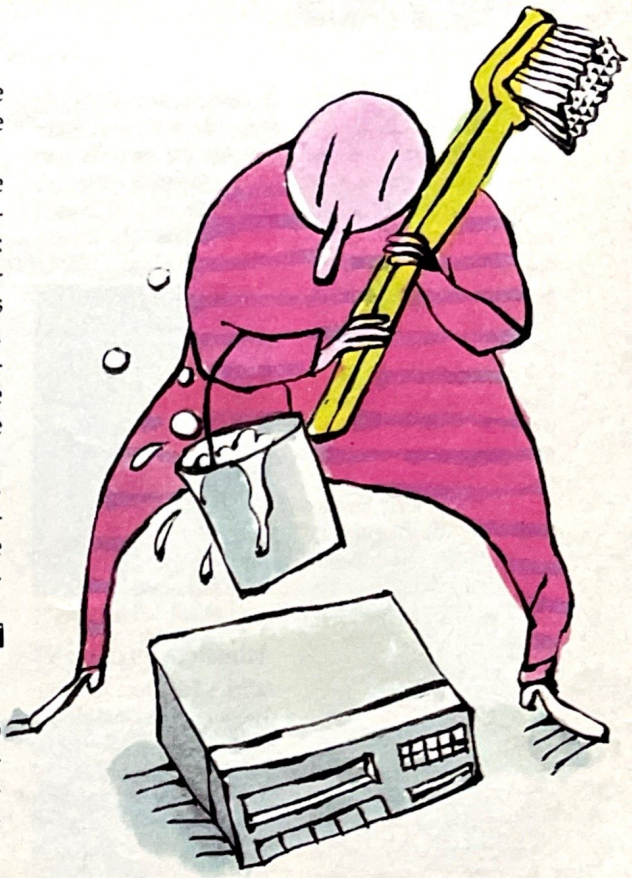
PROBLEMAS MECÂNICOS — Parece incrível mas os técnicos encontram os objetos mais estranhos dentro dos aparelhos. São carrinhos, bolinhas, pentes, lixas de unha, correntes, brinquedinhos, preservativos (!) e até controle remoto. Naturalmente, esses objetos aniquilam as engrenagens, polias e correias. Vá com calma, não pense que seu videocassete é caixa de correio, bueiro ou lata de lixo.

Finalmente, um conselho que pode parecer óbvio mas é tão importante quanto todos os outros: procure sempre assistências técnicas especializadas para limpezas regulares ou eventuais defeitos. Os técnicos dessas oficinas recebem treinamento dos fabricantes e trabalham com peças originais de reparação.

Com esses pequenos cuidados, você evitará aborrecimentos, visitas caras às assistências técnicas e poderá apertar o PLAY sem sustos. Nem custos.

Leonardo Caldas

Técnicos consultados: Jairo M. Furuya, da Tecnovídeo; Francisco Carlos Aguiar, da Eletrônica Horli-Panasonic; Anibal Antonio Fagundes, da SALDIVA—Assistência técnica em vídeos.



VIDE BULA

APARELHO

LEIA COM ATENÇÃO O MANUAL DE INSTRUÇÕES
Todos sabemos que os manuais são chatos, repetitivos e que você já conhece tudo o que eles dizem. Mas, para o bem do seu vídeo e para a saúde do seu bolso, leia tudo. Decore se for preciso. Depois, tenha-o sempre à mão para consultas.

NUNCA DEIXE O VÍDEO AO ALCANCE DE CRIANÇAS E LEIGOS
O videocassete é um aparelho caro, sofisticado e sensível. Não é para brincar de "abrir para ver como é dentro" e nem de "esconde-esconde". Não deixe que as crianças o façam de gato-sapato. As assistências técnicas até já encontraram o controle remoto dentro do aparelho.

PREFIRA A VELOCIDADE DE DUAS HORAS
Nas gravações, use sempre a velocidade de 2 horas. Ela dá mais definição de imagem e não sobrecarrega o vídeo. Nunca use a de 4 horas. E só use a de 6 horas quando realmente necessário.

DESLIGUE O VÍDEO DA TOMADA SEMPRE QUE ESTIVER CHOVENDO FORTE OU EM CASO DE CORTE DE ENERGIA
As descargas elétricas, que vêm dos raios ou do instante logo após o retorno da luz elétrica num black-out, podem queimar a fonte — é ela que redistribui a energia da rede elétrica para todo o vídeo.

PARA CONGELAR (PAUSE), AVANÇAR OU RETROCEDER A FITA, NUNCA FAÇA COM A IMAGEM NA TELA
O atrito entre a cabeça e a fita é o que determina a vida útil dos dois. Quanto maior for esse atrito, pior. Por isso, esses casos são crônicos. Para evitar problemas, pare tudo (STOP) antes de avançar ou retroceder. Nas gravações faça o mesmo, e no caso de eliminar os comerciais enquanto você grava basta apertar o PAUSE assim que eles entrarem no ar. Depois, acione o STOP até que pinte o reinício do que você estava gravando. Acione o REC PLAY e imediatamente depois a tecla PAUSE que a fita se solta e a gravação continuará normalmente. Parece complicado, mas isso evita que o PAUSE fique ligado por todo o tempo do comercial, em atrito com a cabeça.

FITAS

NÃO USE FITAS PIRATAS OU GASTAS DEMAIS
Só alugue fitas seladas e renove constantemente seu estoque. Se aparecerem chuviscos ou falhas na imagem, a fita já era...

NÃO DEIXE AS FITAS SEM USO POR MUITO TEMPO E ESCOLHA BEM O LUGAR PARA GUARDÁ-LAS
Coloque-as em local ventilado e longe de calor, umidade e poeira. Revê-las periodicamente também é uma arma eficiente contra os fungos. Eles são fatais.

NÃO USE AS FAMOSAS FITAS DE LIMPEZA
A limpeza da cabeça do vídeo só se faz necessária quando a imagem começa a apresentar problemas ou some completamente. Mesmo que você mude de fita. Se isso acontecer, esqueça as fitas de limpeza e lembre-se para sempre do endereço da assistência técnica.

NÃO TENTE DESENROSCAR UMA FITA QUE FICOU PRESA NO VÍDEO
A cabeça do videocassete é supersensível. Os fungos de uma fita antiga, por exemplo, podem grudar na cabeça e provocar um enrolamento. Se isso acontecer, não tente dar uma de técnico, procure um!

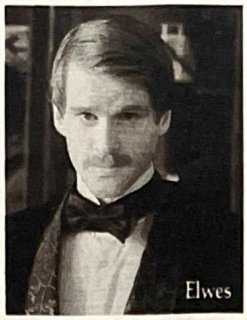
Leonardo Caldas

CARTAS

Gafe de SET

Como jornalista, estou muito satisfeita com a evidente qualidade desta revista. Já como cinéfila, indico um erro na edição n.º 4, ano 5, na seção Videolançamentos: no comentário sobre o filme *Tempo de Glória* (página 20) o crítico afirma que o ator Broderick tem seu papel ofuscado por três atores negros: Denzel Washington, Morgan Freeman e Cary Elwes. Realmente Washington e Freeman são dois atores negros brilhantes, mas Elwes é LOIRO! Elwes é um ótimo ator (vide *Dias de Trovão*, *A Prometida* e *Lady Jane*), mas infelizmente pouco valorizado.
Alessandra Guidoni Marinheiro
(São Paulo — SP)

A leitora está certa. Confundi Cary Elwes, que faz o amigo de infância loiro de Robert Shaw (Forbes), com Andre Braugher, que interpreta Searles, o companheiro negro do comandante.
Alex Antunes



Columbia Tri-Star

Filmoteca Inteligente

Achei a Filmoteca de Jorge de Souza a respeito do filme *Sob Fogo Cerrado* (n.º 4, ano 5) interessante por dois motivos: primeiro, porque o texto é de leitura dinâmica, inteligente e sincera e por isso gostosa. Segundo, porque, dias após lê-la, pude comprovar tudo o que o jornalista escreveu, assistindo ao filme em uma emissora de televisão.
Marcelo de Jesus
(São Paulo — SP)

O Impacto de Fox em SET

Quase não acreditei quando vi a edição n.º 5, ano 5, de SET, nas bancas, e li "entrevista exclusiva com Michael J. Fox". Claro que comprei-a imediatamente. A entrevista é excelente, as perguntas de Ana Maria Bahiana são inteligentes, e, através delas, "Mike" provou ser um dos atores mais conscientes e responsáveis da "louca" Hollywood.
Edney Rocha de Azevedo
(São Gonçalo — RJ)

Columbia Tri-Star
O Silêncio dos Inocentes

Queda de Qualidade de Em Cartaz

Parabenizo todos aqueles que confeccionam SET e fazem dela a melhor publicação de cinema e vídeo do Brasil. Contudo, gostaria de alertá-los em relação à queda na qualidade das críticas da seção Em Cartaz e de certas reportagens. As exceções ficam por conta das excelentes entrevistas e das seções Mito, Nostalgia e Filmoteca.
Gustavo de Carvalho Melo
(Cataguases — MG)

Como leitor assíduo de SET e fã, principalmente, da seção Em Cartaz, alerto-os em relação a falhas imperdoáveis. Alguns bons filmes, como *De Frente para o Perigo*, com Gene Hackman e Anne Archer, e outros, não foram comentados.
Adalmir Perales Rubim
(São Paulo — SP)

O Magnetismo de *O Silêncio*

Confesso que me senti no cinema ao ler a ponderada matéria de José Emílio Rondeau sobre o filme *O Silêncio dos Inocentes* (n.º 4, ano 5). Rondeau soube captar com competência a essência da obra de Demme.
Charles Pierre de S. Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

A Magia do Cinema na Capa de SET

A fusão do rosto do ator Val Kilmer com o de Jim Morrison na capa de SET (n.º 5, ano 5) foi a melhor já elaborada pela revista. Pontos para o departamento artístico.
Paulo Sérgio Pruner
(Camboriú — SC)

Parabéns pela Matéria de Capa com o filme *The Doors* (n.º 5, ano 5). Estava ótima.
Fabiano Bender Machado
(São Bernardo do Campo — SP)

Comunico meu entusiasmo com a edição n.º 5, ano 5, de SET. Aguardava com ansiedade uma reportagem sobre o filme *The Doors*, e vejam só: a matéria é melhor do que eu esperava (não que isso me surpreenda, pois a qualidade de SET é inegável). Outra coisa: a escolha de Val Kilmer para interpretar o mito do rock Jim Morrison foi um tiro certeiro.
Giuseppe Giovanni M. Gozzi
(São Bernardo do Campo — SP)

Parabenizo SET pela magnífica capa da edição n.º 5, ano 5, e pela excelente reportagem sobre o mais novo filme de Oliver Stone, *The Doors*.
Antonio Cardoso da Silva
(Itaituba — PA)

A montagem feita com Val Kilmer e Jim Morrison na capa de SET (n.º 5, ano 5) foi perfeita. Adorei também a reportagem sobre o filme na mesma edição: excelente, maravilhosa.
Cíntia Regina Aguiar
(Canoas — ES)

A abordagem feita em SET (n.º 5, ano 5) sobre o filme *The Doors* está excelente. Realmente SET está se superando a cada edição.
Robson V. Chiarelo
(Santa Bárbara D'Oeste — SP)

Columbia Tri-Star
De Frente para o Perigo

Os Leitores Concordam e Discordam Entre Si

Fico revoltada com certas críticas feitas à SET na seção Cartas. Sinceramente, sem querer puxar o saco, acho-as muitas vezes imaturas e exageradas. Por exemplo, na edição n.º 4, ano 5, um leitor de Pelotas criticou severamente a revista, dizendo que SET não é nem uma revista de cinema e nem de vídeo. Acho bom que esse leitor saiba que o cinema e o vídeo estão ligados diretamente, já que há pessoas que não tiveram oportunidade de conhecer certos filmes, antigos ou recentes. Obviamente que tais pessoas irão recorrer ao vídeo para assisti-los. Agora me pergunto: por que tais pessoas insatisfeitas continuam lendo SET? Será que é por falta de outra revista igual ou melhor, ou porque realmente a acham interessante?
Eliana de Lima
(Santo André — SP)

Ao ler a seção Cartas da edição n.º 3, ano 5, de SET, não concordei com a opinião de vários leitores sobre a revista, pois a acho excelente e sabe dar o devido valor à arte cinematográfica. Espero que SET continue com sua linha editorial e a realizar grandes entrevistas.
Rossana Lemes
(Ponta Grossa — PR)

Concordo plenamente com o que afirmaram os leitores Edmar José Carneiro e Patrícia S. Costa em suas cartas publicadas em SET n.º 4, ano 5, sobre a posição desta revista em relação ao cinema europeu. Acontece em SET o que acontece com nós brasileiros: estamos tão influenciados com a parafernália hollywoodiana que nos esquecemos completamente que existe também o cinema brasileiro. Por isso, creio que não seja culpa só de SET mas de todos nós que amamos o cinema.
Bill Pereira Barros
(Brasília — DF)

Fichas de Cine e Vídeo — Argh!

Pelo amor de Deus, nas próximas edições de SET publiquem fichas de cine e vídeo de filmes mais famosos. Sinceramente, as últimas estão uma droga!
Assinam dez colecionadores
(Bauru — SP)

Takes e Suas Exclusividades

A seção Takes, de SET, vem se destacando cada vez mais. Se por um lado a revista anda meio mal das pernas, é gratificante termos uma seção exclusiva e ao mesmo tempo perfeita. Na edição n.º 5, ano 5, Takes trouxe uma foto belíssima de Demi Moore em seu último filme. Sem dúvida, a melhor seção de SET é Takes.
Márcio V. A. Brito
(Fortaleza — CE)

Mudaram tanto a seção Takes que a cada mês piora um pouco mais. Ela está menos informativa, com menos fotos, menos frases e sumiu o "Aguarde". Qual é?
André Luiz Pereira
(Taubaté — SP)

Julia Roberts, a Musa dos Leitores

A edição n.º 4, ano 5, de SET, está inigualável, principalmente pela entrevista exclusiva com a estonteante Julia Roberts.
Ivson Farias
(Recife — PE)

Discordo do crítico Dilson Gomes e de todos que duvidem do talento de Julia Roberts. O referido crítico resumiu o sucesso do filme *Uma Linda Mulher* (n.º 5, ano 5) na beleza e na vulgaridade da personagem Vivian, vivida pela atriz. Será que os dotes físicos de Julia Roberts foram fatores preponderantes nas suas indicações ao Oscar?
Fred Azevedo Costa
(Natal — RN)

Carmen Miranda Continua Viva

Os componentes da Associação dos Amigos do Museu Carmen Miranda, do Rio de Janeiro, agradecem penhoradamente o tributo prestado a nosso mito maior na seção Livros, de SET (n.º 4, ano 5), com reportagem de Antonio Querino Neto.
Tomson Laviola
(Brasília — DF)

Como admirador de Carmen Miranda, tomei conhecimento do lançamento do livro *Carmen Miranda — A Pequena Notável*, de Martha Gil-Montero, através de SET (n.º 4, ano 5). Sinto-me agradecido por saber que ela continua tão viva em seu trono de glória.
Eduardo Lemos
(Brasília — DF)

Correio entre os Leitores

Compro fotos do ator Jeremy Irons no filme *Gêmeos — Mórbida Semelhança*. Endereço: rua Afonso Celso, n.º 587, São Paulo — SP (CEP 04119)
Laura K. Barbosa

Procuro algum fã-clube de Arnold Schwarzenegger. Endereço: rua dos Americanos, n.º 1108, Belo Horizonte — MG (CEP 30620)
José Paulo de Amorim

Quero me corresponder com fãs de Brooke Shields para troca de informações. Endereço: rua Graciliano Ramos, n.º 245, Belo Horizonte — MG (CEP 31840)
Karina Fátima Storck

Compro a trilha sonora do filme *Veludo Azul* em disco ou em fita. Endereço: av. XV de Novembro, n.º 300, Erval Velho — SC (CEP 89613)
Eliane Brocardo

Quero me corresponder com fãs de Faye Dunaway, Madonna, Traci Lords e Kasha. Endereço: rua Agostinho Barbalho, n.º 327, ap. 61, Madureira, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21310)
Paulo Sérgio da Silva

Compro a edição n.º 11, ano 3, de SET, com as respectivas fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Andrea Del Castagno, n.º 78, São Paulo — SP (CEP 02562)
Roseni Matias da Silva

Vendo vasto material de cinema e vídeo sobre principais atores e atrizes do momento. Endereço: Caixa Postal 144, Casa Branca — SP (CEP 13700)
Eliézer Contini

Compro gravações em VHS, em boas condições, das cerimônias do Oscar dos anos de 1986 a 1990. Endereço: al. dos Guaicanas, n.º 520, São Paulo — SP (CEP 04064)
Francisco Silveira

Troco correspondência com pessoas que gostem de cinema e vídeo em geral e de filmes como *Meu Marido de Batom*, *Parceiros da Noite* e *Dois Tiras Bem Suspeitos*. Endereço: av. Brasil, n.º 1922 — DNER, Picos — Piauí (CEP 64600)
Erivan Simão de Sousa

Compro material diverso sobre vários artistas. Endereço: rua Otto Pantzier, n.º 49, Blumenau — SC (CEP 89050)
Marcelo Marcos Busse

Compro fotos das seguintes atrizes: Elizabeth McGovern, Kelly McGillis, Barbara Eden, Kim Basinger, Daryl Hannah. Endereço: rua Maurício Jacquey, n.º 96, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo — SP (CEP 09735)
Jorge Petro Mattos

Troco correspondência com cinéfilos de todo o Brasil. Sou fã de Dan Aykroyd e James Belushi e possuo vasto material referente a cinema para troca. Endereço: rua Inglaterra, n.º 100, Jd. das Nações, Diadema — SP (CEP 09940)
Alessandra G. Horvart

Troco correspondência com cinéfilos e videomaníacos. Endereço: Caixa Postal 55159, São Paulo — SP (CEP 04799)
Carlos José de Magalhães Couto

Quero me corresponder com pessoas que curtam cinema em geral. Endereço: rua José Bueno, n.º 36, São Paulo — SP (CEP 02079)
João Luís Cintra

Cartas para: *Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo — SP.* Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS

KIM NOVAK

Marilyn Pauline Novak nasceu em 13 de fevereiro de 1933, em Chicago, EUA.

1953: O PRÍNCIPE DE BAGDÁ (*Veils of Bagdad*, de George Sherman) ■ 1954: UM ROMANCE EM PARIS (*The French Line*, de Lloyd Bacon); A MORTE ESPERA NO 322 (*Pushover*, de Richard Quine); ABAIXO O DIVÓRCIO (*Phffft!*, de Mark Robson) ■ 1955: NO MAU CAMINHO (*5 Against the House*, de Phil Karlson); O FILHO DE SIMBAD (*Son of Sinbad*, de Ted Tetzlaff); FÉRIAS DE AMOR (*Picnic*, de Joshua Logan); O HOMEM DO BRAÇO DE OURO (*The Man with the Golden Arm*, de Otto Preminger) ■ 1956: MELODIA IMORTAL (*The Eddy Duchin Story*, de George Sidney) ■ 1957: LÁGRIMAS DE TRIUNFO (*Jeanne Eagels*, de George Sidney); MEUS DOIS CARINHOS (*Pal Joey*, de George Sidney) ■ 1958: UM CORPO QUE CAI* (*Vertigo*, de Alfred Hitchcock); SORTILÉGIO DE AMOR (*Bell, Book and Candle*, de Richard Quine) ■ 1959: CREPÚSCULO DE UMA PAIXÃO (*Middle of the Night*, de Delbert Mann) ■ 1960: PEPE (de George Sidney); O NONO MANDAMENTO (*Strangers When We Meet*, de Richard Quine) ■ 1962: ACONTECEU NUM APARTAMENTO (*The Notorious Landlady*, de Richard Quine); UMA VEZ POR SEMANA (*Boys' Night Out*, de Michael Gordon) ■ 1964: SERVIDÃO HUMANA (*Of Human Bondage*, de Ken Hughes); BEIJA-ME, IDIOTA (*Kiss Me, Stupid*, de Billy Wilder) ■ 1965: AS AVENTURAS ESCANDALOSAS DE UMA RUIVA (*The Amorous Adventures of Moll Flanders*, de Terence Young) ■ 1968: A LENDA DE LILAH CLARE (*The Legend of Lylah Clare*, de Robert Aldrich) ■ 1969: O GRANDE ROUBO DO TREM (*The Great Bank Robbery*, de Hy Averback) ■ 1973: TESTEMUNHAS DE LOUCURA* (*Tales That Witness Madness*, de Freddie Francis) ■ 1977: O GRANDE BÚFALO BRANCO /CAÇADA DA MORTE* (*The White Buffalo*, de J. Lee Thompson) ■ 1980: A MALDIÇÃO NO ESPELHO* (*The Mirror Crack'd*, de Guy Hamilton); APENAS UM GIGOLÔ* (*Just a Gigolo*, de David Hemmings) ■ 1991: THE CHILDREN (de Tony Palmer).

Filmes para TV — 1973: A TERCEIRA GAROTA DA ESQUERDA (*The Third Girl from the Left*, de Peter Medak) ■ 1974: SATAN'S TRIANGLE (de Sutton Roley) ■ 1983: MALIBU (de E.W. Swackhamer) ■ 1985: ALFRED HITCHCOCK PRESENTS) ■ 1986: FALCON CREST.

Documentário — 1970: THIS LAND IS MINE.

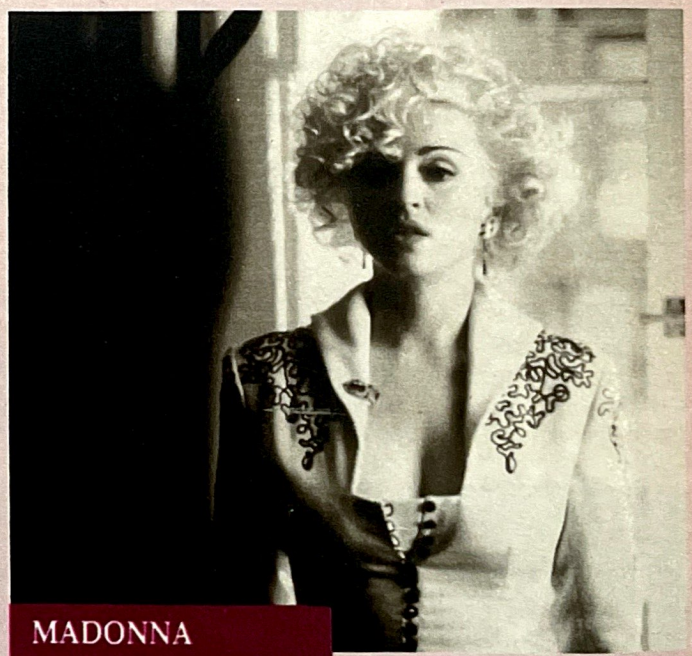
Curta-Metragem — 1973: CELEBRITY ART PORTFOLIO.

DEMI MOORE

Demi Guynes nasceu em 11 de novembro de 1962, em Roswell, New Mexico, EUA.

Columbia Tri-Star

1981: CHOICES (de Silvio Narizzano) ■ 1982: PARASITE* (de Charles Band); MÉDICOS LOUCOS E APAIXONADOS* (*Young Doctors in Love*, de Garry Marshall) ■ 1984: FEITIÇO NO RIO* (*Blame It on Rio*, de Stanley Donen); UM CASO MUITO SÉRIO (*No Small Affair*, de Jerry Schatzberg) ■ 1985: O PRIMEIRO ANO DO RESTO DE NOSSAS VIDAS* (*St.Elmo's Fire*, de Joel Schumacher) ■ 1986: VERÃO MUITO LOUCO* (*One Crazy Summer*, de Savage Steve Holland); WISDOM* (de Emilio Esteves); SOBRE ONTEM À NOITE* (*About Last Night*, de Edward Zwick) ■ 1988: A SÉTIMA PROFECIA* (*The Seventh Sign*, de Carl Schultz) ■ 1989: NÃO SOMOS ANJOS* (*We're No Angels*, de Neil Jordan) ■ 1990: GHOST — DO OUTRO LADO DA VIDA (*Ghost*, de Jerry Zucker) ■ 1991: NOTHING BUT TROUBLE (de Dan Aykroyd); MORTAL THOUGHTS (de Alan Rudolph); THE BUTCHER'S WIFE (de Terry Hughes).



Warner

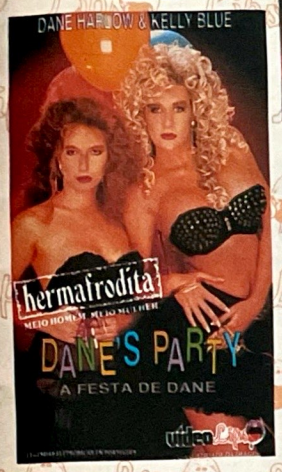
MADONNA

Madonna Louise Veronica Ciccone nasceu em 16 de agosto de 1958, em Pontiac, Michigan, EUA.

1985: UM CERTO SACRIFÍCIO (*A Certain Sacrifice*, de Stephen Lewicki); VISION QUEST (de Harold Becker) ■ PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE* (*Desperately Seeking Susan*, de Susan Seidelman) ■ 1986: SURPRESA DE SHANGAI* (*Shangai Surprise*, de Jim Goddard) ■ 1987: QUEM É ESSA GAROTA?* (*Who's That Girl*, de James Foley) ■ 1989: DOCE INOCÊNCIA* (*Bloodhounds of Broadway*, de Howard Brookner) ■ 1990: DICK TRACY* (de Warren Beatty) ■ 1991: NA CAMA COM MADONNA (*Truth or Dare*, de Alek Keshishian).

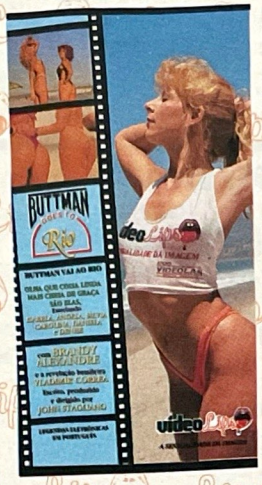
A SUA VIDEOTECA

A FESTA DE DANE



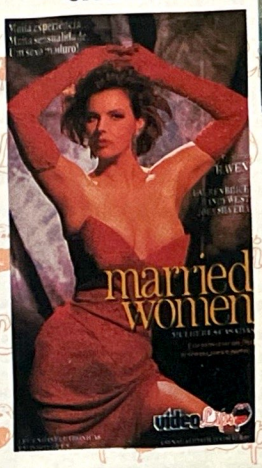
PAIXÃO DE SEDA

BUTTMAN VAI AO RIO



NEM TÃO INOCENTE

MULHERES CASADAS



A ASCENSÃO DA IMPERATRIZ ROMANA

VAI FICAR MAIS SENSUAL.

CICCIOLINA

vídeo Lips

A SENSUALIDADE DA IMAGEM

ASSISTA A ASCENSÃO DA IMPERATRIZ ROMANA II

PREÇO POR FITA Cr$ 8.180,00

Preencha o cupom ao lado e mande hoje mesmo para a Vídeo Lips. Ou se você preferir, ligue para as garotas do nosso telemarketing nos fones: (011) 444-3662/3852 e (011) 449-2577 e faça o seu pedido. Os pedidos de duas ou mais fitas ganham um poster. Temos mais de cem títulos em nosso catálogo à sua disposição. Vídeo Lips, a sensualidade da imagem. Fax (011) 449-2137

SIM, quero adquirir fitas da Vídeo Lips

Nome _____

CPF _____ RG _____

End. _____

CEP _____ Ass. _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Título	Quant.	Valor
TOTAL		

Caso o espaço não seja suficiente, anexe ao cupom a relação dos filmes que você deseja receber.

SET 49

ATENÇÃO: Custo do SEDEX a cobrar. Estou enviando cheque nominal à FAST VÍDEO COMÉRCIO LTDA. no valor de Cr$ _____

Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o para **R. Pde. Manoel de Paiva, 191 - CEP 09070 - Sto. André SP.** Prazo para entrega: 20 dias. PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 10/08/91.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson Pedro Gomes
Redatores: Deborah Peleias, Walter de Silva
Produtor Gráfico: Marcelo de Castro
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Colaboradores - Críticos: Alex Antunes, Amir Labaki, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto:** André Barcinsky, Camilo Rocha, Carlos A. de Mattos, Celso Pucci, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Eduardo Toaldo, Fátima Gigliotti, Helena Salem, Kid Vinil, Leonardo Caldas, Marcel Plasse, Marcelo Bernardes, Mario Mendes, Mario Nery, Paulo Masella, Ricardo Cota, Rogério de Campos, Wagner Almeida Silva. **Arte:** Jair Farias, Marco Antonio Justo, Murillo R. de Maria, William Amaral. **Fotografia:** Carlos Mancini, Rui Mendes. **Ilustração:** Luiz Gustavo. **Revisão e Preparação de Textos:** Marcos Antonio Gimenes

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisora: Rosangela Cassilio
SP-Contatos: Ana Maria S. T. Lobo, Jose Estevão Favaro
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenadores: José Soares A. Santos, Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex: (011) 83178. Fax: (011) 813-9115. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674. Fax: (021) 275-9347. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidores em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigidos de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: Julho/91. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP, Telex: (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER **Fotolito:** Repro S.A. Estúdio Gráfico. IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA & VÍDEO

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.

Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.

Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

SET 49

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 342-2204 e 252-6794 FAX, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

por Kid Vinil

LARANJA MECÂNICA

(A Clockwork Orange, 1971)

Antes mesmo de conhecer o filme em 1971, minha curiosidade já havia sido aguçada pelo livro de Anthony Burgess. Na época existia um enorme burburinho em torno da história, ou será estória?, de *Laranja Mecânica*. Imediatamente corri para a livrariamais próxima e adquiri o livro. O glossário no final, contendo as gírias, era fenomenal.

Veio então o filme de Stanley Kubrick. Não sou daqueles que assistem a um filme várias vezes. Só fui revê-lo cerca de dez anos depois, em meados dos anos 80. E agora para este comentário.

Laranja Mecânica criou até moda. Lembro-me que em 1987 existia uma loja em Kensington Market, em Londres, que vendia somente trajes do filme: as calças brancas, os coturnos e os chapéus usados por Alex e seus *drugues* (amigos). A geração punk se identificou perfeitamente com *Laranja Mecânica*. Hoje, diante de tanta violência, o filme nem causa tanto impacto. A realidade de agora já supera o horrorshow criado por Burgess. Mesmo assim o filme não foge ao rótulo cult-movie.

A fantasia criada exalava sexo. Alex tinha algo de glamour em suas vestes. Aquele olho pintado com cílios postiços dava um ar de androginia ao personagem, apesar de nunca ter passado pela cabeça de Stanley Kubrick um personagem bissexual. Pelo contrário, Alex e seus três amigos eram pervertidos sexuais e especialistas em estupros violentos. Tudo neles também remetia ao sexo. Os cinturões imitando sungas e até o disfarce do enorme nariz, como se fosse um membro ereto. Foi assim que eles atacaram a loiraça esposa do escritor numa certa noite. A chave de tudo estava na canção que Alex entoava enquanto cortava o vestido colante que a vítima usava. "Singin' in the Rain", cantada por Gene Kelly no musical homônimo, era revisitada e, desta vez, no mais alto grau de violência. Um contraste para aquela doce memória que tínhamos de Gene dançando na chuva.

Alex acabou se tornando um herói para a geração punk. Mesmo que não gostasse de rock, ele tinha os mesmos hábitos e havia uma certa identificação com o personagem. Seu quarto era o lugar sonhado por todos — quantos não passaram a ter uma cobra de estimação induzidos pelo personagem. O que mais chocava na decoração era aquela escultura de vários cristos dançando abraçados. A música da vida de Alex era o clássico e Beethoven era seu ídolo. A *Nona Sinfonia*, em especial, o enlouquecia, tanto que quase o matou. Essa imagem criada no livro de Burgess, de Alex ouvindo clássicos com os ouvidos colados entre as duas caixas acústicas no máximo volume, marcou bastante.

O ouvinte de rock é meio parecido — sempre gostei de ouvir o som alto e penetrar na música, como Alex o fazia. No final das contas, essa violência toda é tratada com humor, pois Alex, depois de preso e condenado, passa por aqueles tratamentos ridículos de lobotomia, e graças a sua tentativa de suicídio acaba sendo recuperado. O nosso herói volta a ser o que sempre foi: um pervertido sexual. Bem, vale destacar que a atuação de Malcolm McDowell no papel de Alex é impecável, talvez até seu melhor papel.

Kid Vinil é músico e apresentador de rádio e TV.

Warner

Alex (Malcolm McDowell), o punk futurista, voltando a ser o que sempre foi

SET

NINGUÉM É PERFEITO

Marilyn Monroe e Jack Lemmon em *Quanto Mais Quente Melhor* (1959), de Billy Wilder

Emoção tamanho família.

Na palma da mão
Super compacta, super leve, ergonométrica, a videomovie GR-AX 70UM da JVC oferece grandes recursos para que você possa gravar tudo, sem perder nenhum detalhe: zoom que vai de um plano geral ao close; inserção de data e títulos gráficos coloridos; cabeça apagadora rotativa que elimina ruídos e interferências

entre duas cenas; altíssima sensibilidade (3 lux), que permite gravações até mesmo com a iluminação de um simples abajur. Tudo, em apenas um toque.

No seu estilo de vida.
GR-AX 70UM cai como uma luva no seu jeito de viver. Muito prática e fácil de operar, permite gravar com absoluta rapidez e perfeição de imagens, os momentos mais importantes de sua vida. Ideal para viagens e aventuras. GR-AX 70UM COMPACT VIDEOMOVIE. Guarde para sempre emoções tamanho família.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011) 815-9144

JVC®

O Promoshop é a melhor, mais fácil e econômica maneira de se adquirir fitas para sua locadora ou consumidor final.

Sempre os melhores preços

Promoções

Facilidades

Brindes

- Promoções constantes
- Solicite o seu exemplar
- Catálogos a partir de Cr$ 2.950,00

Faça-nos uma visita sem compromisso, e pague tudo com cartão de crédito.

VIDEO LESTE

São Paulo - Rua 24 de Maio, 77 - 14º andar - São Paulo - SP - Cep 01041 - Cj. 1402 - Fone: (011) 222-9166 - Fax: 220-7462
B. Horizonte - Av. do Contorno, 8000 - Cj. 1302/3/4 - Bairro Centro - Cep 30110 - Fone: (031) 291-4763 e 335-4584 - Minas Gerais
Maringá - Av. Parigot de Souza, 198 - Cj. 02 - Cep 87013 - Fone: (0442) 24-8206 e 23-0570 - Paraná
Criciúma - Rua João Pessoa, 45 - sala 207 - Cep 88.800 - Fone: (0484) 33-7142 - Santa Catarina
Varginha - Av. Cel. José Alves, 361 - Cj. 301 - Cep 37100 - Vila Pinto - Fone: (035) 221-1641 - Minas Gerais

Nova Filial - Porto Alegre - Rua Pde. Chagas, 314 - Cep 90570 - Bairro Moinho de Ventos - Fone: (0512) 22-8920 e 43-9228